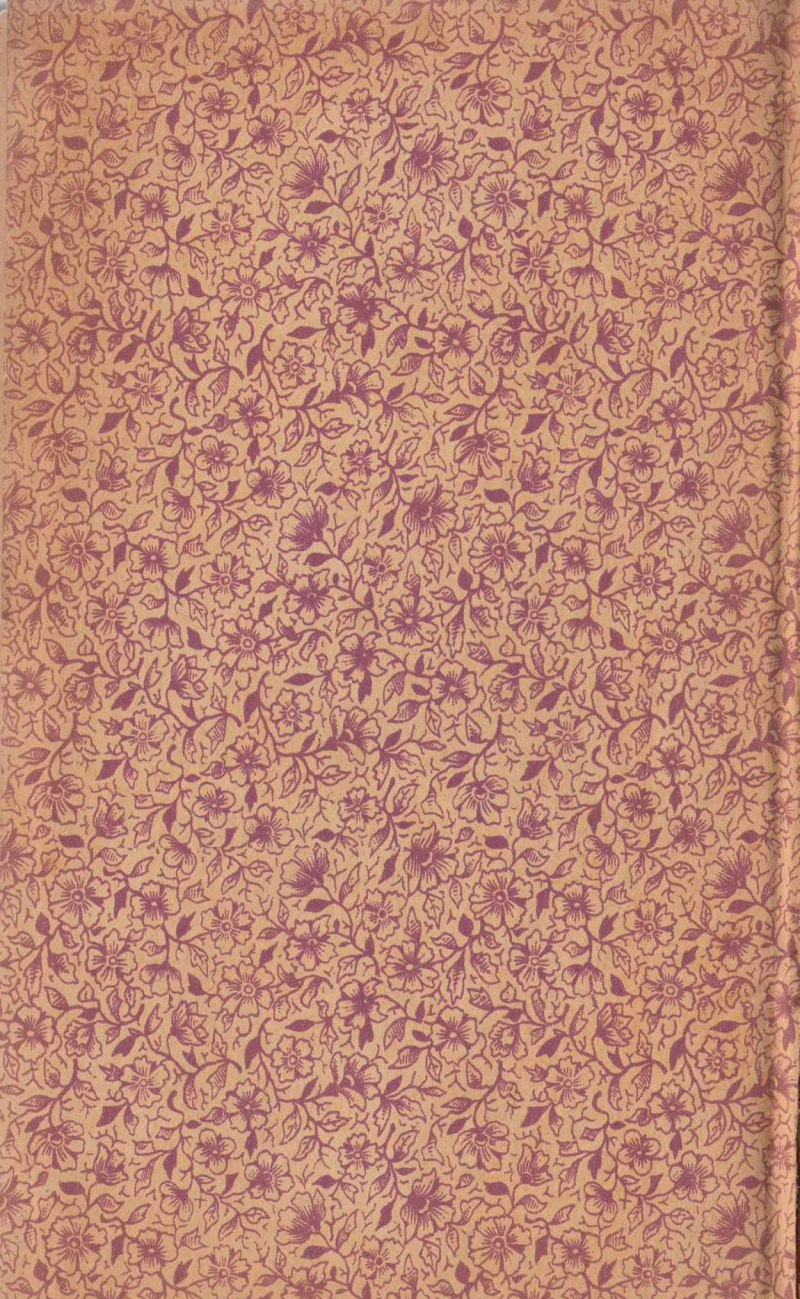


Obras Completas
de A. J. de Castilho



EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA
25, R. Augusta, 25 || 35, R. Livens, 37
- LISBOA.





OBRAS COMPLETAS
DE
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 3.

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — AMOR E MELANCOLIA.
- II — A CHAVE DO ENIGMA.
- III — CARTAS DE ECCO E NARCISO.

NO PRÉLO:

- IV — A FELICIDADE NELA AGRICULTURA.

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revisadas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

III

CARTAS
DE
ECCO E NARCISO

DEDICADAS

À SOCIEDADE ACADEMICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Seguidas de diferentes peças relativas ao mesmo objecto

NOVA EDIÇÃO



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA

R. Augusta 95 || 45, R. Ivens, 47

1903

Fortuna amorem pejor inflammat magis.

SENEC. in Herc. Oet. Act. II. v. 358.

ADVERTENCIA

Às

CARTAS DE ECCO E NARCISO

Quem se propozer ler este volume, saiba que vai devassar uma das obras de Castilho, que mais intensa vitalidade obtiveram perante o publico portuguez. E' esta a 5.^a edição nacional; outra de Paris, que Innocencio Francisco da Silva julga ser, em realidade, do Rio de Janeiro, não a conhecemos.

Alguns dos motivos por que o livro foi tão acceito, residem na graça do estylo, na frescura das côres, e na versificação, verdadeiramente musical; mas o que mais contribuiu para a sua fama foi, nos parece, a sinceridade no sentimento e nos affectos, e a opulencia nas descripções. Sim; a *verdade* com que tudo se apresenta n'esta *ficção* mythologica, é o principal predicado que dominou o espirito geral. Pode-se ser muito exacto, muito vivo, muito real, tratando assumptos convencionaes; mas essa victoria só a alcançam escriptores privilegiados.

E' bem sabida a fabula pagan de Narciso e Ecco; toda a geração contemporanea do juvenil Castilho, educada em leituras classicas, a conhecia a fundo :

A Nympha Ecco ennamora-se de Narciso, formoso mancebo, muito fragueiro, filho do rio Cephiso e de Liriope, filha do Mar. Entrevê-o, uma vez ou outra, de passagem para a caça; mal podendo conter se, declara-lhe em carta a sua sympathia.

Narciso não lhe corresponde; e porquê? porque ama outra. Essa outra, essa preferida rival da desditosa Ecco, é elle proprio.

Viu-se espelhado no liquido crystal de uma fonte, com o seu ar quasi infantil, o seu olhar azul innocente, o seu cabello loiro... e imagina ser uma Naya-de que o espreita. Se assoma á beira da agua, observa-a; se se retira, retira-se ella.

Entrega-se todo, o simples, a esse devaneio, e arde pela desconhecida. Insiste a desprezada Ecco, e porfia Narciso tambem nas suas esquivanças.

Não ha, como se está vendo, plano mais singelo, menos ataviado de enfeites. Para lhe dar vigor no desenho e variedade nas situações, foi preciso muito estro. Encontrou Castilho em si mesmo, na sua imaginação dos vinte annos, nos seus anhelos amorosos de mancebo a desabrochar, na inspiração da leitura nos antigos mestres, na creadora influencia dos amenos campos de Coimbra, todos os risinhos e faceis accessorios, em que envolveu a pobreza e inverosmelhança do assumpto.

De tudo isso, agrupado com mestria quasi consumada, nasceu uma serie de cartas, brotou este gracioso *dize tu direi eu*, que nos prende desde o principio como realidade palpitante. Tudo aquillo podia ter acontecido; quasi diriamos: aconteceu.

Ha ahi quadros episodicos, cuja chave explicativa poderia o Poeta entregar-nos; mas como não o fez, adivinha-os o critico. Especialisaremos apenas um: o passeio de Narciso e seus amigos, em barco, ao longo das margens ridentes do rio Cephiso. Isso é, sem tirar nem pôr, a pintura poetica, mas muito vivaz, do passeio de Castilho, em Maio de 1822, com seus amigos e condiscipulos, estudantes de Coimbra, Mondego acima, até á Lapa dos Esteios. Curioso traço, que nos mostra o moço artista já meio emancipado das copias de copia, já entregue a pinturas do natural, reproduzidas da existencia real. Serve isso para nos demonstrar quanto elle amava já a Natureza e a verdade.

Como assumpto ligado com o que vinhamos tratando, deixaremos aqui mais umas fugitivas observações:

Essa ideia de Narciso a mirar-se no espelho da agua foi aproveitada desde a antiguidade pelos poetas.

Virgilio na Egloga II escreveu, pondo verso e meio na bocca de Corydon:

*Nec adeo sum informis, nuper me in littore vidi
Quum placidum ventis staret mare....*

Tão disforme não sou; vi, não ha muito,
meu semblante nas aguas, que as aragens
não vinham encrespar....

Ovidio nas *Metamorphoses*, Livro XIII, escreveu por conta do ennamorado Cyclope:

*Certe ego me novi, liquidæque in imagine vidi
Nuper aquae; placuitque mihi mea forma videnti.*

Reflectido na liquida corrente
vi meu rosto inda ha pouco; e o que lá via
agradou-me...

Calpurnio põe na bocca de Astaco a mesma ideia,
e fal-o dizer, na Egloga II:

*Fontibus in liquidis quoties me conspicer ipse,
Admiror toties...*

Sempre que no crystal de aguas correntes
miro meu rosto, admiro-o...

Tudo (que poderia accrescentar-se) imitações eruditas do velho Theocrito, em cujo Idyllio VI o Polyphemo declara ter-se visto no espelho do mar, e não se ter achado tão feio como julgava, com o seu olho unico a afflorar-lhe na fronte.

Os nossos quinhentistas, seguindo a corrente classica, tambem trataram a mesma materia.

Mencionaremos apenas Pero de Andrade Caminha, que nos seus epigrammas VII a XIII se dirige a Narciso e Ecco. Valem pouco essas sete oitavas; a melhor é talvez esta:

Viu na fonte Narciso sua figura;
sem se entender, ficou de si vencido;
cuidou que era algũa nova fermosura,
que a fonte dentro em si tinha escondido;
em si mesmo tem já sua ventura;
cuida que longe a tem; vê-se perdido.
Quando vê que seu proprio amor o mata,
então menos se sóla, então mais se ata.

E basta de prologo.

Com a sua metrificacão deliciosa, os seus variados quadrinhos enfileirados como n'uma galeria, as explosões dos sentimentos amorosos dos annos inexperientes, e até com os seus altibaixos, falará melhor em seu favor o proprio poema, do que as observações dos mais abalisados criticos.

OS EDITORES.

PROLOGO DO AUTOR NA TERCEIRA EDIÇÃO

Annos ha que a segunda edição d'esta obra se acha exhausta; o editor, vendo que o publico ainda continuava a procural-a, me instava pela reimpressão, para a qual lhe havia promettido melhoramentos, com que este fruto de annos verdes sahisse mais sasonado, e digno, se possivel fosse, da benevolencia que lograva. De dia para dia se foi espaçando, até hoje, este trabalho; e o verdadeiro motivo d'isso confessal-o-hei agora sem pejo.

Sabia eu que, se procurasse fazer concertos n'este edificiozinho poetico, agradavel nas mostras de fóra, mas falto de toda a interior substancia, o veria a pedações cahir, e desfeito elle, só me achára com o terreno, onde para edificar de novo nem já animo teria, nem o ocio necessario.

Por outra parte, as mudanças, que em uma fabula já conhecida e amada se introduzem, ainda quando emendas sejam com que o livro se aprimore, não pouco detrimento causam ao seu effeito, como bem advertidamente notou o engenhoso Goethe.

Cumpria, litterariamente falando, enriquecer a fabula com variedade de incidentes, scenas, e contrastes; pôr cunho differente nos estylos segundo são differentes os dois caracteres a que as epistolas se attribuem; podar o luxo demasiado de descripções; apertar em justos limites o diffuso; pôr mais patria a linguagem; a phrase melhor gravada e colorida; e o metro, ennobrece-l-o mais a miudo, accommodando a mechanica contextura de seus sons com as distinctas indoles de seus assumptos.

Tudo isto me cabia reformar; porem não só me fallecem forças para o ousar, ainda dado que tão pequena coisa merecesse tamanhos trabalhos, senão que tenho por desperdício da tão curta vida despende em reparos de choupanas o tempo e forças que se podem empregar para mais valiosas fabricas, e mais duraveis. Lá virá dia na velhice, em que a minha Musa, aposentada ao canto, faça escrupuloso exame de consciencia; por ora, que moça é, deixal-a ir correndo, e peccando á sua vontade.

Sai por tanto esta terceira edição ainda não melhorada, nem nos mais obvios defeitos de sua poesia.

Hesitei sobre se deixaria ou não o prologo da segunda edição á frente d'esta nova; se não andasse impresso, ter-lhe-hia dado o caminho do fogo, que tantos outros meus escriptos teem levado, e que muito folgára tivessem tambem seguido não poucos dos que impressos com mais antiga data correm em meu nome. Pequeno appellidava eu aquelle prologo: nunca houve obra, que tão cabalmente correspondesse ao titulo. Mas, por que se não cuide que a mudança que os annos consigo trazem, me desgostasse d'aquella escola da bella Natureza, cujos interesses n'essas poucas paginas defendia, por melhor partido tenho o explical-as, em vez de as supprimir.

Passo por alto o resumo historico da poesia campestre; em todo elle ha pouco succo, nimia facilidade de julgar, mais superficie que profundeza, sobre os Autores Patrios diminutissimo e quasi nullo exame. Como mancebo tratei o assumpto; e se não puz falsidades (que não creio que absolutamente as pozesse), tambem não deixei riscado plano, que em escrever a historia de tal Litteratura se possa adoptar para roteiro. Vem depois uma especie de profissão de fé poetica; na qual, de envolta com os louvores aos poetas amenos e naturaes, se despedem encarecidas censuras contra uma poesia tumida e ficticia, que n'esse tempo parecia querer entre nós tomar pé; e digo n'esse tempo, porque já n'este em que estamos, nem d'essa nem de outra alguma maneira apparecem versos em nossa terra.

Confesso que a minha, aliás justissima, veneração,

para com o meu Gessner, offendida de que alguns meus contemporaneos, em vez de lhe tributar igual culto, o desdenhassem, lhes declarou uma guerra, quão pueril em sua causa tão excessiva no modo por que foi combatida. Se o meu particular gosto me inclinava para os autores do bello simples, era isso razão para os eu seguir; se os que mais alterosos remontavam ás regiões das nuvens, não sem perigo de graves quedas, rissem ufanos de minha humildade, era isso motivo, quando muito, para eu a revezes zombar tambem de suas extravagantes demasias; mas por elles abusarem do seu genero, não se seguia que o genero de si fosse máo, como de eu ser frouxo no meu se não seguia que fosse elle debil; pelo que, a uma parte do que ali deixei escripto deve a prudencia fazer o desconto do espirito fanatico de sei a. quem alheias intolerancias tinham tornado intolerante.

Hoje, que essas prevenções escolares de todo me deixáram livre, com os poetas de todos os tempos, e de todos os estylos me deleito; não conheço nem bom, nem máo absoluto, mas só mais ou menos imperfeito; faço o que de si diz Lucrecio: abelha em bosque florido a tudo vai provando o sabor; assim eu vou gostando quantos ditos preciosos se me deparam. A minha norma, já fóra de mim a não procuro; a variedade começa a ser o meu costume, e o meio o meu caminho.

Vai n'este volume, como na edição anterior, offerecida a derradeira parte a bagatelas relativas á obra. Bem quizera ter supprimido as duas cartinhas em verso, ás *Portuguezas formosas*, e ás *feias*, como coisas inteiramente vans de merecimento. Outro tanto devera ter feito ao *Processo de Cythéra*; mas leitores houve, cuja muita indulgencia os acolheu, sem completo desfavor: escapem ainda d'esta vez á proscripção de que não fico os salvem para o diante seus bons padrinhos.

Uma addição, de algum valor, fiz a esta miscellanea: é a fabula de Ecco e Narciso, extrahida do Livro quarto da minha Traducção completa das *Metamor-*

phoses de Ovidio, obra de prolixo trabalho, que, se m'o a fortuna permittir, pouco tardará que não saia a lume, com a versão lyrica, por mim feita, dos tres Livros de *Amores* do mesmo poeta. Na lima d'esses dois escriptos estou agora todo, como o requer a excellencia de tamanho poeta, e por isso tambem dou já aqui por acabado o prologo, que nem tão longo como vai quizera eu me tivesse sahido.

Lisboa, 26 de Janeiro de 1836.

PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

(1825)

Nos, quoniam magnus non adversatur Apollo,
Cantemus Ninfas, capripedesque Deos.

SANNAZARO.

A Poesia da Natureza, aquella que tem por objecto apresentar-nos os mais risonhos quadros campestres animados com toda a doçura e sublimidade do sentimento, é, sem contradicção, a mais bella, e verosimilmente a mais antiga. Considerando o andamento do espirito humano, deve-se convir em que a primogenita das Musas nasceu no meio das florestas, creou-se entre os amores ao seio da Natureza, cresceu nas cabanas simples dos primeiros homens. A sua fronte sempre risonha e serena não se coroou de loiros, mas de rosas e de murta; os seus passos eram ligeiros, o seu ar elegante, sem affectação de majestade, o seu traje um véo transparente. Foi ella e não Pan quem cortou a primeira canna, quem offereceu a primeira flauta aos pastores, quem lhes ensinou a tirar d'ella sons faceis e harmoniosos. Os primeiros cantos, que ella inspirou, tiveram por objecto descrever o amor em todas as suas differentes situações, e pintar os campos em todos os seus pontos de vista mais agradaveis.

¿Mas em que parte do globo nasceu esta Irman das Graças? ¿Quaes foram os primeiros mortaes, que ouviram os seus cantos? ¿Que bosques escutaram

primeiro esta linguagem terna e sublime? Eis ahí a *antiguidade da antiguidade*, como diz uma grande mulher. O vasto clarão do facho da Historia não allumia tão longe; um Oceano de seculos tenebrosos nos afasta d'esses tempos.

E' porém certo, que este ramo fecundo da Poesia foi cultivado, tem crescido, e se tem coberto de flores mais ou menos, segundo o terreno e as circumstancias lhe são mais ou menos favoraveis.

Os seculos da Natureza tinham já passado quando a Grecia floresceu; sobre as ruinas das cabanas tinham se edificado os palacios; os bosques, transformados em naus, cortavam os mares, e as vastas columnatas dos templos dos Immortaes occupavam o logar das arvores. O fausto estrondoso brilhava no seio de Athenas, e o valle de Tempe estava quasi deserto. Appareceram entretanto homens entre os Gregos, que podéram sahir do seu seculo, resistir á attracção da esphera, em que o acaso os collocára; homens guiados pelo Genio, que souberam procurar a Musa filha da Natureza, e a acharam por fim, sentada na solidão, ao pé da fonte dos prazeres e da ternura.

Mais corrompida que Athenas, Roma quasi deixou cobrir-se de espinhos a estrada que ali conduzia. A maior parte dos poetas romanos, que votaram a sua lyra aos amores, não fizeram senão offerecer um incenso corrupto á deusa de Paphos. Olharam-na mais como a fonte de prazeres meramente sensuaes, do que como a Mãe das Graças innocentes; trataram antes de seduzir as mulheres, do que de as amar. Quasi toda a poesia erotica dos Latinos é uma prova da corrupção da sua moral. Raras vezes descreveram os campos, e rarissimas os descreveram bem.

A Europa moderna tem produzido em grande numero excellentes modelos em todos os generos de Litteratura, e a Musa da Natureza deixou-se vêr em quasi todas as nações. Houve alguns homens que souberam ouvil-a, e repetir-nos os seus cantos; e os seus cantos fizeram as delicias dos corações sensiveis. Parece todavia que ella escolheu para seu domicilio a Allemanha e a Suissa, e que apenas de tempos em tempos apparece de relance a acceitar os cultos dos outros povos. Nunca a bella Natureza physica e a bella Natureza Moral teem sido bem des-

criptas, ou o teem sido pelos Allemães e Suissos. A sua poesia, que era geralmente reputada ou barbara ou nulla, apresentou-se emfim em todo o seu brilhantismo aos olhos dos estrangeiros. ¡Graças ao laborioso *Huber*! Este homem, zeloso pela gloria do seu paiz, com a sua traducção franceza da *Escolha de Poesias Allemans* * na mão, correu o panno, que nos escondia uma scena inesperada. O assombro e o applauso foi universal, quando em vez de um paiz esteril, que se esperava descobrir, se viu debaixo do ceo da Ursa o Parnaso coberto de bosques, bandos de cisnes, ora voando aos ceos, ora cantando nas margens serenas da Castalia, os valles de Paphos alcatifados de flores, Cythéra e Venus, os Cupidos e as Graças, Baccho e as Ménades sobre os cumes pampinosos de Nisa, a Tempe com as suas antigas cabanas, os rebanhos com os seus primeiros pastores, e estes na sua primitiva innocencia.

D'entre todos os poetas, cuja magia tinha d'este modo feito desaparecer os seculos novos, para reproduzir em seu logar a Natureza antiga, appareceu um genio incomparavel, que fixou no campo do gôsto as columnas impreteriveis, onde as Musas podem sem duvida gravar o *non plus ultra*; foi *Salomão Gessner*; o seu nome é o seu elogio.

Mas venhamos á nossa Patria, e digamos com franqueza, se o bello céo d'este paiz tem, ou não, produzido d'estes milagres; se as margens fecundas dos rios da Lusitania teem ouvido a flauta de Pan celebrar a gloria do amor. E' uma dura verdade, que nós nada temos ainda n'este genero; nada, se se não quizer considerar algumas pequenas faiscas de genio, que teem scintillado aqui e ali, e passaram n'um momento. A Musa de *Quita*, se a fortuna lhe tivesse dado a mão, poderia ter merecido um altar coroadado de rosas nas florestas de Gnido.

Este campo está pois entre nós intacto, e a sua cultura me parece ser de absoluta necessidade. O nosso gosto ainda não tinha amadurecido, e já se corrompe; a nossa poesia antiga não tinha toda a

(*) *Choix de Poésies Allemandes* par M. Huber. Paris 1766, 4 vol. em 12.º — *OEuvres de Salomon Gessner* do mesmo Huber, e de que ha immensas edições.

dignidade devida; a nossa moderna, á força de affectar sublimidade, tem-se tornado extravagante. Homens de mais imaginação que juizo, arrojaram-se acima das nuvens, vagaram por entre os astros, viram por toda a parte deuses; mas, esquecendo-se da terra e dos homens, mereceram que a verdade os desamparasse, e perderam todo o direito á estima dos amigos dos homens e da Natureza. Os loiros do nosso Parnaso teem-se desfolhado debaixo de uma chuva de gêlo brilhante. A tempestade continúa, o horizonte ameaça brilhar ainda muito tempo com o fogo dos raios em vez da claridade pacifica do sol. Os nossos jovens litteratos se acham na mais difficil posição sobre rochas escarpadas. *¿ Quem vocet Divum populus?* E' necessario salvar-os; e isto parece impossivel, se se não desfaz a nevoa que os cega, para poderem vêr a estrada florida de *Gessner*, e ir por ella até ao seio da Natureza.

E' necessario que appareçam bons modelos de simplicidade, bons typos do verdadeiro gosto: é necessario que se encantem os corações; que a verdade, hoje calcada e escarnecida, se levante com o brilhantismo de uma deusa, que lhes captive os olhos e a vontade. Se isto assim não fôr, as aguas da nossa Castalia se verão em pouco tempo convertidas em charcos horribes, os rouxinoes terão emmudecido, e não se ouvirá mais que o grasnido estrepitoso de um cardume de rans.

O desejo de uma gloria duravel é innato em todos os corações, é mais forte no dos litteratos, invencivel no dos poetas. Convençam-se pois aquelles dos nossos poetas, que ainda podem ser convencidos, de que os versos estrondosos e affectadamente sublimes teem actualmente o seu uso, como todas as modas teem o seu, mas que logo serão despresados e esquecidos; e que o natural e verdadeiro é bello em todos os tempos e em todos os logares. Concedo que esta revolução é difficil, mas emprehendam-na os homens de talento, os genios inspirados, e ella será feita.

Eu não levo tão longe o meu amor proprio, que me persuada poder ser um d'estes. Causas poderosas e óbvias me embaraçam de rivalisar com *Gessner*; mas protesto seguir sempre as suas pizadas. Dou por muito bem premiadas as minhas obras, quando os

entendedores as acolherem com a bondade com que acolhêram a minha *Primavera* *

A primeira parte das *Cartas de Ecco e Narciso* foi igualmente bem recebida, e espero que a segunda não será despresada; porque (se me é dado julgar das minhas obras) ha n'ella mais poesia, mais movimento, mais variedade de attitudes.

Mancebos, este genero de Poesia me parece tão fecundo quanto é novo em portuguez. Contento-me com a gloria de vos ter aberto este caminho; desejaria que, trilhando-o, colhesseis flores com vezes mais bellas que as minhas.—Deixae Jove e os Raios, Eolo e os Ventos, Neptuno e as Tempestades; esquecei-vos do Acheronte e das Furias; cantae a ternura, o amor, o prazer, os campos, e a felicidade. As vossas Bellas não adormecerão ao som de taes cantos, os litteratos vos darão as suas benções, e os vossos nomes passarão á posteridade.

* A PRIMAVERA, *Colleção de Poemetos* de Antonio Feliciano de Castilho Lisboa. Anno 1822. Em 8.º

A' mocidade academica
DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
DE 1821

DEDICATORIA

*Se pelos ceos da candida Minerva
é dado ao éstro levantar seus vôos;
se en're os estudos de immortaes Sciencias,
sem temer distrahir alumnos d'ellas,
póde um Cisne soltar mimosos cantos ;
se a Deusa do saber. e as castas Musas,
são mais que sócios, são irmans, são gemeas;
e entre as capellas do loireiro altivo
não se pejam de entrar humildes heras ;
filhos de Pallas, recebei meus cantos.*

*Vós, ó Genios, ó flor da Patria nossa,
flor de esperança, que dareis mil frutos,
como ouvir costumais, ouvi meus versos ;
affeita á protecção, de vós a espera
a Musa, que entre vós foi pouco e pouco
crescendo, alçando os sons, polindo o genio.*

! Oh doces margens do meu patrio rio !..
 ¡ quantas vezes ali, por entre os bosques,
 soltava, infante ainda, ao som da lyra
 tenues versos de espirito nascente !

! Graças, graças a ti *, Peixoto eximio,
 do Lacio Pindo interprete facundo !
 tu foste, quem primeiro o amor das Musas
 da sábia Roma me excitaste n'alma ;
 os altos versos do cantor de Eneas,
 os sons da lyra, que afamou Venusa,
 do amante de Corinna as ternas queixas,
 me fizeste exprimir na patria lingua,
 em cantos, que inda então soltava a custo.
 O' vate, cuja mão plantou meu éstro,
 oiha com brando rosto os frutos d'elle.

E tu, sabio cultor, que a tenra planta
 começaste a formar com teus desvelos,
 Elpino **, ¡ oh! sombra, que a saudade excitas
 do Tejo e Douro, da sciencia e musas,
 e da virtude, de quem foste a gloria ;
 tu, que já semideus no Elysio vagas
 com a branca fronte de laureis cingida
 entre os vates de Grecia, entre os de Roma ;
 tu, que extrahindo das doiradas cordas
 prodigiosos sons com plectro de oiro,
 os diu sos espiritos encantas ;
 tu, que lá, onde Heroes são gloria todos,
 celebrando os varões da patria terra,
 dos mais altos varões a inveja os tornas ;
 se acaso além da Styge as benções pôdem
 chegar de um vate, e as não despreza um nume,
 do vate, alumno teu, acceita as benções ;
 e agradem-te estes ais, esta saudade,
 que á saudade, que aos ais, que á dor ajunto
 das Dórides, das Tágides, que honraste.

! Oh doces margens do meu patrio rio,
 perdoae-me, se acaso ás Nymphas vossas,

* O Senhor José Peixoto do Valle, meu mestre de latim e de poesia, e muito bom poeta latino e portuguez.

** Elpino Duriense o Desembargador Poeta e insigne philologo Antonio Ribeiro dos Santos.

*Nimphas gloria de Amor, rivaes das Graças,
não levo, não tributo o novo canto,
que Amor entre ellas me-inspirou benigno!*

*No tempo do prazer suave e doce,
em que Minerva por um pouco as lidas
esquece, e vóa a repouisar co'os numes;
n'esses dias de gôsto, em que, exultando,
de novo é dado á mocidade alegre
repouisar entre os seus nos patrios lares;
quando a terra fecunda está sorrindo,
verdes e flôreos do arvoredos os ramos,
vestido o valle de verdura e flores,
mais sereno o horizonte, o sol mais vivo,
os perfumados zephyros mais brandos,
mais canora, mais terna a alada turba,
mais doce a fonte, e transparente o rio;
n'essa quadra amorosa, em que parece
Cytheréa, animar quanto respira;
n'essa quadra amorosa, em que vagueiam
simples, sem arte, por si mesmo bellas,
as tres irmans d'Amor, as nuas Graças,
estes versos cantei na terna lyra.*

*Nas selvas do meu Tejo | oh quantas vezes,
em quanto os modulava em fresca noite,
entre os amigos meus gozando a lua,
fui attendido, e repetiu meus versos
a amavel Nympha, cuja historia canto!
nós ouvimos, | oh dor! por entre as rochas
Ecco, ella mesma renovando as queixas,
as finezas, as supplicas, os votos
ao ferreo coração, que os desprezara.
| Parecia outro vate, outros amigos,
outra lyra, outra voz, iguaes em tudo,
por detraç dos rochedos imitar-nos!
| Quantas vezes ouvindo-lhe os suspiros,
e os ais, e os gritos de uma dor funesta,
sentimos de terror gelar-se o sangue,
e de piedade o coração partir-se!
| Quantas vezes do barbaro Narciso,
que hoje em flor chora em vão sua dureza,
vimos por terra languidas as folhas
cahir, como em signal de horror, de mágoa!*

¡Lyra! ¡Ó doce presente! ¡O estro! ¡Ó Musas,
quanto doirais meus agros dias!
comvosco a solidão me apraz, me-encanta;
comvosco a propria dor contém delicias;
comvosco é doce o mal, doce a tristeza.

Vós, férreas almas, corações de gêlo,
vós, a quem não deleita á fresca sombra
do Parnaso escutar Puerio côro;
p'ra quem debalde os Zephyros sussurram
na caverna fatidica de Cirrha;
p'ra quem debalde murmurando corre
por entre flores a Castalia fonte;
fugi, vulgo profano, e em vãos prazeres,
menos puros que os meus, e menos gratos,
passae a vida, abreviae-lhe as horas.
¡Longe, longe, almas frivolas, que odeio!
Separado de vós passar meus annos,
doirando com meu genio a sorte minha,
conservar sempre a lyra, e sempre honrar me
co'a santa inspiração da Aonia turba,
eis o que noite e dia aos Céos demando.

Se a Natureza me negou seus quadros;
se os fracos olhos meus não descortinam
o sublime espectaculo dos campos;
se de uma rocha no elevado cume
não me é dado sentir, gozar prazeres,
vendo um rio, que ao longe os prados corta,
vendo um ribeirão, que no valle gira,
vendo um bosque extensissimo e frondoso,
cujas cimas um zephyro meneia,
vendo as aves voar de um ramo em outro
por entre as flores tão gentis como ellas,
vendo como um pastor, de murta e rosas
coroa as tranças da pastora bella,
e um beijo em premio docemente furta;
se não me é dado, contemplando o mundo
ver, ¡ah! ver quanto é grande a Natureza,
co'as Musas meditando, eu sinto e goso
novas scenas, fantasticas, risonhas.
Finjo mil valles, que violetas ornem,
planto florestas, onde ajunto as Nymphas,
faço um rio correr por entre um bosque,
que em si retrata a abobada frondente,

*que o tolda e guarda, e d'onde chovem flores;
mando mil Faunos habitar as grutas,
dou rebanhos ao campo, aves á selva,
e graça a todo o mundo, e luz ás sombras.*

*Dest'arte, Socios meus, a Natureza
me vingá contra si, dando-me o estro.
E a quem, senão a vós, devo o meu canto,
socios e amigos, que adorais as Musas?
Ha vates entre vós, e amais os vates.*

*Benignos acolhei a off'renda minha,
dae-lhe vosso favor, deixae que os Zoilos
torpes, infames, desprezíveis, fracos,
soltem latidos vãos, que pune o riso.*

CARTAS
DE
ECCO E NARCISO

PRIMEIRA PARTE

CARTAS

DE

ECCO E NARCISO

CARTA I

Ecco a Narciso

Dos mancebos gentís ao mais amavel,
ao formoso Narciso, uma das Nymphas
saude, e o coração, e os ais dirige.

No tronco d'este choupo ella te escreve,
nas verdes margens do sereno rio,
que de contínuas lagrimas augmenta.
A's minhas expressões, aqui traçadas,
negar não poderás teus lindos olhos;
seguido de teus câes é teu costume
passares por aqui, mal rompe a Aurora,
indo á montanha a perseguir as fêras:
d'entre as annosas arvores occulta,
sem ser vista jamais, te vejo sempre.
Ou vás, ou voltes já no fim da tarde,
ao ver-te cada vez te amo de novo.
O fogo, que por ti ferve em minh'alma,
de dia em dia, mais e mais se ateia.

A trança d'oiro desatada ao vento,
teus lindos olhos, teu semblante amavel,
teu bello collo, tuas mãos de neve,
e a edade juvenil, e tudo encantos,
mostram-me ao vivo as perfeições de Adonis.

Ao ver-te eu julgo vêl-o, e digo sempre:
«Se Adonis era assim, não te envergonhes
de adorar um mortal, ó Paphia deusa.»
Mas Adonis... talvez que o mesmo Adonis...
não: nenhum dos mortaes chega a Narciso.
Nome querido . . jah ! ; deixa-me beijar-te!
tanto o meu coração se ensoberbece,
como exulta de gosto em te escrevendo.
De possuir-te ufano o duro tronco,
; engano-me ? ; ou produz folhagem nova ?
não, não é illusão ; eil-o mais bello,
mais fastoso, mais nobre se alevanta
entre mil choupos, que esta praia cingem.
Da gloria, que lhe dou, seu cume aos astros
vaidoso levará. Canoras aves,
vós n'elle resumi toda a floresta;
formae nos ramos seus os ninhos vossos,
em seus ramos cantae na madrugada.
Sua cima elevada além de todas
primeira gozará do sol os raios.
A' sua larga copa inda algum dia
os pastores, attonitos de vêl-o,
seu gado immenso espalharão á sombra;
virão cantar aqui na agreste flauta
sua ternura, seu amor constante.
Consagrado á paixão seja este tronco,
onde a mais terna mão gravou seus versos,
versos sem arte, só de amor nascidos.

Co'os repetidos ais meu seio treme...
sinto meus peitos inundar-se em pranto.
ah! correi doces lagrimas, que eu amo,
pois Narciso gentil é vossa causa,
e em vossa causa só descubro encantos.
Quanto nunca se amou, Narciso, eu te amo.
Porêm ; que digo ? ; amar-te ! é pouco ainda ;
tu és aos olhos meus de amor o nume.
Teu doirado carcaz, teu arco e frechas,
teus annos juvenis, imberbe rosto,
o som de tua voz, tua belleza,
tudo annuncia o deus, que as almas vence.
Feres os corações, como elle fere,
triumphas da rasão como triumphas,
roubas a paz aos corações mais livres,
lanças n'alma o cuidado, os ais produzes,

em sonhos de paixões o somno trocas.
Se um facho acceso tua dextra ornasse,
se azas d'ouro e de luz te revestissem,
nem mesmo a mãe de Amor vos diff'rençára!

Se as minhas expressões acaso leres,
não oiças sem piedade os meus tormentos.
Em lagrimas, em ais consumo os dias,
em lagrimas, em ais as noites vélo;
fujo, aborrêço as companheiras minhas.
Essas danças, que outr'ora me encantavam,
perderam para mim seus attractivos:
evito ver a luz, procuro as sombras,
nas mudas solidões penso em meus males,
nas ermas grutas longas horas gemo.
Essas cavernas, onde as fêras dormem,
onde teem seus covís leões e tigres,
de meu contínuo pranto estão regadas.
Ali suspiro sempre, e ; quantas vezes
não lanço olhos de inveja e de ciume
á leoa feliz, que está sem furia
seu esposo atagando entre os filhinhos!
Sua sorte é melhor que o meu destino.
Aquelle, que deseja, e por quem arde,
ella o acha, ella o tem, e o goza sempre.
O rei dos animaes não se envergonha
de arrastar os grilhões, que amor lhe lança;
os laços conjugaes nunca desdenha,
da existencia o prazer no amor apura.
Amor, de nossos bens fecunda origem,
é da vida o sabor. Sorri-se Venus
a quem a adora e busca, e de seu cinto
faz delicias chover sobre os amantes.
Quem não arde de amor, quem não procura
gostos celestes, que de amor só nascem,
em frouxa languidez consome os dias,
e desce á campá sem ter visto o mundo.
Quem não se acurva a amor, o ser lhe ultraja;
e o nume, que aos mortaes sempre é benigno,
então seu braço vingador levanta,
e um golpe, inda maior que o mesmo raio,
á sacrilega audacia impõe mil penas.
; Ah! ; defenda-te o céu de taes castigos!
A vingança do nume excede a todas;
mais tormentos não teem as fúrias mesmas.

Medita, pensa bem n'esta ameaça.
Pensa, cheio de horror, em mil exemplos
de calcadas, punidas esquivanças.

O vivente infeliz, que amor não goza,
é qual planta nascida entre penedos;
mal segura a raiz n'um chão de pedra,
os frios ares a perseguem sempre,
e á sombra dos rochedos não sentindo
luz, influxo, e calor do sol brilhante,
sóbe sem forças, infecunda vive,
as flores não produz que as Nymphas colhem,
e morre-lhe em si mesma a prole sua.
Tão triste condição Narciso evite.
Das Nymphas á mais terna, á mais constante
ceda seu coração, sua ternura.

Tu, que podes encher os nossos campos
de filhos, como tu, formosos todos,
tu, que podes ornar estas florestas
de nymphas novas que estas nymphas vençam,
; esta gloria a ti mesmo has-de negar-te ?
Não: vóa aos braços de quem só te busca,
pondo todo o seu bem n'um teu sorriso.

Talvez perguntarás ;quem sou, que tanto
ousou elevar meus temerarios votos?
;Ai de mim ! ;que farei ? ;dizer meu nome ?
Pela primeira vez taes sentimentos
dentro em meu coração se alevantáram.
Tu me fizeste conhecer que tinha
peito capaz de se inflammar de amores.
Esta a primeira vez que minha dextra
as ternas expressões tremendo escreve,
e o pudor me affogueia em quanto o faço.

;Declarar-te meu nome ? ;Ah ! ;não me atrevo !
Temo os Faunos, e os Sátyros do bosque ;
temo que possam d'este rio as Nymphas
entre risos zombar da nova amante.
Responde-me ; e se acaso ás queixas minhas
insensível não és, pede encontrar-me.
Então me lançarei entre teus braços,
então meu fogo sentirás de perto.

CARTA II

Narciso a Ecco

A' sua terna, incognita amadora
saude e branda paz Narciso envia.

Agora que inda mal nos céos começa
a descobrir a Aurora a face d'oiro ;
agora que inda a abobada celeste
não tem perdido as trémulas estrellas,
eu ia para a caça ; eis n'este choupó
á duvidosa luz descubro uns versos ;
meus passos vólto, e me approximo ao tronco.
Da parte oriental purpúreas nuvens,
que pouco a pouco se bordaram d'oiro,
de sereno clarão o valle encheram.
Com grandes, com distinctos caractéres
vi meu nome traçado ; apréssó os olhos,
e as ternas expressões da terna amante,
quaes oiço a cada passo, eu li sorrindo.

O' tu, que eu não conheço e que me adoras,
¿ quem és, ó Nympha, que teus duros males
em breve quadro enérgico descreves ?
¿ Arde teu coração como tu dizes ?
¿ Choras tu só por mim de dia e noite ?
¿ Sou eu tua esperança e teus cuidados ?
Mas eu não te conheço. ¿ E tu me queres
teus males imputar ? Ah ! cobra o sizo,
se é que tua razão cede a teu fogo.
Não conto mais que um anno após tres lustros ;
para as guerras de amor sou novo ainda.

¿ Tu dizes, que a paixão nos dá ventura,
que da vida o sabor só n'ella existe !
Treme do sacrilegio, apaga a chamma,
aos laços do cruel foge, se é tempo,
e expia o coração ante as virtudes.
¿ Graças aos céos ! eu desconheço o monstro,

mas assás tenho ouvido aos que o sentiram
do facho d'elle os barbaros effeitos.
Não te fies de Amor: pequeno infante,
sempre voluvel, de brincar só gosta.
Contentam-n-o as traições, co'o pranto exulta,
alegra-se em cravar profunda setta,
alegra-se co'os ais, que a dor arranca ;
géra os cuidados, os prazeres murcha,
faz o dia pezado, a noite horrivel,
troca os somnos pacíficos em guerra,
co'as tôrpes azas a razão nos venda,
traz comsigo o receio, a inveja, o odio,
e o ciume voraz, que a morte apressa.
Dá-nos a vida para a encher de angustias,
a existencia nos dá, para roubal-a
com seus venenos pérfidos, malignos.
Amor é filho de Caucásea rocha,
de tigre Hircana, ou de Megéra horrenda,
que do trilingue Cão gerou tal monstro.
Mas não : é sua mãe peor ainda ;
ella nasceu do sangue, ella formada
no seio foi dos revoltosos mares.
Seus momentaneos bens são como o raio,
que allumia voando, e deixa a morte.
Pérfida é Venus, pérfido seu filho,
ambos elles crueis, ambos perjuros.

Dissipa essa illusão: vê bem ;que scenas
de gloria, de prazer off'rece o mundo
aos que longe de amor seus dias passam !
Eu que não gemo, que a ternura ignoro,
no Sol que se alevanta acho doçura.
Alegro-me de ver como se espraíam
por estes ceos ondulações brilhantes.
Alegro-me de ouvir n'este arvoredor
sobre seus ninhos modulando as aves
as chammas, que eu não sinto, e que ellas sentem.
Doçura encontro n'este puro rio,
que os novos raios vão doirando agora.
Ao longe me sorri, toda enfeitada
d'entre os crystaes, selvatica e tranquilla,
das Graças tres a ilha deleitosa.
Encantam-me esta margem e a verdura ;
agradam-me estes zéphiros risonhos,
que em torno a mim fagueiros adejando,

em minha véste, em minhas tranças brincam ;
sua frescura meu vigor augmenta.
Estas flores, que a terra estão bordando,
cujos aromas veem trazer-me as auras,
enlevam meu espirito e me prendem.
Alegra-me acossar no monte as feras,
ver a lebre correr, notar a cerva,
que vai ferida demandar a fonte ;
diante de meus cães ver pressuroso
o veado correr, que se amedronta
co'os latidos dos férvidos mollossos.
Com gosto sigo o javali sanhudo,
que vai co'os dentes seu caminho abrindo.
Folgo de o ver cahir, perdido o sangue,
Buscar ainda de meus cães livrar-se,
e expirar revolvendo-se, e rugindo.
Attrai-me a pompa do arvoredado annoso,
trepar aos ramos, apanhar os ninhos,
colher agora a flor, agora o fruto.
Contenta-me um rebanho á fresca sombra,
que sobre a molle grama anda balando.
Suspende-me o pastor, que ao som da flauta
canta, e faz retinir seus arvoredos,
e a par d'elle o rafeiro attento o ouve.

Quando, depois de allumiar o mundo,
vai Phebo arremessar-se aos verdes mares,
da luz a despedida é deleitosa.
E' doce ver então como os pastores
para o seguro aprisco os gados levam ;
ver como os toiros, de lavrar cançados,
levam suspenso o arado, e vão tardios
esperar no curral que assome a Aurora.
Chega a noite : em seu manto os astros brilham,
a lua vem nascendo, os ventos dormem,
e o suave clarão desterra as sombras.
Junto da fonte o rouxinol gorgeia,
brilha tremendo docemente o rio ;
onde quer que me apraz, então descanso.
Se me aborrece o lar, durmo nos valles
entre a murta cheirosa, e sobre as hervas ;
durmo, se quero, nas musgosas penhas,
d'onde, antes de dormir, descubro o rio,
que o oiro e a prata em seu fulgor me ostenta ;
s omnoinnocente vem cerrar-me os olhos ;

durmo, e não sonho em miseros cuidados,
restauro co'o socego as forças minhas.
Vem a aurora acordar-me, e volto á caça :
vivo sempre feliz, e sempre alegre.

¿ E goza d'estes bens quem de amor cuida ?
Nympha, ¿ gózal-os tu, que assim me escreves ?
Recobra tua paz, foge a Narciso ;
em vez de procurar os seus abraços,
procura nunca o ver ; e até, se podes,
aborreça-te ouvir seu proprio nome.

Não supponhas que amor seja invencivel ;
quem o tenta vencer, quem o combate,
sempre consegue da victoria os loiros.
Foge das solidões, foge das grutas ;
é lá que na saudade o amor se augmenta,
e novas forças cada dia ganha.
De ti mesma te afasta ; e quando vires
que o traidor coração busca falar-te,
precisas de valor e de constancia,
impõe silencio ao coração rebelde,
do objecto perigoso a ideia afasta,
procura as socias, nas coréas entra.
Em vez do pranto, que espontaneo brota,
o riso imitem descoradas faces.
Bem depressa este engano, esta violencia
pode tornar-se em candida verdade.
Pensa na ingratição de quem adoras :
«Narciso é bem cruel, dize contigo,
«é um monstro feroz ; ¿ e devo amal-o ?
«Eu desejo seu bem, meu mal deseja ;
«procuro possuil-o, elle me fuge ;
«meu coração com elle é todo chammas,
«seu coração comigo é gêlo todo ;
«choro por elle, ri-se de meu pranto.
«¿Longe, insensato amor, amor funesto !»

Compara a minha sorte, e o teu destino :
o mundo para mim é todo graças,
angustias para ti é todo o mundo.
Quanto dizes de amor ¿ não vês que é falso ?
Sim, é falso ; ¡ai de ti ! tu mesma o sentes.
Quem livre dos grilhões do deus tiranno
a liberdade placida disfruta,

é qual viçoso arbusto em fértil campo,
que do sol goza a luz, calor, influxo;
aos ares largamente estende os ramos,
com força e majestade se alevanta,
parece em tempo breve o rei do bosque;
buscam-n-o as aves; buscam-n-o os pastores:
duros granizos, hórrida procella,
que as azas dos tufões no ar arrojam,
não descem para elle, e não o offendem.
Quem geme de Cupido entre as cadeias,
é qual amarga, venenosa planta
entre rochedos áridos nascida.
Os raios da manhan não veem doiral-a,
do meio dia o sol a custo a fere,
rodeia-a frio agudo, e nevoa grossa,
serpes malignas, que produz o monte,
volteiam-lhe em redor, mordem-lhe o tronco,
envenenam-lh'o mais, cortam-lhe as flores,
se algumas flores conservava a triste;
e quando Jove, as terras abalando,
faz rolar o trovão dos ceos em torno,
voa o raio voraz á rocha dura,
e em tempo inda immaturo a planta é cinzas.

¿Que buscas pois de mim? de mim te esquece.
¿Ver-te? ¿ah! ver-te não quero. Insana, fuge.
Mil nymphas, como tu, por mim suspiram,
mil nymphas, como tu, são desprezadas.

CARTA III

Ecco a Narciso

Narciso ! ¿ pude eu ler tuas palavras
no duro tronco, menos duro que ellas ?
Eu pude : e os olhos meus desfiz em pranto.
Por tres vezes senti tremer meus labios,
fugir-me a luz, enregelar-se o sangue ;
tres vezes desmaiei junto do choupo.

Depois de lido haver tua resposta,
Não, Narciso, disse eu, não fez taes versos,
de impiedade incapaz e de blasphemia
tremeria talvez, vendo-os escriptos.
É seu rosto dos ceos risonha copia,
das furias a expressão não lhe compete.
Sua mão delicada, encantadora,
essa mão d'onde pendem meus destinos,
não podia traçar o que me assombra,
os numes horrorisa, e chama o raio.
Algun malvado... mas ¿ que digo ? E' elle,
é Narciso, elle mesmo, o autor funesto.
¿ Não vi eu sua mão gravar co'a frecha
lêttas, que as frechas só gravar deviam ?
¿ Sorriso, insultador dos meus tormentos,
não vi nos labios seus ? ¿ pois que duvido ?
Foi Narciso, elle mesmo, o autor funesto !

Eu devia, cruel, seguir teu mando,
esquecer-me de ti, fugir de ver-te,
tirar do coração o amor sem fruto,
venenosa raiz de acerbos males.
¿ Mas hei-de combater contra invenciveis ?
Tu, que nunca de amor sentiste o jugo,
tu só podes dizer que amor nos cede.
Se amor cedesse a rígidos duellos,
inda folgára na innocencia m'ha,
inda meus dias deleitosos foram.
Mas eu, debil, eu nympha, eu que te vejo;

¿ podia acaso resistir ao nume,
que o ferro e o fogo tem, que os deuses prostra ?
Amor, sem ser sentido, entrou no peito;
á suave traição obstar não pude;
no fundo mais recondito e sensível
do puro coração, veio aninhar-se.
A minha confiança a pouco e pouco
foi ganhando o fallaz com vans promessas :
falou-me de mil bens para attrahir-me ;
eu mesma consenti no captivo ;
depois que me viu presa estar segura,
em furor converteu sua clemencia,
sujeitou deshumano os meus sentidos,
déspota sobre mim choveu mil males,
com dores infernaes feriu-me o peito,
em fogo devorou minhas entranhas,
fez meu sangue ferver, fel-o agitar-se,
offuscou-me a razão, roubou-me o somno,
e a minha antiga paz, e os meus prazeres,
tornou em cinzas, como faz ás flores
feroz incendio, que pegou nos bosques.

¿ E posso destruir quem tanto pode ?
Lendo a tua resposta, eu quiz tental o ;
tratei de combatel-o, e de livrar-me ;
mas dos exforços vãos zombava o Nume.
E' mais forte do que eu, viu-me rebelde,
lançou nos pulsos meus grilhões mais duros,
e a jugo mais cruel cedeu meu collo.
Sou qual ave infeliz, que poisa incauta
sobre enviscado, enganador raminho ;
quer as azas bater, fugir, tornar-se
aos socios seus, á liberdade antiga ;
cança-se, lida, e quanto mais forceja,
tanto se prende mais co'as plumas todas ;
desengana-se em fim ; desiste, pára,
e a seu férreo destino se abandona :
tal ás garras de amor me vejo entregue.

Mas, ideias sacrilegas, deixae-me.
Não : esse nume que vencer não posso,
não é quem de amargura enche os meus dias :
a minha desventura é quem me opprime ;
Narciso, em vez de Amor, tem culpa d'isto :
os crimes dos mortaes não são dos numes,

os duros corações Amor odeia;
de um férreo coração proveem meus males.

Vê pois, Narciso, quantos ais produzes;
vê bem de quantas lagrimas és causa.
Sente os remorsos das angustias minhas,
melhóra meu destino; ¡ah! por ti mesmo,
e pelas ondas paternaes t'ó peço.
Sé a tua sorte plácida, risonha,
te prende, te seduz, te persuade
a viver só nos bens, que off'rece o campo,
a fugir do prazer da Natureza,
requintado prazer, que a essencia apura,
e os humanos eleva além dos deuses,
se este mudo espectáculo dos campos
para os sentidos teus contém delicias,
sabe que a Natureza inda é mais ampla;
tens visto um pouco dos thesoiros d'ella,
mas d'ella inda o melhor não tens gozado.
Tem doces mimos, divinaes, supremos,
que em seu seio recata, e só concede
áquelles, que de amor as leis adoram.
Adora as leis de amor, goza estes mimos.

Se eu vivo sempre em ais, sempre em desgostos,
solitaria chorando entre os desertos,
não te faça tremer a sorte minha;
eu amo, e vivo em barbaro abandono;
de meus tormentos teu rigor é causa.
Mas tu, se amares, acharás ternura,
e a mais doce, e fiel correspondencia.
os fructos gozarás, que tu me negas;
sem jámais conhecer o que é desgosto,
invejado serás dos proprios deuses.

Uma espôsa ternissima, e constante...
¡que puro nome tão credor d'inveja!
uma benigna, carinhosa espôsa
te faria sentir quanto és amavel.
Quando, cançado de correr no monte,
no fim do dia aos lares teus voltasses
já fatigado, e de suor coberto,
adiante de ti correndo alegres
ladrariam teus cães; e a tua amante
te viria encontrar em teu caminho.

Seu rosto alegre da innocencia imagem,
seus abraços suavissimos, seus beijos,
os rizos, as perguntas, as caricias,
te fariam sentir, que eras ditoso.
Para te alliviar, te furtaria
aurea cadeia, d'onde pende a aljava.
Tirára de teu braço o arco ebúrneo,
nas melindrosas mãos o conduzira.
Sobre teus hombros lançaria o braço,
apertando-te ao seio, e muitas vezes,
como caçaste perguntára, e quando,
e a quantas feras arrancaste a vida.
Dir-te-hia, que saudosa em tua ausencia,
só se occupava em ti, pensando sempre
alguns perigos, que encontrar podias.
Temia os precipícios, as carreiras,
os bravos javalis, e ardentes lobos.
Desejava que o sol levasse o dia.
e a noite mais feliz em fim viesse
socegal-a, e lançar-te entre seus braços;
que, para distrahir os seus cuidados,
para t'as offerter andou tecendo
flóreas capellas, onde pôz teu nome;
que andou só para ti colhendo os frutos
mais doces, mais gostosos, que encontrára,
e entre a murta os guardou em seus cestinhos;
que, depois de não vêr-te o dia inteiro,
com tua volta se alegrava tanto,
como a tenra, lanigera ovelhinha,
que o pastor deixou só no rude aprisco,
se alegra, quando a mãe dos pastos volta;
que muito longo parecêra o dia;
que a noite ao pé do esposo é só momentos.
Isto, e mil coisas, que a ternura inspira,
dir-te-hia carinhosa, e de teus labios,
entre as palavras te roubára os beijos.

Á tua habitação quando chegasses,
a tua espôsa te mostrára alegre
de suas mãos as delicadas obras;
ramalhetes, festões, corôas, cêstos
de tenras varas com primor tecidos,
um brando leito de alecrins e murtas,
que ella cobriu de desfolhadas rosas,
de esponjas, de jasmins, de brancos lírios;

com toldo de alfazema, e de violetas
ella o teria ornado, e juntos ambos,
repoisáreis ali, brincando affaveis.
Os Amores, as Graças, os Prazeres
Brincariam tambem cercando o thóro.
Para durarem mais vossos affagos,
tarde viria o molle deus do somno.
A's venturas reaes, que então deixasseis,
seguiram-se phantasticas venturas,
e em sonhos fôreis outra vez ditosos.

Quando teu casto amor te dêsse um filho,
fruto primeiro de união tão doce,
; qual fôra tua gloria ao ver na face
do innocente menino as feições tuas !
O venatorio, asperrimo exercicio
deixáras vezes mil para gozal-o ;
com gosto, com transporte inexplicavel
vel-o-hias crescer, brincar no campo,
pelo pae, pela mãe chamar sorrindo,
para lhes perguntar de tudo o nome,
suas causas, seus prestimos, seus usos.
Correria contente aos teus abraços,
quando do monte aos lares teus viesses ;
dos mortos animaes dissera o nome ;
contara-te o que fez durante o dia ;
brincara com teus cães, co'a tua aljava.

Quando a idade crêscesse, eras tu mesmo
quem lhe havia ensinar a usar das forças,
brandindo as settas do infallivel arco.
Fôra menos fragosa ao lado d'elle
esta dura montanha : o valle, as selvas,
teriam para ti bellezas novas.
N'elle fitando mudamente os olhos,
bemdirias a esposa, em cujo seio
gerára o deus de amor outro Narciso.

; Mas onde me arrebató ? ; Onde me leva
de minha ideia o temerario fogo ?
; Ah ! Eu tinha esquecido os meus tormentos ;
julguei que era feliz, que era adorada,
que eu era a tua esposa... ; Oh ! ; dor funesta !
; a que doce illusão não vens seguir-te !
Tinha o sorriso sobre a face agora ;

entre diluvios de amargoso pranto
vieste dissipar o meu sorriso.
E' d'este modo que a estação do gelo,
se um pouco sobre os ceos, por entre as nuvens,
o sol nos deixa ver, logo o dissipa
co'as chuvas, co'os trovões, co'as tempestades.

Narciso, doce amor, unico objecto
de meus sentidos, por quem ardo e morro,
pensa n'uma infeliz, que tu só fazes.
A gloria de mudar a sorte d'ella
é só nas tuas mãos que a poz o Fado
Muda os destinos meus, serás ditoso
co'os bens, que o deus de amor aos seus promette.

CARTA IV

Narciso a Ecco

¡Ceos! ¡Que effeito surtio minha resposta!
N'esse momento, em que julgava extinctas
ver no teu peito para sempre as chammas,
vejo que o teu amor se irrita, e cresce,
e ao peso das rasões voando foge.
Teus ais, teu pranto, tua dor, teus males,
exacerbam-se mais; e mais nos pulsos
vão pezando os grilhões, que t'os roxeiam.
A tua confissão, e os teus martyrios
moveram-me á piedade e quiz livrar-te.

A' luz do facho, que a verdade empunha,
mostrei-te qual de amor o genio fosse;
seu imperio fatal pintei te ao vivo;
sentado t'ó fiz ver em ferreo throno,
ditando ferreas leis a seus vassallos;
consulta-te a ti mesma, e vê se eu minto.
Em vez de sceptro, em sua mão sustenta
horrenda vara de enleadas serpes,
que envenenam mordendo aos que o procuram.
Verde diadema de áspides o adorna,
que silvam sem cessar, e o somno espancam
de seu palacio lugubre, terrivel.
As vistas do cruel são como o raio:
os gostos, o prazer, converte em fumo.
Arde a seu lado abrazadora pyra,
que em ternos corações o fogo ceva,
fogo trazido das Estygias margens.
Em torno ao solio com medonho aspecto,
em vez das Graças tres, como se finge,
as tres Furias do Inferno o estão guardando.
Tem por ministros a sombria Inveja,
que morde, que ensanguenta as proprias carnes;
a pallida Tristeza em pranto immersa;
o Susto, que do chão mal ergue os olhos;
o Pavor, que estremece, e em cuja fronte

a grenha escura sem cessar se errica ;
a Blasphemia sacrilega, bramando
contra os Ceos, que despreza, e que provoca ;
o Odio cingido de sanguineas armas ;
o mirrado Ciume, envolto em trevas,
os bens alheios de travez olhando ;
a Discordia maldita em armas sempre ;
o Escandalo veloz de leves azas ;
o Genio da ruina e dos estragos.
Morre em cadeias n'este sitio a Honra ;
em Malicia o Pudor a essencia muda ;
a Paz na Inquietação lá se converte,
e a Morte a toda a hora em torpes aras
recebe em culto victimas chorosas.
De mil Amores barbaras phalanges
guardam sombrias a medonha estancia ;
d'ali ás ordens, que lhes dita o Monstro,
voam a commetter delitos novos,
a encher de males os mortaes e os deuses.

Sacrilego não sou; respeito os numes,
seu braço temo, suas leis adoro;
mas Amor não é nume, e se merece
um tiranno tambem gozar tal nome,
ergam-se altares aos leões e aos tigres;
queimem-se incensos ás sedentas feras,
que os rebanhos pacificos devastam;
façamos templos, consagremos votos
ás raivosas Euménides, e um culto
não se-negue na terra ao Cão trifauce.
A piedade, a clemencia, as leis propicias,
o amor, a rectidão, só faz os deuses.
Sêr, que opprime os mortaes, que os males forja,
que a innocencia atropella, o vicio escuda,
só da loucura adorações consegue.

Derruba pois esse idolo de ferro,
calca aos pés suas leis, vence, levanta
da liberdade a candida bandeira.
Das nuvens densas que teus dias turvam,
jah ! ;descobre outra vez teus horizontes !
Não insistas no amor ; e se tua alma
já não pôde existir, sem que o-supporte,
tens os deuses do campo, arde por elles,
terás paga melhor dos teus amores ;

tens os deuses dos rios, que extremosos
sempre teem sido pelas bellas nymphas;
ama quem te-agradar... porê m Narciso
não, não póde acceitar os teus favores.

Esse risonho e lisongeiro quadro
das glorias de hymeneu, qual m'o traçaste,
não me póde tocar, nem me deslumbra.
Vejo as serpentes através das flores,
vejo co'as flores a cicuta envolta.
| Tu me queres mostrar as lindas rosas!
As rosas murcham n'um só dia, e deixam
duros espinhos rígidos no tronco.
Amor é quem te inspira, amor te illude:
nos caracteres teus descubro as obras
do enganador, do pérfido Vendado.
Amor não tinhas, venturosa foste;
Amor te-inflamma, desgraçada vives.

| Aos laços de hymeneu ceder meus pulsos!
¿ Que me pedes? | Vê bem! | Vê bem que arrôjo!
¿ Pretendes despenhar-me entre essas vagas
de um tormentoso mar, d'onde os amantes
querendo atraz volver, volver não podem?
A túmida corrente os arrebatava,
as ondas em montão sobre elles fervem;
do fundo ao lume d'água, ante seus olhos
os monstros surgem, que o terror lhes lançam.
Não ha práia opportuna, onde se acólham;
pela morte se chama, e tarde a morte
vem da vida livrar taes desgraçados.
Os laços de hymeneu produzem dores,
os laços de hymeneu não se desatam.
As venturas do esposo estão pependentes
do coração da espôsa, e da constancia.
Em peito feminino não ha firmeza;
o que hoje adoram n'outro dia odeiam;
do que hoje as attrahiu, ámanhan fogem,
e em nada muito tempo acham doçura.
Eu sei das nymphas o voluvel genio;
em seu primeiro amor nenhuma insiste,
escuta-as cada dia um novo amante,
e é só o variar que as não desgosta.
¿ Qual de vós não é fabula dos campos?
Nos versos dos pastores tenho ouvido

mil vezes referir a infamia vossa.
Sempre novas paixões, novos desejos,
vos prendem, vos dominam, como as ondas.
que uma apoz outra vão tocando as praias.

O tempo não descança, o tempo voa ;
remedio, que a razão não soube dar-te
para os martyrios teus, virá co'o tempo.

CARTA V

Ecco a Narciso

Se a tua ingratidão, se os teus rigores,
para livrar-me d'este amor não bastam,
; como esperas do tempo um tal prodigio?
Póde o tempo extinguir ligeira chamma,
mas não póde os vulcões, que me devoram.
Perde commigo seu costume a ausencia,
e o Lethes mesmo, se buscasse o Lethes,
não soubera extinguir memorias tuas,
e em vez de as apagar, as redobrára.

Não : já minha paixão não tem remedio ;
é forçoso já agora amar-te sempre,
crescer com teu rigor minha ternura.
¡O' morte ! ; ó doce amiga ! unica esp'rança
d'aquelles, que o destino opprime injusto,
se eu podesse morrer, eu te buscára.
; Sorte infeliz das amorosas nymphas !
dos humanos o bem não vos é dado.
Meu mal egualará co'a eternidade,
os annos correrão com pé tardío,
e seculos sem fim verão meu pranto.
Morada do silencio, Estygios bosques,
sitios, onde co'a vida os ais se acabam,
; não me é pois dado suspirar por ver-vos?
Não, ; amante infeliz ! Narciso e o Fado
para a tua desgraça as mãos se deram :
; Deverás sempre amar, e amar sem fruto !
Esta idéia de horror turva meus dias,
pensando n'ella o espirito desmaia.
Esta ideia de horror é meu verdugo,
que sem me assassinar, me fere sempre.
A tua crueldade, os teus despresos,
são continuos dragões, que me atassalham.
Gotteja sangue o coração ferido ;
já para tanta dor não sou bastante.
A' força de soffrer estes combates,

sinto-me ás vezes de repente em furia;
da desesperação me entrego ás iras,
e mudada em rancor minha ternura
parece desejar feroz vingança.
N'estes momentos não existe o mundo,
dos Arbitros dos Ceos então me esqueço,
e o mesmo deus de amor audaz provoço
Brilham meus olhos como brilha a chamma,
inflamma-se meu rosto, o pranto cessa,
perturba-se a razão, e incerta a lingua
intenta de vingança horrendos votos.
Mas longo tempo a agitação não dura;
a negra tempestade eis se dissipa,
meus justos odios n'um momento acabam,
e em vez de meu tiranno, és meu querido.
Então nos olhos meus o pranto ferve;
com moribunda voz, entre soluços,
logo a Narciso, a Amor perdão imploro;
mas se o tenho de Amor, Narciso é surdo,
nunca chegam meus ais a seus ouvidos.

Uma doce, fiel melancolia
vem por grãos serenar minha alma anciosa,
com seu manto envolver minhas ideias.
Passeio solitaria estes desertos;
esta muda tristeza, em que me absorvo,
parece dar a tudo o seu negrume.
As arvores, os prados, as collinas,
flores, verdura, zephyros, cascatas,
aves, rebanhos, o Cephiso, as margens,
os mesmos vastos ceos, o sol, e o dia,
tudo sombrio aos olhos meus parece,
e tomar viva parte em meus desgostos.
¡Ah! se o tronco, se a rocha se enternecem,
¿serás tu mais cruel, que a rocha, o tronco,
e o mal não sentirás de que és origem?
¿Tens por ventura um coração de bronze?
¿Tens em teu peito diamantino escudo?
¿Qual das duras Euménides mais dura
no ventre infame te gerou tão fero?
¿Que tigre te nutriu co'o proprio leite?
¿Quem tua alma formou na tenra infancia,
contraria á rectidão, e á Natureza?
Não; a amavel Liríope não trouxe
dentro em seu seio tão indigna prole;

nem o Cephiso placido, amoroso,
um filho como tu gerar podia:
outros foram teus paes, não os ultrajes.

! Mas que digo ! ! perdoa a minha insania;
eu te quero abrandar; eu te provoco,
e em vez de teu amor, teu odio chamo.
Desculpa as expressões em fel banhadas,
que a dor inspira, e o coração reprova;
desculpa-me, e perdoa, e sê mais brando.

Só tu meus males voluntario forjas;
e se inda gózo bens, de que és origem,
nada tenho em taes bens, que agradecer-te;
tu m'os dás sem querer, e amor os colhe.
O sol me agrada mais quando te vejo,
cobra o dia comtigo encantos novos,
singular ornamento os floreos valles.
Quando tu passas, eu te vejo, e noto
teu ar, tuas feições, tuas maneiras.
Nunca dos passos teus, e de teus olhos
afasto a vista, e me arrebatto em ver-te.
Saís do nosso arvoredor, e vais ao monte;
meus passos precipito, e corro ao campo,
por onde tu passaste, e ali desprendo
lagrimas doces, que a ternura exprime.
Se te vi repousar sobre a verdura,
sobre a mesma verdura o corpo lanço;
julgo ainda sentir na fria relva
o suave calor do meu Narciso;
beijo-a mil vezes, e abraçando os troncos,
penso abraçar-te com transporte e fogo.
Ferve a imaginação, desprende as azas,
em phantasticos bens então me engolfo.
Julgo escutar-te compassivo e meigo
com vivas cores teu amor pintar-me.
Nós formamos então sagrados votos;
juramos ser fieis, ser extremosos.
Eu te beijo, eu te abraço entre caricias,
e Venus sobre nós seus gostos chove.
Quanto goza uma esposa a mais querida,
eu me sinto gozar entre teus braços,
invejada talvez das deusas todas.
As flores colho, que teus pés tocaram;
orno com ellas minhas longas tranças.

Apêrto contra o seio os duros olmos,
onde encostado repoisaste um pouco.
Fólgo de respirar as mesmas auras,
que tinhas respirado. A fresca noite
no tenebroso curro enfim se avança :
vem a lua aclarar os ceos e o mundo.
Junto de um cedro antigo então me assento,
sobre marmórea pedra, e junto á fonte.

O sombrio espectaculo dos campos,
das aguas o murmurio, o som das folhas,
as rans grasnando ao longe, o mocho triste
soltando a espaços luctuosos guinchos,
e o doce rouxinol de quando em quando
gorgeios desprendendo em verde arbusto,
lançam-me n'alma placida tristeza,
tristeza, que augmentar desejo ainda.
Recostada no braço eu fico immovel
longas horas olhando a argentea lua ;
o silencio me apraz, o amor se augmenta,
e no amor infeliz acho delicias.

¡Em que ideias minha alma então se engolfa!
«O' lua, digo eu só, tu que dominas
«sobre o cume dos ceos, vês todo o mundo,
«tu vês nos braços dos fieis esposos
«as esposas fieis estar dormindo,
«cançadas de prazer e de venturas ;
«tu vês amantes, que o retiro buscam,
«fugindo occultamente ao lar paterno,
«só para se entreter em seus amores ;
«tu vês pastoras cautamente abrindo
«a porta a seu pastor pela alta noite ;
«tu vês as nymphas, que o Cephiso habitam,
«sahir das vitreas grutas, esperando
«sobre seu musgo seus queridos faunos ;
«tu ouves ternos ais, queixumes ternos
«de tristes malfadados amadores,
«que choram junto ao lar das vis ingratas :
«mas tu não podes vêr, formosa deusa,
«nem amante melhor, nem mais afflicta.
«¡Ah ! não vês tu Narciso, o meu ingrato ?
«que faz elle ? ¿onde está ? seus lindos olhos
«mesmo agora talvez que te contemplem ;
«¡talvez que o mesmo objecto olhemos ambos !

«¿Mas pensa como eu penso? ; estará triste?
«¿sentirá, como eu sinto, um fogo occulto?
«¿Aquella que o adora, e de quem foge,
«estará porventura em sua idéia?
«O' lua, tu que vês, tu que penetras
«os nossos corações, e as almas d'ambos,
«¿não sabes quanto é duro o meu Narciso?
«Talvez estará só, quando podia
«ter-me a seu lado, contemplar comigo
«na doçura da noite, e nos prazeres,
«que a noite traz commigo, e a noite leva.»
Um momento depois : — «Elle já dorme,
— digo eu mesma commigo — ¿e acaso sonha
«n'aquella, que o deseja e que despreza?
«¿Será também cruel nos mesmos sonhos?»

Tens visto o duro estado, e a guerra infausta,
em que o dia consumo, e passo a noite;
¿e a tua compaixão negas-me ainda?
Sê mais justo commigo, e teme os deuses,
não fez debalde o ceo tal formosura.
Dos annos colhe a flôr, que se a não colhes,
murcha e desfeita cahirá na terra.
Olha como as sollicitas abelhas
das rosas na estação jámais descançam;
e ora aqui, ora ali seu mel procuram.

Modera o genio duro, ás mesmas feras
tão agra condição não competira.

CARTA VI

Narciso a Ecco

! Ah! deixa por piedade, eu te conjuro,
deixa, extremosa nympha, os teus excessos.
Eu t'ó rógó por tí, pelos teus campos,
por Jove, por teus paes, quem quer que sejam,
por Venus, por Amor que tanto adoras;
poupa os queixumes, teu desgosto acaba.

Insensível não sou, chóro em teus males,
as tuas afflicções á dor me obrigam,
mas não posso findar teus infortunios.
Ao culto, ás leis da virginal Diana
eu mesmo consagrei meus sentimentos.
Sigo seu exercicio, acosso as feras,
não temo o javali, não fujo d'elle,
mas temo o cego amor, e d'elle fujo.
Quando a lebre veloz ao longe passa,
para a lebre ferir eu deixo as nymphas.
Uma virgem ternissima e formosa
deixo ás vezes de ouvir, para no monte
ver meus rapidos cães voar á preza.
A pelle de um leão, com que me cubro,
dá-me glória maior, que se colhesse
nos combates de amor triumpho honroso.
A minha paz, a liberdade minha,
digno preço não teem no mundo todo.

Nunca senti amor, mas sei qual seja.
Seus exemplos fataes aos velhos oiço,
seus exemplos fataes descubro eu mesmo
n'essas, que térras só por mim suspiram.

Attrahir sôbre mim duros cuidados,
voluntario lançar-me entre cadeias,
arrojar-me em vulcões de accesas chammas,
eis o que pedes, ¿ deverei fazel-o?
Inhumano não sou, teus males sinto;

mas se quer uma victima teu fado,
para abrandar seu barbaro flagello,
não seja sua victima Narciso.

¿ Tu me chamas blasphemo ? Os Ceos teem raios;
minhas blasphemias Jupiter castigue.
Não : maldizer de amor, chamar-lhe insano,
despresal-o, fugir-lhe, e, se podésse,
seu culto destruir na terra toda,
sacrilegio não é, nem mesmo é culpa.
Quando amor era brando, então foi nume.
Nos puros tempos candidos, doirados,
amor, que era benigno, era virtude.
A innocencia, o pudor sem leis, sem penas,
castos mantinham divinaes costumes.
As cadeias de amor eram de rosas,
não reinava o ciume entre os humanos.
era sonho aos mortaes o nome *crime*.
O tempo destruiu tão puros dias,
fugiu vertendo lagrimas Astrêa,
e os seculos de ferro enfim brotaram.
Veio com elles o tropel das culpas,
e as Furias suas mães por seus algozes.
No contagio moral da raça humana
amor, o deus melhor que o mundo tinha,
tambem se fez cruel, fallaz, impuro ;
então se armou de venenosas frechas,
negro facho accendeu no fogo Stygio,
mudou seu riso em carregado aspecto,
de rijo ferro nos forjou cadeias ;
suas honras trocou, já quer suspiros,
o pranto, as afflicções e o mesmo sangue ;
os homens, que até ali chamava filhos,
hoje escravos nomeia, hoje os esmaga.
Se adorámos um pae nos tempos d'ouro,
na ferrea idade um despota deixemos,
envolto no desprezo e na vergonha.

Põe de parte a paixão, que te allucina ;
vae, consulta a razão, busca a verdade.
Do Cephiso meu pae nas santas margens
vôa de Themis ao sagrado templo.
Quando entrares no bosque, onde elle existe,
expia-te primeiro, e vae sem susto,
por entre os antiquissimos loireiros,

a demandar o Oraculo infallivel.
Tu mesma escutarás sua resposta;
saberás qual Amor co'os homens seja.
Depois que infesto, assolador diluvio
em ermô, em solidão mudára a terra,
o bom Deucalião, e a amavel Pirrha,
sós escapados ao geral naufragio,
foram buscar o Oraculo de Themis.
¿E a resposta da deusa acaso ignoras ?
«Ide, lhes disse, renovae o mundo,
«mas não busqueis a Amor; de Amor nasceram
«os delictos, que os Ceos assim puniram
«c'o a geral extincção da humana especie.
«Arrojae para traz as duras pedras ;
«por ti, Deucalião, os homens nasçam,
«por ti, ó Pirrha, o melindroso sexo.
«Fugi, torno a dizer, ao deus funesto,
«malvado autor da perversão dos povos.»
;Tal foi de Themis o sagrado annuncio !
Tu, que me adoras, deixa-me que siga
as vontades da deusa, o meu descanso.

As festas annuaes estão chegando,
que em honra a Venus n'estes campos fazem.
D'ellas te afasta, nega-lhes teu culto ;
e se entrares no numero insensato
das nymphas, que a seus pés off rendas levam,
se humilde e baixamente aos pés da Estatua
queres ir arrojar-te e fazer votos,
jah ! não lhe peças, que a Narciso mude ;
excede a seu poder este prodigio.
Roga-lhe que te apague as vivas chammas,
que a doce e antiga paz te restitua,
se a clemencia e o poder distingue os deuses.

Esquece-te de mim, não mais me escrevas,
triumpha de ti mesma, e sê ditosa.

CARTA VII

Ecco a Narciso

Em torno d'este choupo, onde me escreves,
a terra brotará só duros cardos ;
virão sempre dormir entre seus ramos
horridos mochos, horridas harpias ;
à copa sua os esfaimados lobos
virão tragar as candidas ovelhas.

Mais duro cada vez, mais deshumano,
tu respondes, ingrato, aos meus extremos ;
affectada piedade em vão me finges,
teu coração de bronze assás conheço.
Se ao culto, ás leis da virginal Diana
votaste os annos teus, imita a deusa.
Bem que siga o pudor, bem que se chame
o nume tutelar das castas virgens,
; quem ha que não conheça os seus amores ?
Látmeos rochedos, declarae se vistes
outro fogo jámais, que eguale o fogo,
com que a deusa buscava o doce amante.
Tão lindo como tu, mas não tão fero,
o nobre Endymião na verde gruta,
nas horas da ternura e do silencio,
pela amavel Latónia era acordado.
Sem máos olhos temer, longe da inveja,
passava junto d'ella amenas horas.
; Não tem o mundo seus mimosos filhos,
immensas nymphas e o famoso Etólo ?
; Quantas vezes de noite os pegureiros,
quando ao fresco luar cantando estavam,
junto da serra em flórida collina,
viram do ethéreo carro a branca deusa
descer ao grato sítio envolta em nuvens !
Segue seus passos ; imitar os deuses,
eis seu culto primeiro, eis o mais nobre.

¿Serás tu sempre assim, duro, severo,
intratavel, sombrio, deshumano ?
¡Ah ! cumpre mitigar teu agro genio,
os trabalhos da caça um ocio pedem.
Precisas revezar tuas fadigas
co'os risos, c'o a ternura, e co'os prazeres ;
perde-se o arco retezado sempre ;
para melhor servir deve affrouxar-se.
Se em continúa borrasca o mar fervesse,
¿que barreira livrar podia o mundo ?
as praias arrancando, as engolira,
e em diluvio sem fim jazêra o globo.
Se após o inverno desabrido e feio
não viesse a estação que as flores gêra,
precursora da nitida Pomona,
¿que fôra dos mortaes ? ¿e quem duvida,
que a terra voltaria ao turvo cháos ?
Se nunca Marte depozesse a lança,
a humanaraça em victima baixára
aos tristes deuses, que respeita o Orco.
Mas das armas o deus, ás vezes desce
do ferreo coche, que precede a morte ;
depõe o escudo, o capacete, a malha,
e entre os abraços da benigna Venus
vai o horror esquecer de seus combates.
¿E o que a Marte convêm rubor te excita ?
¿Póde o que o não deslustra, deslustrar-te ?
Nenhum dos Immortaes é mais soberbo,
mais zeloso da glória e dos triumphos ;
mas cede ao deus de amor, e não se pêja.
¿Só tu não cederás ? ¿és mais que Jove ?
¿mais que os deuses do Ceo, do mar, do abysmo ?
¿Horrorisa-te acaso o seu imperio ?
¿Quão mal conheces o Menino alado !
Nunca o sentiste, ¿e julgal-o tyranno ?
¿Quem tanto te seduz ? Tua alma ingenua
figura o deus de amor, qual o desenham
os gelados, decrepitos pastores.
Seus cantos contra nós, e contra Venus,
quaes ouvido terás, eu tenho ouvido.
Suas falsas razões não te seduzam ;
já para elles tem passado o outomno,
o estio, a primavera de seus annos ;
gemem da vida no horroroso inverno.
Para elles o sol mudou-se em trevas,

converteu-se o calor em fria neve,
desfolharam-se as flores, e em seu peito
já quasi morto o coração não bate.
N'este estado infeliz os abandonam
as doces sensações da mocidade.
Sobre a borda do tumulto, que os chama,
sentam-se inertes, e d'ali troando,
blasphemam das paixões da Natureza,
quasi phantasmas, que o terror inspiram,
em tom funereo, em sepulcraes accents,
praguejam contra os bens de amor nascidos,
bens que buscaram n'outro tempo anciosos.
Amor os não castiga, elle os despreza,
qual faz a abelha aos desfolhados lyrios.
A desesperação e a dura inveja
de almos prazeres que lhes nega o mundo,
as suas reprehensões em fel converte;
contra o sexo innocente, e que os despreza,
por vingança talvez, injurias soltam.
Quem ouvé sua voz suppõe que todas
somos mudaveis, perfidas, perjuras,
monstros p'rigosos, barbaras sereias,
que á morte docemente os attrahimos.
Enganam-te, Narciso, elles te invejam;
e abusando da placida innocencia,
desejam-te afastar d'altas venturas;
foge d'elles, ¡ ah ! ¡ guarda-te de ouvil-os !
Se ha Nymphas, quaes suppões que todas sejam,
todas não creias taes como tu finges.
Constancia, rara fé, pudor, virtude,
inda, quaes d'antes, entre nós se encontram:
o vicio de uma não infame a todas.

¿ Que receias de amor? Amor contigo
sempre será benigno, e sempre o mesmo.
¿ Receias que jámais a esposa tua
possa um momento resfriar de amar-te ?
Conhece-te melhor ; ¿ quem ha que possa
não adorar Narciso um só momento ?
¿ Temes que o nume aligero revôe,
que depois de prender-te ousado fuja ?
Sê mais justo com elle ; Amor que ultrajas,
nunca te castigou, nem te foi duro.
E' talvez por te amar, que te perdoa,
e encadeia a teus pés milhões de nymphas.

; Innumeros laureis não tens na frente ?
; Tropheos sobre tropheos não se te ajuntam ?
Elle dá-te o vencer em seus combates,
sem que tente uma vez ferir teu peito;
; se o quizesse fazer não poderia ?
Generoso contigo inda tem sido,
mas treme de irritar sua clemencia.
Não o provoques mais, talvez se cance
de taes profanações em seus altares.
Dá-lhe teu coração sem que te obrigue,
e acolhe esta paixão, que é obra d'elle.
Elle vai-se int'ressar na sorte minha ;
não duvides, Narciso, escuta os votos
que eu fiz de Venus nas sagradas festas.

Veio o dia solemne. Ao santo bosque,
antes que a aurora descobrisse a face,
as nymphas todas concorrido haviam.
Em brancas vestes, as que a terra habitam,
a frente ornaram de engraçadas murtas:
mais triste do que as mais, eu ia entre ellas.
Após estas as Naiades formosas
iam com cintos de azuladas côres :
seus pés mimosos, seus mimosos braços,
e o seio divinal era patente.
Seus humidos cabellos se adornavam
com cheirosos botões da flor de Venus,
entre plantas aquaticas dispostos.
As flores, que produz fecunda a terra,
eram nosso collar; mas em seu seio
rubros coraes, e perolas brilhavam.
Depois d'estas os Satyros se viam
misturados co'os Faunos, co'os Pastores,
turba sempre incomposta e sempre alegre.

Nós chegámos enfim do bosque ao centro.
O templo onde Dione acceita o culto,
é risonho, engraçado, e não tem pompa.
Cedros un'dos a muralha formam ;
um tecto de jasmins ao sol prohibe
que possa vêr a Deusa e seus mysterios.
E' seu altar um marmore redondo,
de arbustos aromaticos cingido ;
é sobre elle que a deusa acceita os cultos.
Sua estatua de cedro encanta a vista,

obra das mãos dos engenhosos Faunos:
é nua toda; o melindroso gesto
vivo parece respirar de amores;
voluptuoso prazer por mago encanto
lança nos corações a vista d'ella.
Tem a seu lado o alígero Menino,
que ella mesma parece estar c'roando
com lindas rosas, que tirou do seio.
Nós entrámos no templo; o bosque todo
rescende com suavíssimos perfumes,
que ardem junto da deusa em larga pyra.
Nós cantámos o hymno á Mãe das Graças,
e ao sacrosanto altar voámos todas,
para lhe apresentar nossas off'rendas.
Cobriu-se n'um momento a lisa pedra
de ramalhetes de escolhidas flores,
de rosas em festões, e soltas rosas,
tenros casaes de candidas pombinhas,
ninhos implumes de amorosas aves,
e aureos pomos, que em parte ao vivo mostram
o pudor virginal na côr purpúrea.
Assustada, e tremendo, e vergonhosa
á deusa me cheguei com pé tardio;
pequenino cabaz de unidas vêrgas
com dois pombos fieis entre seus filhos,
a seus pés fui depôr com os olhos baixos.
¿ Precisarás também que te repita
qual foi minha oração? Tu bem o sabes;
só tu dos votos meus o objecto foste;
qual nunca te adorei, eu te adorava.
Se o que é já sem limite inda se augmenta,
n'estes instantes meu amor crescia.
Tu nunca mais gentil me pareceste;
toda cheia de ti, minha alma anciosa
ardia por voar ao lindo seio
da terna deusa, a referir meus males,
males, cujo remedio é só Narciso.
Não precisei da voz para rogar-lhe;
qualquer ligeiro olhar entende Venus;
sua vista sagaz penetra as almas,
vai ler nos corações os seus segredos.
Basta um suspiro, um movimento, um gesto,
uma lagrima só, um susto, um nada,
para a deusa entender nossos martyrios.
Não lhe pedi vingança; as minhas vistas

ternura e languidez só figuravam.
Cem vezes com inveja, e com ciume
olhei no templo as companheiras minhas;
não duvidava que da causa mesma,
d'onde vinham meus ais, os seus viessem;
via tantas rivaes, quantas as nymphas.
Em quanto os deuses rusticos dos bosques
á Mãe de Amor com alta voz rogavam,
vi-te ao longe passar pela floresta.
; Que escapa aos olhos de uma terna amante?
Olhaste o nosso templo, e te sorriste,
e foste avante despresando o culto.
Do profanado altar voei ao lado,
escondendo entre as mãos o rosto afflicto;
férvido pranto derramei sobre elle.
Pedi ao nume alígero vingança,
pedi que fosse o coração rasgar-te.
; Ah! se os desejos meus não me illudiram,
eu vi seus olhos accender-se em raiva,
sua dextra apertar seu arco eburneo;
; Se o visses como eu vi!..Treme, inhumano;
Sê mais digno de Amor, as leis lhe adora.

CARTA VIII

Narciso a Ecco

¿ Feimas em perseguir-me ? ¿ Inda não cédes ?
Está bem ; deixarei estes logares,
irei as féras procurar mais longe.
A causa de teu mal vai ser distante ;
talvez que d'este modo o amor se acabe.
Se nas minhas tenções achas fereza,
Põe a tua vingança, e o meu castigo,
nas mãos do deus, que recebeu teus votos.
Se na estátua do aligero Menino
viste os certos sinaes de raiva intensa,
contra o profanador de seus altares,
elle me seguirá para ferir-me;
seu fogo e tiros não serão sem fructo ;
serei mais infeliz do que és tu mesma,
e terás um tropheo nos meus estragos.

¿ Mas pensas que o receio, ou que me pode
seu arco intimidar, e as frechas suas ?
Se é terrivel Amor, é só co'os fracos ;
pequenas forças repellil-o podem ;
mais escravos não tem que os que se entregam.
Eu provóco seu braço, eu desafio
as suas legiões, e as nymphas todas,
e sempre me rirei dos seus esforços.
Se é, como dizes, poderoso nume,
os soberbos castigue, os seus defenda ;
dê-te o socêgo, a paz, que lhe votaste,
e roube a minha paz e o meu socêgo.
¿ Mas que digo ? ¿ Eu me pejo, eu me envergonho
de chamar a duello um deus tão fraco !
¿ O desprêso sómente, eis minhas armas !

Se inda queres nutrir inuteis chammas,
que Narciso cruel busca apagar-te
só para mitigar as dôres tuas ;
se inda não queres destruir teus ferros,

pesados ferros, que tentei quebrar-te,
cumpre os desejos teus, sê desditosa,
sustenta-te de lagrimas, de queixas,
e farta o coração de horror, de angustias.

De todo perde as frivolas ideias,
que de esperanças vans inda formavas.
Mais duro cada vez será Narciso ;
excusas de seguil-o, e de escrever-lhe,
vencer não poderás sua constancia.

Fica, sê mais feliz e mais contente,
e de um tiranno esquece-te, se podes.

CARTA IX

Ecco a Narciso

Li tua carta... ; e que faria ao lê-la ?
Pallido o rosto, enregelado o sangue,
cahi tremendo em subito desmaio.
Olhou-me n'este estado alguma nympha ;
chamou as mais, levaram-me piedosas,
insensivel ainda, á minha gruta.
Lançaram sobre mim da fonte as aguas,
mil soccorros benéficos me deram,
; pude, pude outra vez tornar ao dia !
; Ah ! ; se eu fosse mortal então findára,
acabaram-se então meus infortunios !
Porém torno a viver, e se é possível,
inda mais infeliz do que era d'antes.

; Ao mallogrado amor a infamia accresce !
Todos falam de mim: já não se ignora
que essas lettras nas arvores gravadas
de minha dextra e coração partiam.
; Que farei ? .. ; demorar-me, onde se aponta
a desgraçada amante, e se escarnece ?
; Que farei ? disse eu mesma, ; eternamente
ser infeliz, e supportar ludibrio ?
Narciso não fará que eu não o siga ;
já que dos braços meus tiranno foge,
a vista ao menos o terá presente.

Assim pensava ; e as lagrimas emtanto
regavam como orvalho a fria relva.
De tudo quanto existe, e de si mesma,
minha incerta razão se extraviava.
Cria-me solitaria entre as mais nymphas:
até de meu amor, até das chammas,
que dia e noite o coração me abraçam,
parecia esquecer-me ; a ausencia tua...
só ella em meu espirito reinava.
Fugirás, fugirás, me disse eu mesma,
já que o tiranno, o barbaro te foge.

Socias outr'ora da innocencia minha,
da minha insania agora testemunhas,
nymphas, vós que no amor achais encanto,
porque amor para vós não é sem fruto;
campos selvagens, lugubres florestas,
ondê errante, e gemendo, é sem destino,
tenho dado meu pranto a meus desastres;
valles sombrios, áridas montanhas,
vós cujo seio em tenebrosos giros
de impávidos mortaes a audacia quebra,
vós que á sombra de abobadas eternas,
e ao som terrivel das secretas fontes,
uma infeliz mil vezes escondestes
desfeita em ais, em lagrimas banhada;
Cephiso, ó doce e placida corrente,
que as almas sem paixões assemelhando,
nunca rompes insolito caminho,
mas tranquillo, pacifico, risonho,
por campos sempre verdes te espreguiças,
flores, conchas unindo, areia, e relva;
tu cujas praias longamente ornadas
de bosques, onde o inverno apenas toca,
teem pasmado talvez ao ver-me a face
tão outra do que foi, quando era alegre;
aves filhas do bosque, e seus encantos;
doces manhans da flórea primavera,
vós cuja Aurora afugentando as sombras
prazer aos ternos corações inspira;
doces manhans da flórea primavera,
vós, que em nosso horizonte, e em nossos campos,
tendes graça maior que em todo o mundo,
vós, que eu já celebrei na lyra d'oiro,
sobre a collina, ao desfazer das sombras,
quando, jah! quando feliz vivi sem ferros;
risos, danças, canções d'estes logares
;renunciar-vos, esquecer-vos cumpre!!!

O despota cruel de meus extremos
té para o gosto me roubar de olhal-o
deixa estes sitios, estes sitios, onde
viu infante da aurora a luz primeira.
Aos campos, que adorou, seus olhos nega;
fugiu... je para quê! Para levar-me
o ultimo bem, que sobre a terra eu tinha,
cevar os olhos meus em meu tiranno.

; E ha-de tanto poder a crueldade ?
; E ficarei... sem elle?... Adeus, ó selvas,
valles, montanhas, prateado rio,
autor do objecto que meus dias turva,
amaveis nymphas, innocentes aves,
flores, noites, manhans rivaes do Olympo ;
vou seguir o cruel por toda a parte.
Para longe d'aqui fugir não póde ;
vós, vós o retereis, inda que á força,
ó dos campos nataes, almas delicias.
; Mas se o monstro for tal, que vos-esqueça !...
onde quer que elle fôr hei-de segui-lo ;
nos ermos areaes abrazeados,
onde a Lybia produz só bravas feras ;
nos pólos, onde o gêlo se amontôa
de mil invernos sobre o gêlo antigo ;
lá onde escassamente aclara Phébo
de noite, quasi eterna, horrendas sombras ;
lá onde o mimo da estação das flores,
a rosa, o lyrio, os zéphyros, a gramma,
os mortos campos animar não sabem ;
lá mesmo, sim, lá mesmo hei-de seguir-te.

Disse ; e ás nymphas de súbito arrancada
por um terno furor, voei aos bosques.

No mais sombrio, e mais antigo d'elles
para aqui, para ali vagava incerta,
qual Bacchante, que agita Ogygio Nume.
Feria o seio, as inflammadas vistas,
para os ceos arguir, nos ceos fitava.
A minha indignação cobria os deuses,
porque a pena dos mãos aos deuses tóca.
Não se embravece mais, nem mais deseja
dura vingança a tortuosa serpe,
se acaso foi de incauto pé trilhada.
Sahi d'este logar ; em taes momentos
todos buscava, e aborrecia todos.

¶ D'esta escarpada, horrenda penedia,
trazida pelo amor cheguei ao cume.
Medonhos, despenhados precipicios,
asperas silvas, e covis de feras,
e tudo que temer podia outr'ora,
despresei furiosa, e vim sem custo...

¿ Sem custo ? ¡ Ah ! minhas mãos e as faces minhas
ensanguentei nos rigidos abrolhos ;
no rude mato minha loira trança
prendeuse no passar, despedaçou-se.
Ide, dizia eu mesma, ide, eu vos perco,
restos gentis de uma belleza inutil ;
conserve as graças quem o amor encontra ;
ser bella e delirar, e arder sem fruto
torna os despresos mais crueis ainda.
N'este altivo cabeça em fim parando,
encostei-me n'est'arvore, onde escrevo.

Descia o tardo sol na obliqua estrada
já por detraz dos montes do occidente ;
por entre os arvoredos, que os revestem,
brilhava um ceo que arrebatava os olhos.
Perdendo em fogo, redobrando em graças
o Autor da luz, o Páe da Natureza
meigo, risonho adeus aos campos dava.
A folhagem dos plátanos e cedros,
as ondeantes cimas dos loireiros,
os carvalhos, e os choupos, se toucavam
co'o brilhante crepusculo da tarde.
Puro, sereno, azul todo o horizonte ;
o oiro e a viva purpura tingindo
o lado occidental ; as frescas auras
brandas sahindo das musgosas fontes,
nas rosas perfumando-se e nas murtas ;
o socêgo pacifico dos valles,
só perturbado co' o rumor das folhas,
e das correntes, que dos montes descem ;
a noite pouco a pouco a passo lento,
imperceptivel, envolvendo os ares,
e a face descobrindo a branca lua,
e as aves melancolicas da noite
sôbre o cume dos lugubres ciprestes
soltando a espaços lutosos guinchos ;
Narciso ! ¡ que espectáculo, que scena ! ...
Que scena tão capaz de arrebatarm-me,
de trazer-me ao prazer, e aos bens da vida,
se os bens da vida, se o prazer podessem
entrar n'um coração, que despresaste !
Co' a mão na fronte, meditando e muda
encostada fiquei n'este árduo tronco
entre delicias, sem saber gozál-as.

Avidos olhos de redor lançando,
pedia mudamente ao valle, ás selvas,
e a toda a Natureza o meu Narciso!
¿Meu?... ¡ah! Se foras meu, não me queixára,
não gemeria entre asperos rochedos,
estaria guardando o meu thesoiro.

Percebi finalmente um som confuso
de cães alegres ao volver da caça.
¡O clamor se approxima! — É elle, é elle —
me diz o coração, batento á pressa.
Oh! Prodigio de amor! O pranto acaba,
e quasi voluntario aponta o riso.
Sem saber o que faço, eu vou lançar-me
através de horrorosos precipícios,
descer aos valles, procurar-te e ver-te;
mas ... pondéro qual sou, qual és, e fico.
«Narciso ha-de passar, basta que ao longe
«vejam meus olhos quem fugir-lhes busca.

Disse; e lançando minha vista aos bosques
por onde já teus cães ladravam perto,
vejo os molóssos teus, e não te vejo.
¡Um terno coração receia tudo!
Seus fieis animaes voltam sem elle;
¡o meu perseguidor talvez é morto!..
¡Louco mancebo! ¿Por que tanto a caça
era os cuidados teus, e os teus desvelos?
¿Não sabias que o monte encerra os lobos?
¿Não sabias que as proximas florestas
habita o javali? ¿Como ignoravas
que o rapido leão persegue ás vezes?
¡Louco mancebo! ¿Por que tanto a caça
era os cuidados teus, e os teus desvelos?
Talvez extinto por cruel serpente
n'algum valle ignorado, escuro, e frio,
nos horrores da morte arquejas, morres;
golfando em rios mesmo agora o sangue,
dás ao lirio talvez a côr das rosas.
¡Mas ah! se o coração não fosse ingrato,
as tuas perfeições bem mereciam
sorte melhor que a do innocente Adonis.
¡Louco mancebo! ¿Por que tanto a caça
era os cuidados teus, e os teus desvelos?

Eu dizia; e frenética voava
já para te buscar no mundo inteiro;
quando o som da trombeta os ares rompe,
fêre os ouvidos meus, conheço, e fólgo;
e um momento depois eu te descubro
sahir da escura abobada das selvas,
e novo Endymião brilhar co' as armas.
Do teu alvergue do arvoredo entraste;
perdi-te, eis o prazer morre em tristeza.
;Eis-me não já raivosa, antes submersa
em lugubre, fatal melancolia!
Toda a noite velei, curtindo em mágoa
as longas horas, que julguei mais longas.
Os ventos das montanhas acordando,
a pouco e pouco ergueram-se, e rugiram;
travaram guerra co' os annosos troncos;
e horivelmente sibilando em furia,
nuvens e nuvens condensando em serras,
lua, estrellas, á vista me roubaram.
Róla ao longe o trovão, que se approxima;
relampago fugaz illude as sombras;
e com muito fragor dos ermos campos
ora aqui, ora alli os raios cruzam.
;Temeria? ;E de quê? Não ha receios
para quem soffre o mal de teus repudios.
Guerra e sombra infernal cobria a terra;
não via ao longe o teu alvergue, ou antes
não via ao longe do meu nume o templo;
d'este nume cruel, que os raios vibra
a quem o adora, a quem lhe offerta incenso.
Não o via, e meus olhos se fitavam
nas trevas sem cessar do sitio caro.
As minhas reflexões, minhas ideias,
reconcentrando em si minha alma afflicta,
nem aos ouvidos meus nem a meus olhos
davam sentir dos ceos a luz e o estrondo.
;E como pode um coração, que luta
de indómitas paixões entre as procellas.,
as procellas sentir da Natureza?

;Ah! se eu fôra mortal, com gosto vira
voar das nuvens os medonhos fogos,
crestar os ares, abater os troncos.
Poderia esperar que o Summo Jove

algun raio piedoso emfim mandasse
a victima de amor tornar em cinzas.

Correu a noite emfim ; desponta a aurora,
e o ar purificado acceita as luzes.
No mesmo instante, em que o brilhante Phebo
nos ceos orientaes se descobria,
restaurando o prazer aos flóreos campos,
da cabana sahiste, ó bello ingrato ;
teu caminho notei, segui teus passos,
bem que tomaste insolito caminho.
Mudaste o sitio de caçar no monte,
; mas não fugiste ! ; Recebei mil graças,
ó dos campos nataes almas delicias !

; Mas que faço ! ... ; Onde escrevo ? ; Ah ! n'este tronco ! ?
; Sobre este cumê inhóspito ? ; Que insania !
Narciso por aqui passar não póde,
minhas palavras não lerá Narciso.
Fica ao menos, funesto monumento
da mais viva paixão, da mais inutil !

; Arvore antiga, os ventos não te quebrem !
E se algum fauno, ou satyro trazidos
da desesperação, inda algum dia
lerem os versos, que em teu tronco eu gravo,
meus males lendo, os males seus esqueçam,
sintam piedade, e lagrimas derramem.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

CARTAS
DE
ECCO E NARCISO

SEGUNDA PARTE

CARTAS

DE

ECCO E NARCISO

CARTA X

Ecco a Narciso

Por piedade, Narciso, inda esta carta,
inda esta e nada mais: lê-a; e se podes
por piedade tambem sóta um suspiro.

N'uma clara manhan de primavera,
entre as flores nasceu de um prado ameno
léda, subtil, pintada borboleta.
Deu seu lindo matiz inveja ás flores,
suas azas aos zéphyros inveja.
Em seu formoso adejo, em suas danças,
sobresahia ás companheiras suas.
Cada raminho, airoso em tórno d'ella,
mansamente ondeava, e parecia
convidar mudamente a desdenhosa
a repouisar entre as lustrosas folhas.
Mas ella os despresou; vaidosa e livre,
de flor em flor, sem preferir alguma,
todo o dia vagou; mas veio a noite;
foi-se lançar no seio de uma rosa,
para gosar no meio dos perfumes,
sobre leito macio um somno facil.
A lua não surgiu; nubloso manto
os astros envolveu, e o ar, e o campo
da côr da Styge em torno se obumbraram.

A triste por seu mal erguendo os olhos
viu ao longe um clarão ; súbito n'alma
lhe entrou grato desejo, e esp'rança terna.
Alvorçou-se, e abandonou voando
o purpureo aposento e o leito d'oiro.
No remoto esplendor fitando os olhos,
quasi audaz, pelo escuro as azas bate,
chega ao sitio fatal: era estridente,
vasta fogueira, que no campo ardia,
que leda turba pastoril cercava.
Seduzida, encantada a sem-ventura,
traidora não suppoz tão bella chamma,
e quiz-se-lhe entregar. Debalde intentam
as pastoras por dó lançar-a fóra.
;Saltou dentro! . . . ;eil-a ardendo, eil-as em cinzas
as azas, que os Favonios invejaram !
Foi-se o grato matiz melhor que as flores,
da primavera destruiu-se o encanto ;
tenras florinhas, suspirae por ella.

Narciso, se por magica virtude,
tu podesses roubar o ardor ás chammas,
fazendo que a infeliz, em vez de morta,
leda brincasse no adorado incendio,
;recusáral-o tu? — Narciso, eu ardo,
Narciso, eu morro ; por piedade ao menos,
a não ser por amor, cede a meus rogos.
Vem a meus braços, finge amar-me, e se isto
se isto inda é muito, inda te peço menos :
vem uma, uma só vez á minha gruta ;
permittle-me apertar-te ao terno seio,
beijar-te com transporte, e depois d'isto
podes sahir do pranto meu banhado.

Narciso

AOS HABITANTES DAS MARGENS DO CEPHISO

Nymphas, pastores, satyros dos bosques ;
qualquer que d'entre vós conserva preso
Melampo, o cão melhor de quantos seguem
Narciso caçador por estes campos,
por piedade lh'o entregue ; assim propicios
lhe sejam sempre os Ceos, assim propicio
lhe seja sempre amor, se amor supporta.
Se alguém m'o conduzir, terá por premio
a eburnea aljava, que me pende ao lado,
a taça de cristal, por onde o nectar
beber em seus festins meu pae costuma ;
dou-lhe a minha cabana ; e depois d'isto
além de um coração mais nada tenho,
mas dou-lhe um coração constante e grato.

CARTA XI

Ecco a Narciso

¡Folga, Narciso! ¡O teu Melampo existe
seguro em minha gruta, e quero dar-t'o!
A taça não t'a acceito; a aljava eburnea
fôra-me inutil, não persigo as fêras;
recuso-te a cabana; esta, onde vivo,
formosa gruta a meus desejos basta.
Mas quero, quero só... talvez... Narciso ..
ah! quero um coração, que prometteste
grato e constante conceder por premio;
quero o teu coração constante e grato.

¡Oh! ¡que palavras adoraveis, meigas,
doces, doces qual mel de novo enxame!
Eu as beijo, eu as leio, e depois torno
a lel-as, a beijal-as; estes beijos
vão-me filtrando um balsamo, que adoça
os martyrios, o ardor que dentro sinto!
¡Celestes expressões, cheias de encanto,
maga virtude sobre mim tivestes!
Sempre ao romper da aurora uma grinalda
n'este tronco porei para cingir-vos.
Narciso, já não barbaro qual d'antes,
grato e constante o coração me entrega.
¿Que resta a desejar com um tal thesoiro?
Agora a doce paz me está sorrindo,
e jubilo e esperança em torno vejo.

Hontem de tarde, encantador Narciso,
eu chorava sósinha ao pé da entrada
da minha gruta: a trémula ramagem
sussurrava nas arvores visinhas;
com triste som monótono corria
a minha fonte ao pé; quasi expirava
o sol occidental córando as nuvens;
macio estava o ar; soava ao longe
o canto de um pastor, que ia levando

já todo o gado pelo valle abaixo :
pensava em ti, Narciso, e estava triste,
opprimida de dor. Eis de repente
sinto romper-se os proximos arbustos,
e vejo ao lado meu toda convulsa,
morrendo de cançasso a minha corça,
que os passos meus por toda a parte segue.
Um momento depois, raivoso, ardente,
seguindo os passos d'ella entrou Melampo.
;O timido animal se acaso o visses! . .
;sentiras compaixão : d'entre os meus braços
lidava por fugir, temendo a morte.
Eu a levei de minha gruta ao fundo ;
o teu cão nos seguiu ; mas pude a custo
a victima salvar do termo acerbo.
Com astucia depois, com terno mimo,
o teu cão segurei ; conservo-o preso,
e estimo-o por ser teu, bem que inhumano.
Cem vezes quiz soltar-o, ir ter contigo,
entregar-t'o, e depois não sei que força
irresolutos me retinha os passos.
Teu odio . . . o meu amor . . . estas lembranças
de meus desejos triumphar souberam.
Mas em fim tu pediste, e o que tu pedes
se escuta como lei dentro em minha alma :
;e em premio um coração, que ha tanto busco
um coração fiel, constante, e grato! . . .
;Fiel o coração do meu Narciso ?
Quero, quero entregar-te o teu Melampo ;
e depois d'elle a placida collina
da minha habitação cheia de agradados,
minha gruta e vérgel, e a dona de ambos . . .
são já teus, d'estes bens vem tomar posse.

Narciso, a minha gruta ha-de encantar-te !
De conchinhas azues, doiradas, rôxas,
é revestido o portico da entrada.
E' vasta : entra-lhe a luz por bellas fendas
cheias de musgo, no rochedo abertas ;
verdura eterna o tecto lhe tapiza ;
de cheiroso alecrim, cheirosa murta,
sempre verás juncado o pavimento.
Ante a porta n'um toldo se entrelaçam
co'o suave lilaz jasmins fragrantés,
a cuja sombra as auras mais suaves

brincam dançando no calmoso estio.
Tenho uma fonte ao-pé, d'agua a mais doce,
que vem de rocha em rocha espedaçando
nas duras pedras o espumoso vidro,
e cujos sons eguaes o somno ajudam.
O jardim não é grande ; em torno o cerca
de laranjeiras denso bosquesinho,
cuja abobada verde é matizada
dos aureos frutos, que em cardume a pejam,
onde, quando alva flor reveste os ramos,
veem perfumar-se os zephyros visinhos.
No centro o buxo e a murta se alevantam,
ruas formando que parreiras cobrem.
Ao fim de cada rua acham-se estatuas,
feitas de cedro pela mão dos faunos.
Umas são nymphas enfeitando as tranças ;
outras dançando ; algumas julgarias
que vão do arco despedir a setta ;
outras com um terno olhar beijam grinaldas ;
outras fugindo a amor, vão-se mudando,
por castigo do nume, em duros troncos.
As mais felizes sobre o seio apertam
entre os braços seus férvidos amantes.
;Gostas das flores de matiz diverso,
de diverso perfume ? Immensas flores
aqui has-de encontrar por toda a parte.
Tens para o somno teu macias pelles,
e cópia immensa de purpureas rosas ;
frutos de todo o genero não faltam ;
tudo é teu ; d'estes bens vem tomar posse.
Eu a escrava serei do amavel dono
d'estes logares, em delicias ferteis,
onde vivi desde a primeira infancia.

Responde pois ; se o teu Melampo queres
com tudo isto acceitar, sobre algum choupo
te escreverei da minha gruta o sitio.

CARTA XII

Narciso a Ecco

Li teus versos, ó nympha, e minhas faces
de compassivo pranto estão cobertas.
Choro os teus fados, tua paz desejo,
mas não t'a posso dar. Se és qual pareces,
dá-me outra vez o meu fiel Melampo,
meu companheiro, meu constante amigo,
e não me exijas impossivel paga.
Dou-te o meu coração; mas, não te illudas,
não te dou n'elle amor, dou-te amizade.
Não te posso dar mais, nem tu desde hoje
podes mais exigir se isto me leres.

Hontem já quando o sol ia descendo
para os ceos do Occidente, eu fatigado
de procurar em vão nos invios bosques
meu perdido thesoiro, os frouxos passos
para a minha cabana ia guiando.
Vejo de longe á minha porta um velho
sentado ao brando sol, co'a calva fronte
sobre as mãos ao bastão toda encostada.
Pensando que dormia, approximei-me;
mas elle me sentiu, e alçando o rosto
acenou-me co'a dextra, e ergueu-se á pressa.
Vi que era cego, apresso-me, e lhe offereço
para o guiar, meu braço compassivo.
—«¿Narciso, elle me diz, não me conheces?»—
—«Não, eu nunca vos vi; ¿quem sois?» lhe torno—
Sorriu-se e me abraçou.—«Vem, meu amigo,
«conduz os passos meus, vamos sentar-nos
«ambos sósinhos do Cephiso á borda.»—
Obedecei-lhe; conduzi seus passos
a um prado junto ao rio, onde se apinha
um denso bosque de copados cedros.
—«Eu quero o sol, diz elle, o sol conserva
«na velhice o calor preciso á vida.»—
Sentámo-nos na relva ao pé do bosque,
e o velho começou:—«¿Não tens ouvido
«de Tirésias o nome?»—«¿E quê? ¿Tirésias!

«¿Serieis vós dos deuses o propheta?»—
—«Sim, meu filho, sou eu; dize-me agora,
«¿ não vês tu este sol?»—«Vejo-o, lhe digo,
«eil-o ali no occidente.»—«¿E apraz-te o vêl-o?»—
—«Apraz-me, ou nasça, ou morra, ou sobranceiro
«corra ao nosso paiz: em todo o dia
«variadas scenas de prazer off'rece.»—
—«¿Amas a caça?»—«As asperas fadigas,
«que ella apresenta, nunca me cançaram.»—
—«¿De contemplar a Natureza folgas?»
«¿Gostas da liberdade? ¿a vida prezas?»—
Sorrindo-me lhe torno: «Sim, adoro
«a Natureza, a liberdade, e a vida:
«¿por que m'o perguntais?»—«Bem, me diz elle,
«se tudo isto te é caro, evita, foge,
«foge sempre de amor; nunca affronta-lo,
«nem acceitar-lhe os desafios debes;
«volta-lhe as costas, vencerás fugindo.
«Se o não fazes assim, ¿quantos horrores
«lendo estou já n'um próximo futuro!
«Se amor chega a vencer-te, ha-de punir-te,
«ha-de te assassinar! ¿Serás o exemplo
«mais infeliz na historia dos amantes!
«Aos annos meus dá credito, mancebo;
«dá credito aos fatídicos annuncios.
«Por ti, por tua mãe, pelas paternas
«ondas t'o peço, jura-me que sempre
«fugirás do traidor. Olha este pranto
«que meus olhos sem luz estão vertendo;
«vê que as faces me inunda, e a argentea barba.
«Eu choro só por ti. . Vamos, mancebo,
«protesta-me fugir sempre ao tiranno.»

Por suas ternas lagrimas tocado,
abracei-o a chorar; e n'um transporte
raivoso fiz o augusto juramento
contra o monstro feroz, que a paz te rouba.

Bem; ¿Que exiges agora? ¿Um sacro voto
queres que pize aos pés? ¿que os Ceos irrite?
¿que atraia sôbre mim funestos males?
¿que a morte chame? que lhe entregue a foice?
Nympha, dá-me o meu cão; deixa-m'lo prêso
a qualquer d'estas arvores; tu podes
dar-me o meu cão, mas eu... não posso amar-te.

CARTA XIII

Ecco a Narciso

Teu Melampo n'esta arvore, onde escrevo,
psêso te fica, libertál-o podes. —
Malvado, triumphaste. Aos meus ardores
nada pòde egualar senão teu odio.
Bárbaro, folga; a misera, que te ama,
que te ha-de sempre amar, não mais te escreve,
não quer ser-te importuna. Impio, descança.

CARTA XIV

Ecco a Narciso

Em vão, em vão de asperrima violencia
quiz usar contra mim ; braço invisivel
me traz junto d'esta arvore, e espontanea
a dextra minha a te escrever começa ;
e eu devo á minha dôr um desafôgo.
Já não posso conter-me ; o seio, as faces,
o braço, que te escreve, o tronco, a terra,
regando estou de lágrimas, que a vista
em torrente sem fim me estão turvando.
;E quê! ;Para meu mal não deveria
bastar teu coração, bastar meu fado ?
;Tambem o vil, o barbaro Tirésias
é meu perseguidor, é meu tiranno ?

;Ai de mim ! ;Que direi ! ; Com que magia
farei que o facho da verdade vejas ?
;que escutes a razão ? ;que as leis supremas
da inevitavel natureza sintas ?
;que sejas outro, e á gratidão não fujas !?
Narciso, pelos Ceos eu te conjuro,
Narciso, fuge aos barbaros conselhos
de um pérfido impostor, de um velho insano,
de um malvado, sacrilego, blasphemo.
Tirésias é traidor ; contigo abusa
do fatídico dom ; tenta illudir-te ;
quer-te arrancar da Natureza aos braços ;
arrastar-te, sumir-te em precipícios.
;Ai misero mancebo ! Evita, evita
um monstro infame á Natureza opposto,
blasphemo contra os Ceos, em cujo peito
fervido espuma o fel da negra inveja.
Seus annos, suas cans, não te deslumbrem,
nem brandas expressões, nem falso pranto.
Festeja-te com a dextra, e guarda occulto
na sinistra o punhal ; é por vingança,
que te busca roubar ao deus que o fuge.

; Foi elle sempre esquivo ? ; Essa linguagem
falou-a sempre ? Não ; de amor os mimos
já homem, já mulher, gozou contente ;
de prazeres tão vis foi sabio mestre ;
; Quem no sacro festim do eterno Jove
foi chamado juiz ? ; Ah ! Que te diga
qual foi a causa da cegueira sua !

Foge d'elle, Narciso ; a que te adora
nem te busca illudir, nem quer perder-te.
Tua esquivança aos annos teus se deve ;
não a creias eterna : ou cedo ou tarde,
ao jugo universal has-de curvar-te.

Sentiram nossos paes de amor as chammas
amor nos deu a vida ; alma ternura
nos deu o leite, e os osculos na infancia.
Entre exemplos de amor fomos crescendo.
É de amor o Universo onde habitamos ;
quasi todos os bens de amor só nascem,
e os que não são de amor no amor se apuram.
Se exceptuando os mais devesse um nume
um nume só nas terras adorar-se,
o unico Altar ser dado a Amor devia,
e os sacerdotas seus em sacros hymnos
cantal-o o Bemfeitor e o Pae do mundo.
Aves e feras, arvores e humanos,
nymphas e deuses tudo a amor se humilha.
Ha sobre a terra formosura e graças ;
nós temos corações, nós temos olhos,
; e queres não amar ? Não sou Tirésias,
não leio no estrellado firmamento,
nem das aves dos ceos estudo os vôos.
Mas sei, Narciso, mas protesto e juro
que inda um dia ante as aras, que profanas,
has-de humilde queimar votivo incenso.

Se em muda solidão de Ilha deserta,
passado a vida desde a infancia houvesse,
sentirias lá mesmo a Natureza.
Desconhecendo amor e a formosura,
vagos votos ancioso aos Ceos mandáras ;
suspirarias pelos ermos bosques,
na paz da noite lagrimas vertêras,
andáras descontente, inquieto, e afflicto,

sem amares ninguém ; com tudo amáras.
Se pois ou cedo ou tarde o peito deves
ao nume franquear, ¿ por que resistes ?
¿ Por que differes teus risonhos fados ?
O que á força farás faze-o sem custo.

Qual tu és fui eu já ; tambem suppunha
que tinha um coração de ferro ou bronze
inaccessivel da ternura ás settas.
Sabia que era bella ; a minha fonte
m'o-tinha dito, e as minhas companheiras,
as outras nymphas, me invejavam todas.
Mil vezes acordando em minha gruta
de uma flauta sonora ao som queixoso
ouvia em meu jardim cantar meu nome.
A's vezes era Pan, outras Silvano,
que abrasados por mim, soar faziam
as selvas do arredor c'os meus louvores.
Ora as longas madeixas d'aureo brilho,
ora meu talhe airoso celebravam :
descreviam meus olhos inquietos,
pretos, brilhantes ; meu sorriso amavel ;
meu seio e os braços meus da côr do lírio,
da côr da rosa minhas bellas faces.
Gabavam-me a dextreza, o modo, a graça,
o não sei quê, que os corações feria.
Mas eu, ¿ olha, Narciso, a mocidade,
olha a loucura ! eu ria-me de ouvil-os,
e tornava a dormir. Nascia a aurora,
colhia flores, coroava as tranças,
tratava o meu jardim, corria aos bosques ;
juntava-me co'as mais, dançava alegre,
cantava sempre, sem cuidados ria,
deixava a cada passo um novo amante,
e do nome de amor zombava sempre ;
os seus ais, o seu pranto, os seus suspiros,
julgava affectação ; nunca suppunha
que sentir-se podesse o que hoje sinto.
Tres lustros tinha então ; passou-se o tempo,
volveram-se annos tres, cumpriu-se o fado,
veio o dia, eu te olhei, subito n'alma
choveu de amor o fogo ; eis-me punida,
eis-me escrava infeliz de um deshumano,
que bebe com prazer meu pranto amargo.

Aprende á custa alheia a ser piedoso;
olha no meu exemplo o teu futuro.
Cede ao deus, que offendi, ao deus que offendes;
verás como é benigno, e como é facil :
perdoa o teu orgulho, e a tua insania.

Amemo-nos, Narciso : jah ! não rejeites,
não rejeites um bem que não conheces.
Se de uma nympha meiga um doce abraço,
se em teus labios acaso os labios d'ella
sentisses imprimir n'um doce beijo,
; Narciso, pensa bem ! Resolve e escreve,
e eu te direi da minha gruta o sitio.

CARTA XV

Narciso a Ecco

Bella nympha, das nymphas invejada,
amor dos numes, que no bosque habitam,
gloria da Natureza, amavel, terna,
que me adoras em fim, não posso amar-te.
Cem vezes, vezes mil t'ó digo ainda,
não posso amar-te: evita-me, sou monstro,
sou ingrato, cruel; mas crê-me, eu sinto
teus infortunios, que abrandar não posso.
Não posso, eu t'ó repito, ¿ a prova queres
de que insensível coração me anima?
Lê pois, e n'este exemplo a prova encontras.

Hontem, que Maio recebeu sorrindo
das mãos da Natureza o flóreo sceptro;
mal que a aurora inda incerta ia raiando,
mancebos, socios meus na caça e brincos,
vieram-me acordar, e com tumulto
em torno a mim se ajoelharam rindo,
a fazer-me oblações, e a coroar-me,
porque ia entrar meu natalicio dia.
«Sê hoje o nosso rei, disseram todos,
«tua vontade nos regule a nossa;
«¿ que havemos de fazer? ordena a festa.—
—«Deixemos hoje em paz no monte as feras,
eu lhes respondo, e pescaremos juntos.»

O dito agrada, súbito partimos.
Chegámos do Cephiso ás verdes margens,
quando inda o sol das ondas não sabia.
¿ Que puro estava o céu, que aura benigna
encrespava o cristal do rio manso!
Inda algum rouxinol cantor da noite
aproveitar-lhe os restos gorgeava.
Por detraz dos oiteiros do Occidente
ia esconder-se a lua desmaiada.

N'um pequeno batel entrámos todos.
De Cynthia a estatua se elevava airosa
sobre a pôpa ; cingimol-a de flores ;
foi de ramagem fabricado o toldo ;
de um lado, e d'outro ornavam-n-o pendentes
longos festões em rede entrelaçados.
A branca vella matizavam rosas,
serpeavam grinaldas pelos remos,
os assentos e o chão jasmins cobriam ;
disseras, que um vergel sulcava as ondas.
Subtil favonio á pôpa recostado
nos enfunava com sussurro o pano.
Os salgueiros na margem debruçados
fugiam-nos correndo : o sol brilhante
appareceu por fim, córando as aguas.
¡Oh ! como em tal momento alegre é tudo !
Sobre o pégo purpureo o cisne ao longe
alçando o cóllo entre os nevados filhos,
mansos fendendo as cristalinas aguas,
seu canto matinal soar fazia.
« ¡Como é risonha a Natureza ! — exclamo —
« ¡Que bella é para nós, que a Amor fugimos !
« Juremos, socios, de fugir-lhe sempre.
« Por este claro sol, que vem surgindo
« sagrado para mim, pois viu meu berço,
« juro sempre illudir de amor os laços. » —
O mesmo que eu jurei juraram todos.

Cortava o barco mansamente o rio ;
de ambos os lados branquejava a espuma ;
avistámos de longe os arvoredos
de ilha pequena, que sorrindo assoma
no vasto campo azul das patrias lymphas.
« Terra, terra », bradei ; — subito a prôa
se inclina á terra, os zéphyros se augmentam,
a vella ondeia e freme, os remos lidam,
o intervallo decresce, e pouco a pouco
a flórea margem para nós se avança.
Erguemo-nos vozeando ; eis fere a prôa
n'um verde prado, que se perde n'agua :
prende-se o barco, e súbito saltâmos.

Que vimos nós, ¡ó Nympha ! ¡Ah ! ¡como é doce
recontar o prazer de aureos instantes ! —
¡Oh ! ¡terra amena e grata ! ¡Oh ! ¡Ceo benigno !

¡Salve, bosques de paz, campos de flores,
fontes suaves, deleitosas grutas,
tranquilla solidão imperio de aves!
¡Salve, ameno paiz, *Ilha das Graças*,
por quem *das Graças* se nomeia o rio!—

Juntos agora, agora debandados,
da ilha a superficie variada
corremos com transporte; objectos novos
a cada passo aos olhos se off'reciam.
¡Taes delicias não tem Cythéra e Paphos!
Não; que as filhas gentis da meiga Venus
por estes campos sua Chypre deixam.
Aqui derrama sombra a murta em bosques;
formam lamedas flóridas acacias;
em labyrinthos os rosaes se tecem;
co'o flórido azareiro em vastos muros
casam-se alvos jasmins; formam-se em arcos
o dolico e o lilaz; reveste os troncos
hera flexivel; dobra se em cabanas
verde caracoleiro; a grama, as flores,
cobrem ondeando os deleitosos prados;
rosmaninho, alecrim, veste as collinas.
Vãq manso e manso nitidos arroios
por torto leito humedecendo os prados,
e ora o dorso tranquillo ao sol presentam,
ora de altos chorões correndo á sombra,
a beber e a banhar-se estão chamando.
Não se ouvem n'este sitio humanas vozes;
só zéphyros, só ramos susurrando,
só cascatas, só passaros se escutam.
Uma arvore não ha sem muitos ninhos;
o bosque inteiro harmonico parece.
¡Que aura pura e vital! ¡que sol doirava
prados e oiteiros! ¡que apraziveis sombras
aqui e ali os cedros off'reciam!
A liberdade, a paz, o regosijo,
ali reinam; ali: do mundo o resto
n'aquelles campos subito se esquece.
Interna commoção, extase, gloria,
em confusa mistura o peito agitam,
¡sente-se o que nos Ceos os numes sentem!

¡N'esta ilha encantada é tudo amavel!
tudo corremos. Cada prado e gruta,

cada collina e bosque, e margem verde
nos viu ledos folgar em dança e jogos.
Dos ternos sons da flauta a selva enchemos,
e nem dos troncos driades sahiram,
nem leves faunos a correr vieram
d'entre as ramadas trémulas, ouvir-nos.
¡Que a mena solidão ! ¡Que alegres brincos
não tivemos ali ! d'elles só foram
testemunhas os ceos, aves, favonios.

Vendo a nossa ventura o sol contente,
pouco e pouco subindo, em fim brilhava
da serena extensão no ethéreo cume.
Descemos ao batel, onde contentes
reprimimos a fome, e os seccos labios
consolámos co'as bachicas delicias.
Depois aqui e ali, cercando a ilha,
fomos prendendo aos troncos debruçados
em remansos pacificos as redes.
Cheios do amor da carinhosa terra
tornámos a saltar sobre seus campos.

Talvez, nympha gentil, que não te agrade
miuda narração das festas nossas.
Pézam alheios bens ás almas tristes.
respeito os males teus: perdoa ó nympha,
lê, se podes, o resto, e a prova encontras
de que insensivel coração me anima.

Já, refrescando as terras afrontadas,
o astro d'oiro brilhante ia esconder-se
do occidente afastado entre as florestas ;
já longa sombra as arvores lançavam ;
o ceo tingiam purpuras e rosas ;
e de um clarão sereno e avermelhado
em largas zonas se adornava o rio.
Fomos correr por despedida os campos,
para voltar á natalicia margem.
N'isto, subitamente um d'entre os socios
vem para nós correndo alvoroçado,
e com o dedo na bocca a impôr silencio.
Voâmos a encontral-o ; «Eia segui-me,
elle nos disse, «¡ Que formosa scena,
«que bello, que espectáculo divino !
«Dizer-vol-o não quero, eia corramos,

«vinde-o ver, vinde-o ver.» N'isto partimos
mais ligeiros que os zéphyros do prado

De antigo bosque emmaranhado, espesso,
que a Ilha acaba á parte do Occidente,
quasi iamos tocando a escura entrada;
eis pára o conductor, a nós se volve,
e diz-me em baixa voz: «Rei, não consintas
«que se faça rumor; orohibe as vozes,
•e segui manso e manso os meus vestígios.
Manso e manso os vestígios lhe seguimos
pelo enredado e tenebroso alvergue.
Vimos os ceos em fim, que inda mostravam
do fugitivo sol rubras pizadas.
Era o fim do arvoredó. Altos silvados
alvejando co'a flor, vastas roseiras
movendo em ondas seu purpureo manto,
junto d'agua em barreira se elevavam,
retratando um jardim na clara veia.
Deitámo-nos por terra; avidos olhos
por entre as folhas no logar fitámos
que o conductor extasiado aponta.

Eram de Amor as tres irmans, as Graças,
da impura Venus as singelas filhas,
que ali no banho os membros refrescavam,
sem se temer de temerarios olhos.
Na undosa solidão ledas e affoitas,
sem pejo da nudez brincavam livres;
agora perseguindo-se, lidavam
rindo e clamando; agora se escondiam
ate ao collo nas serenas aguas.
Alguma vez nadando descobriam
hombros e braços, e as nevadas costas;
outras vezes o seio; outras as plantas.
Do bello corpo seu nenhum thesoiro
era á vista vedado. Aglaia atira
ondas ao rosto de Euphrosina bella;
Enphrosina e Thalia o crime punem,
seguem-n-a affoitas, colhem-n-a, seguram
uma o collo, outra os pés, e assim a levam
fóra d'agua, e por fim n'agua a sepultam.
Gracejam, cantam; colhe sobre a margem
cada qual muitas rosas, que arremessa
á frente das irmans. Retine a selva;

o rio espuma, e em circulos se espraia ;
sôltas as tranças perolas gotejam.
Depois de longo brinco em fim saltaram
para a margem sombria. - Eil-os ardendo
meus companheiros demandal-as querem.
«Que fazeis? lhes exclamo, eu não consinto
«mais demora na ilha; a noite desce;
«entremos no batel, volte-se á margem.»

Mudos e tristes me seguiram todos ;
embarcámos; as redes recolhemos;
partimos; virações enchem as vélas.
Pelos bancos assentam-se os remeiros,
mas não ousam remar, das mãos lhe escapam
languidamente abandonados remos.
E em vez de remontar d'agua a corrente,
propicio a seus desejos recuava
para a Ilha outra vez ligeiro o barco.
Eu me ergo então da pôpa, abraço os remos,
na estatua de Diana os olhos fito,
rasgo com força o pélagos, que espuma,
e sem os escutar do risco os salvo.
Nenhum canta nem folga, ouvem-se apenas
de quando em quando fêrvidos suspiros.
Algum rompe o silencio, e faz ao longe
o caro nome resoar de Aglaia.
Um louva em meia voz o collo, o seio
da corada Euphrosina; outro attentando
na escuridão que em tórno envolve a Ilha,
suppõe no seu delirio inda estar vendo
sobre um oiteiro de arvores despido
alva Thalia, de seus ais objecto.

Nenhum vem como foi; quasi lhes pesa
a seus lares voltar; nenhum desfructa
a frescura da noite, o ceo de estrellas,
o murmúrio dos zéphyros na margem,
e das ondas mansissimas o tenue
sussurro, que acompanha o leve barco.
Só eu cantava em tanto, em tanto ria :
o objecto que os venceu não me tocára,
inda era o mesmo, indomito Narciso.

Ah! se eu pude affrontar sem risco as Graças,
vêl-as nuas no banho, e ser qual era,
por bellas Nymphas sentirei ternura?
Argúe embora o ceo, mas não trabalhes
por abrandar meu coração de bronze.

CARTA XVI

Ecco a Narciso

¡Não ha pois que esperar ! Bastante prova
já tenho de que a amor ceder não queres.
Mas lê, monstro feroz, e aprende o como
sabe o Ceo castigar quem ri dos numes,
quem calca aos pés as leis da Natureza,
quem zomba como tu dos desgraçados.

Cançada de chorar inutil pranto,
alta noite era já, quando envolver-me
veio do somno a pouco e pouco a nevoa.
Cerrei os olhos, entreguei-me ao nume,
que só me apraz porque arremeda a morte.
Por entre a escuridão de um ermo valle,
só povoado de funereos teixos,
vi claramente em não mentido sonho
uma deusa assomar, cujo semblante
cheio de etherea luz doirava as sombras.
Candida veste lhe cobria os membros,
branco véo transparente o rosto e o seio ;
aurea frecha de amor tinha na dextra,
na esquerda uma grinalda, onde ao cipreste
alvas flores incognitas se uniam ;
era nobre no andar; grave no aspecto ;
tudo ante ella de horror tremar se via.

«Nympha, me exclama a deusa, os teus martyrios
«chamáram-me dos Ceos, onde entre os astros,
«inda acima do Fado ovante habito.
«Curvam-se ao meu poder homens e numes ;
«os premios á virtude, ao crime as penas,
«partem da minha mão: terrivel fôrça
«meu braço tem com que os soberbos doma.
«De abandonado amor escuto as vozes ;
«perfidia, ingratição meu odio attrahem ;
«vingo as injúrias da offêndida amante ;
«posso quanto me apraz, e apraz-me o justo.

«Eu t'ó juro por mim, vais ser vingada.
«Narciso punirei com um fado novo,
«asperrimo, inaudito ! Ah ! Crê-me, ó nympha !
«; tu choras ? ; Um cruel merece o pranto ?
«Esquece-te do ingrato ; esta que empunho
«setta de amor, que ao coração lhe devo,
«é, mais que a tua, venenosa e fera ;
«crê-me, serás vingada, enxuga o pranto ;
«se o barbaro te amasse, evitaria
«essa morte, esse horror, que lhe preparo ;
«e em vez d'isto, contigo, entre os teus braços,
«gozando affagos teus, a miudo ouvindo
«doce nome de pae, de amante, esposo,
«seria. . mas em fim ; Passou-se-o tempo !
«Vai soar logo a hora do castigo.
«; Vês estas flores, que em grinalda empunho ?
«monumento serão d'alta vingança ;
«hão-de para o futuro ornar-me a frente ;
«hão-de, a través dos seculos, o nome
«e os fados recordar do impio Narciso ;
«e um dia inda virá, que os homens sagrem
«grinaldas d'esta flôr do Averno ás furias.
«Não me julgues do somno um vão phantasma ;
«sonho não sou, despertarás ; e a prova
«de taes verdades acharás não longe.
«Crê-me, em mim tens a justiceira deusa,
«a formidavel Némesis suprema,
«que obriga o Fado no extrahir das Sortes.»

N'isto o bosque ululou ; súbito o vento
dos montes rebentou varrendo os ares ;
fervêram nuvens no medonho pólo ;
correram pelos ceos aves de agoiro ;
mugiu a terra surdamente ao longe,
e estrondoso trovão vibrando o raio
ribombou pelos ceos, tremendo os ares.
Ao som medonho espavorida acórdo,
salto do leito, pela gruta corro,
e vejo, ;oh ! maravilha ! ; ateada a chamma
n'um canto do jardim ! Não fôra sonho
o estrondoso trovão ; corisco ardente
cabiindo me abrasou d'entre os mais cedros
o mais bello, o melhor, o mais querido,
aquelle em que eu gravei teu caro nome,
teu caro nome que cingi de rosas

até hoje, ó cruel, todos os dias ;
;teu caro nome, em que imprimia os beijos
desdenhados por ti ! Cinza inflammada
só via em seu lugar. Vibrava a lua
sobre a terra o clarão por entre as nuvens ;
eu vi... e a pallidez tingiu-me as faces,
eu vi... treme-me a dextra, esfria o sangue,
sobre um montão de cinzas, derramadas
as alvas flôres, que sonhando vira.
;Assim foi confirmado o horrendo annúncio !

Narciso, não por mim, pois me detestas,
mas por teus cães, mas por ti mesmo, ingrato,
por tua mãe, que bem como eu te adora,
pelas paternas ondas te conjuro,
céde a amor, céde a amor ; o Ceo piedoso
compraz-se de esquecer passada offensa,
vendo abrandar-se o coração dos impios.
Némesis póde, e quererá salvar-te ;
basta só que de Amor ás leis te humilhes,
basta só que o prazer, que os bens te agradem.
Céde, entrega-te a mim ; eu posso e devo
do precipicio á borda segurar-te ;
e se acaso uma victima demanda
o infortunio cruel, eu quero, eu mesma,
arrojar-me por ti do abysmo ao fundo,
sentir o fado atroz que mereceste ;
e inda no meio de infernaes horrores
fazendo-te feliz, serei ditosa.
;Ah ! confia no Ceo, mas crê no sonho.
Vem a meus braços, fugirás da morte.

Não me creias de amor indigno objécto ;
;o veo mysterioso em fim se rasgue !
Se o meu nome até aqui tens ignorado,
agora o vais saber ; já não preciso
no silencio esconder notoria chamma.

Ecco, a mais infeliz das nymphas todas,
de todas a mais terna, é quem te escreve.
Ecco, a filha do Ceo, da Terra a filha ;
Ecco, adorada pelo deus da Arcadia ;
Ecco, amor de Silvano, amor de Apollo ;
esquiva a todos, para ti só meiga.

¿Sou indigna de ti? Tudo que é grande,
 tudo podem meus paes; não julgues menos,
 que Liríope, a terra; o ceo, que um rio.
 Se és bello (je quanto és bello!) eu sou formosa.
 Nas graças, de que os olhos se captivam,
 eu venço a todas, como a todos vences.
 Se em vão por ti mil nymphas estremecem,
 tambem numes por mim ardem sem fruto.
 Se és dextro caçador, eu pulso a lyra
 com divinal, com mágica doçura,
 e encanto as selvas com vistosas danças.
 Tenho além d'isto, o que não teem perversos,
 benigno coração, recto e piedoso.
 Não blasphemem de amor, respeito os numes;
 franqueio á Natureza a alma sensivel;
 dou culto ás aras da fecunda Cypria.

¿Sou indigna de ti? Se acaso o pensas,
 se inda és o mesmo, se mudar não queres,
 treme, ingrato, que Némesis me vinga.
 Ha-de armar-se em teu damno o deus que ultrajas;
 o deus que sirvo, o Amor; chega-se o tempo
 em que elle ha-de pagar meus sacrificios.
 Para servil-o, a cólera de Juno
 temerária affrontei; retive a deusa
 mil vezes conversando, emquanto Jove...
 Mas basta: se esta acção te excita o odio,
 pensa que Jove é rei da Natureza,
 que Juno é vingativa, e que eu devia
 conservar-lhes a paz, e a fama ás nymphas.
 Perdi a voz em pena da piedade;
 d'entre as socias de Juno eis-me banida,
 mas sempre a mesma e sempre virtuosa,
 e sómente infeliz depois que te amo.
 Mas ha-de Amor vingar-me; o pae dos Numes
 mais força lhe porá no braço invicto;
 e a Terra, e o Ceo, que em sua prole offendes,
 contra ti se unirão. ¿Impio! se queres,
 retrata-te, e o perdão talvez obtenhas.

Sê meu; o Ceo e a Terra hão- te abrigar-te :
 por onde quer que os passos dirigires,
 sempre a meu lado súbito brotando
 o sólo cubrirão lustrosas flores;
 virão sempre afagar-te auras macias;

os dias todos nascerão formosos :
mais doces te serão da fonte as aguas,
mais canoros os passaros do bosque,
mais verde, mais frondoso o bosque mesmo.
Sem te cançar em discorrer montanhas,
a cada passo encontrarás as feras,
que te apraza immolar. Tudo que podem
o Ceo e a Terra levarei por dote ;
podes pois escolher: morte, ou ventura.

Cessára de escrever : torno chorando
a continuar sentidos caractéres. —
¡Ella morreu !... ¡morreu a minha corça !...
¡ Quanto a preseí ! ¡ quanto ella me presava !
era todo o meu bem... Nos meus desgostos
ella vinha afagar-me ; em meu regaço
dormia muita vez ; de minha dextra
só acceitava a gramma saborosa.
Se o caçador, se os cães a perseguiam,
correndo vinha a demandar-me abrigo ;
seguia os passos meus em meus passeios.
Ao romper da manhan vinha acordar-me,
chamar-me ao meu jardim, para entreter-me,
segundo costumava, em minhas flores.
Contente andava, se me via alegre ;
se me via abatida, em pranto immersa,
ou distrahir-me anciosa procurava,
ou jazia escondida em minha gruta,
sem se lembrar do pródigo sustento.
¡ Mas ella já não vive !... ¡ ah ! ¡ quem desde hoje
meus males sentirá, se tu não vives,
minha amiga fiel ! ¡ Tu me deixaste !
¡ Teu carinho expirou !... ¡ Tua senhora
já não tem quem lhe adoce os seus desgostos !
Deixaste-a só no mundo... ¡ Ah ! ¡ como acerba
devia ser-te a morte ! .. Eis-te insensível
estendida a meus pés... da morte o gelo
já se vai de teus membros apossando ;...
do sentimento a chamma eil-a apagada !
¡ Já não vês este pranto em que te inundo !
¡ já não me ouves chamar-te !— ¡ Oh ! ¡ Que remorso
surge em meu coração ! por ti, Narciso,
ingrato, só por ti pude esquecel-a.

Deixei-a em minha gruta abandonada,
não me lembrou que a triste costumava
comer da minha mão; funesta morte
veio adejar sobre ella em minha ausencia.
Sentiu chegar talvez seu termo infausto,
sahiu do alvergue a procurar-me aos campos,
quiz ver-me inda uma vez .. quiz despedir-se,
;e expirar junto a mim! ;Com que trabalho
não arrastou tão longe os fracos membros!
;que exforço que inda fez vendo-me ao longe,
querendo a mim correr! .. ;mas sem alento
cahiu desfallecida! Eu parto, eu vôo,
chego, abraço a infeliz .. sobre o meu seio.
olhando-me com dor... ; fugiu-lhe a vida!
;Ella morreu! ; morreu a minha corça!
Fui eu quem a matou; e ella, expirando,
; me veio inda buscar para affagar-me!...

Narciso, ; todo o bem por ti me foge!
Mas não penses em mim, pensa em ti mesmo,
recebe a tua amante, ou teme os fados.

CARTA XVII

Narciso

A' NÁIADE DA FONTE

Á mais bella das Náíades mais bellas,
por seus encantos magicos vencido,
saude envia o caçador Narciso.

¿ Vencido por seus magicos encantos ?!!
; Eu! ; que aborreço, que desprezo as nymphas?
Em meus labios ; que insolita linguagem!
; Oh! ; não, não é de amor! Se eu colho a rosa,
se a ólho attento, se lhe louvo as graças,
; quem dirá que por ella amor me inflamma?
Se páro ás vezes no frondoso valle
por vêr subtil pintada borboleta,
que adeja e brinca sobre as verdes plantas,
que envergonhando a flor poisa sobre ella,
causando inveja ao zéphyro amoroso,
; quem dirá que eu adoro a borboleta?

Sim, Náíade gentil; o dia inteiro
passei junto da fonte a contemplar-te,
mas não a arder por ti; de amor aos laços
jurei de me escapar; se eu não jurasse,
só podias, só tu lançar-me os ferros.

¿ Que nympha te assemelha em nossos campos?
Fujo das mais, seus rogos me importunam,
riso e piedade seu ardor me excita;
mas tu... não ha no bosque outra mais bella,
; nenhuma que te eguale! Embora o mundo
Venus e Graças cegamente adore,
Venus e Graças invejar-te devem.

Eu me deitei da tua fonte á borda
sobre a relva macia, olhando as aguas:

Recostada como eu, co'a mão na face,
sôltas as tranças como as tranças minhas,
te vi sósinha no arenoso fundo.

Ao vêr-te me admirei; se não me engano,
signaes de admiração te vi no rosto:
côrei, córaste. Levantei-me á pressa,
para deixar-te repouisar sósinha
nas aguas tuas, livremente á sombra
d'esta arvore, que os zéphyros embalam;
vi-te prompta a partir, fiquei-te olhando;
força invencivel nos reteve os passos.
Sorri, sorriram teus vermelhos labios:
parei suspenso a contemplar teu rosto,
meu rosto a contemplar te vi suspensa.

¿ Fugir d'este logar ? disse eu commigo,
; não, jámais fugirei ! De novo á relva
o corpo lanço, e me recosto á margem ;
tu recostas-te ao fundo, e nos olhâmos.
; Que novas commoções, nunca sentidas,
em tão suave olhar provou meu peito !
; um não sei quê de incognita doçura,
vagas ideias, mal distinctos votos ! . . .
O' nympha, ; não entendo o mago effeito
que os olhos teus no coração produzem !
; Quê ! ; será isto amor ? ; será minha alma
sem conhecêl-o a victima do monstro ?
Não ; se vingar-se contra mim quizerá,
não me daria a mais formosa nympha,
de olhar tão meigo, de feições tão bellas.
Dos sentimentos meus ignoro o nome,
se amizade não são ; mas este fogo . . .
seja o que fôr, chamemos-lhe amizade.

O' minha Amiga, ó Náíade innocente,
¿ por que não saís de teu sereno fundo ?
¿ Por que não vens ao lado meu sentar-te,
gozar da solidão d'este arvoredado,
com teu amigo passear sósinha ?
; Oh ! depois que te vi, sinto mais doce
o nome de amizade e os seus influxos.
Crê-me, os amigos meus nunca amei tanto ;
nunca de minha mãe ternos affagos
cobicei como os teus: quero abraçar-te,
quero nas faces imprimir-te um beijo,

outro na rosea bocca, e depois d'estes
inda mil, inda innúmeros não bastam.

¿ Por que não saís, ó tímida formosa ?
Se creio os olhos meus, não me aborreces;
quanto eu sinto por ti, por mim tu sentes.
¿ Por que não saís d'entre as nativas ondas ?
¿ Temes talvez que os satyros te colham ?
Não temas nada; o teu amigo empunha
terrível arco de inflexíveis settas.
¿ E' tua mãe solícita e medrosa
quem te prohiu abandonar a fonte?
Vem pois, vem de relance; entre os meus braços
só te quero apertar, depois te ausenta,
e assim de tua mãe temer não podes.

O som da tua voz ouvir-te quero :
¡quão bello deve ser! Quando eu te falo,
vejo que os labios teus também se movem,
mas nada escuto, que o prohiu a fonte,
nem tu me ouves talvez. Nympha, é preciso
que falemos enfim sobre esta margem;
tenho para dizer-te immensas coisas.

¿ Não saís por me temer ? talvez ouvido
tenhas á tua mãe que são traidores,
que são crueis e pérfidos os moços.
Mas, Nympha, eu sou Narciso; este só nome
baste para aquietar-te os vãos receios.
Sempre que aceno, acenas-me sorrindo,
mas não queres sahir. Quando acabado
tiver de te escrever n'este salgueiro,
que tão perto nasceu das aguas tuas,
pendente deixarei n'um de seus ramos
a eburnea aljava, que attrahir-te possa,
e convidar-te a lêr: sim, que é provavel
que ao pôr do sol, se o campo for deserto,
sáias do fundo a passear um pouco
n'este alegre jardim da Natureza.

Adeus: eu voltarei, voltando a aurora,
aqui virei passar inteiro o dia.

Responde-me, te peço; e se isto é muito,
beija dos versos meus o ultimo verso,
que eu o beijo tambem, que eu te prometto
beijal-o sempre que vier á fonte.

NARCISO E A BELLA NIADE SE ADORAM.

CARTA XVIII

Narciso

A' NAIADE

Muito antes do clarão da madrugada
voltei pois a buscar-te ; inda dormias.
Corri ao tronco ; a aljava, que pendente
sobre as lettras ficou, achei-a intacta
na mesma posição ; tu não vieste,
ou, se vieste aqui, não viste as lettras.

Sentei-me a suspirar junto da margem,
deixei-me adormecer. ; Se tu soubesses
a noite que eu passei ! Dormir não pude . . .
teu olhar, teu semblante, e o riso meigo
na accesa phantasia me adejavam.
Não era sonho : um extase só era.
Via, qual vejo agora, a clara fonte,
via as margens floridas, e os salgueiros,
em cujos troncos novamente escrevo,
e cujas copas me derramam sombra.
A's vezes, mais feliz em meu delirio,
via-te egual á deusa dos amores,
d'entre as aguas sahir buscando a margem ;
e pensava depois cingir-te ao peito.

Assim gastei velando as longas horas,
té que impaciente abandonando o alvergue,
por entre a escuridão vim procurar-te.
Parecia que a paz, que os bens, que a vida,
que o proprio coração, tudo esquecido,
tudo tinha deixado entre estas aguas.
Não te vi. « *Bella Naiade* » te exclamo,
ninguém me respondeu. Triste, em silencio,
sentei-me entre as rociadas espadanas,
sobre o escuro crystal fitando os olhos.

Então commigo mesmo, «Inda repouisa,
 «inda repouisa, digo, e um somno facil
 «na vitrea, occulta lapa inda a conserva.
 «Ella dorme, e eu não durmo, eu penso n'ella,
 «eu ardo pela vêr ; Os leves sonhos
 «ter-lhe-hão pintado o seu fiel amigo ?
 «;dão-lhe sonhos o que extasis me deram ?
 «;pensa em mim, pensa em mim, julga abraçar-me ?
 «;Ah ! se julga abraçar-me, auras benignas,
 «não agiteis das arvores as ramas ;
 «não cantes, rouxinol ; suspende as aguas,
 «fonte, que vais nas trevas murmurando,
 «não a acordeis, não se dissipe o sonho.
 «Mas quando ella acordar, abri-vos, flores;
 «as azas perfumae de alvos favonios;
 «desce exultando, limpida nascente;
 «festejae-a a cantar, aves mimosas;
 «ondeae contentes, verdejantes cimas.»

Entre estes pensamentos fluctuando,
 fui manso e manso ao somno succumbindo.
 Da aurora a rosea luz veio acordar-me ;
 volvi súbito a vista ao claro pégo,
 e achei-te, e ao riso meu te vi risonha;
 nosso olhar se encontrou; córamos ambos.
 «;Quanto és gentil, quanto és amavel ! » grito.
 Se o movimento de teus labios creio,
 co'o ar mais terno repetiste o mesmo.
 Meio aberto botão colhi de rosa,
 e emquanto os olhos na roseira punha,
 tu, não sei d'onde, equal botão colheste:
 despi-lhe o pé dos barbaros espinhos,
 tu fizeste outro tanto ; a flor mimosa
 beijei, tu a beijaste ; o braço erguemos,
 eu t'a lanço ao cristal, onde jazias,
 sumiu-se: e n'um momento a que empunhavas
 sobre a agua appareceu ; colho-a apressado,
 aperto-a sobre o peito, e a beijo, e exulto:
 depois n'agua attentando, a minha rosa
 vi entre as tuas mãos, vi-te a beijal-a,
 vi-te apertando-a com transporte ao seio.

;Quanto és formosa, minha doce amiga !
 ;Que te nura não tens ! ;Os Ceos te livrem
 das cadeias de amor ! ;Nunca os teus olhos

encante n'um algum ! ;Possa tua alma
nunca inflamm'ar-se por gentil mancebo !
Crê-me, ninguém no mundo te merece.

Mas se a frecha de amor sentir devesse...
; Ah! ;fosse eu do teu fogo o objecto, ó nymph'a,
e por amante o amigo recebesses!
; Ninguém tanto como eu pôde adorar-te!
Até... se por teu bem preciso fosse...
os laços de hymeneu... ; Córas, Narciso...
bate-te o coração?... ;que horrivel guerra
fazem dentro em minha alma ideias vagas!
; Eu que desprezo amor, de amor nos ferros?
; Eu que Venus insulto, honrar-lhe as aras?
; Eu que odeio hymeneu, sentir-lhe o jugo?
Não ; não, jámais, que eu amo a liberdade.

Mas esta nymph'a as mais formosas vence ;
até das Graças a melhor excede.
É, qual Diana, vergonhosa e pura ;
tem a meigice, o ar com que extremosa
se mostra minha mãe do espôso á vista.
Se eu devesse adorar, ninguém tão digno
de minha adoração no mundo achára ;
Se eu devesse prender-me em laço eterno,
deusa nenhuma, ó Náíade, podia
tornar-me a vida, como tu, risonha.

Mas ah! ; Por que não sáis do patrio lago?
; Por que abraçar não vens teu doce amigo?
Passei junto da fonte o dia inteiro
a chamar-te, e sem fruto ; Hesp'ro brilhante
vai nos ceos assomar, pois desce a tarde.
Eu deixo este logar ; nymph'a, não temas,
sáe da fonte, passeia na espessura,
lê meus versos, responde-me, te peço,
e basta-me isto — *A Náíade te préza.*—

Driade amavel do salgueiro annoso,
de meu segredo confidente amiga,
se a tu vires sahir, corre a encontral-a,
para aqui lhe conduz seus pés mimosos,
faze que leia as expressões do Amigo ;
ou pelo menos, dize-lhe, que eu sinto
um mal terrivel pela ausencia d'ella ;

que choro pela ver ; que emquanto escrevo
suspiro de contínuo ; e que mil vezes
as ternas expressões deixando em meio,
à fonte corro a saciar meus olhos.

CARTA XIX

Narciso

A' NAIADE

Nympha, de instante a instante a chamma cresce,
os olhos teus a força lhe redobram;
tenho dentro de mim furioso incendio.
Duvidar já não posso, o amor me abraza,
;vingou-se o deus, triumphava a Natureza!
Não chega a tanto da amisade o influxo,
;da mais viva paixão sinto-me escravo!

Sou teu amante, sem córar t'ô digo;
sou teu amante, o coração m'ô approva;
sou teu amante, e adorador te busco.
Mudou-se o fado meu, cahiu-me a venda;
pérfidas larvas d'ante mim fugiram;
a razão na minha alma accende o facho.
Honro o prazer, que reputei chiméra;
sigo a ventura, que antolhei phantasma;
adoro a Amor, que imaginava um monstro.
;Graças, graças a ti, nympha invencivel!
De tal revolução tu foste a causa,
;porque sempre, sem ti, de amor me rira!
Tu, pois, que me usurpaste a liberdade,
tu, pois, de quem depende o meu destino,
Naiade amavel, cujo olhar me encanta,
a doça o mal, que ao coração me fazes;
mitiga-me este ardor, que me devora;
corre a abraçar-me, a ouvir-me, a responder-me;
a pôr-me em paz, a saciar meu peito.

Cruel, ¿por que não vens? ¿por que empunhaste
com resoluta mão tiranna frecha,
quando eu, por te não ver junto ao meu lado,
n'um transporte de raiva ia co'a frecha
pôr termo á vida, que sem ti me enfada?

¿Quem te prende, inhumana ? ¡Ah! ¡tu não sentes ternura á minha igual ! Se a tu sentisses, um barbaro dever aos pés calcáras, e virias correndo a quem te adora.

¡Como és tímida, ó nympha, e como és bella !
 ¡Como és bella, se a Amor me avassallaste !
 ¡Ah! quando os pomos teus, quando os teus annos tiverem já crescido, ¡ah! quando livre da liquida prisão, vagar podéres por este annoso, enamorado bosque ; quando mortaes e numes te avistarem, de tudo quanto existe e quanto sente serás o amor, a suspensão, e a guerra. Ha-de Venus ceder-te as Cyprias aras, serás a quarta Graça, a mais formosa.

¿Mas que digo ? ¡ ai de mim ! Já sinto n'alma ferver co'a inveja as ondas do ciúme. Não: ninguém te ha-de amar mais que Narciso. Ninguém, enquanto eu viva, ha-de atrever-se a consagrar-te um culto, e erguer-te as aras. És deusa, sim, mas o Universo o ignore : tu mereces altar, incenso, vctos ; mas por altar meu coração te baste, meus hymnos e os meus ais por brando incenso, meus votos pelos votos dos humanos. ¿Queres adorações ? o mundo inteiro não te póde adorar quanto eu te adoro. Este amor, que me inflamma, é sem limite, immenso como um deus ; é vasto Oceano, que toda a face do Universo envolve. Sim: depois que te vi, tudo a meus olhos tudo, ó nympha, mudou ; tudo aborreço, onde imagens de amor achar não posso ; tudo me é caro, em que descubro impréssas graças, que as graças tuas assemelhem, ou ternura, ou furór, como os que eu sinto.

O' náíade, por ti deixei sem custo da variada caça as arduas lidas. Arco, aljava, é buzina, ¡eil-os ! Pendentes para sempre os deixei n'estas arcadas de balançados ramos ; livremente podeis desde hoje divagar, ó feras.

Eu te off'reço, ó Diana, as armas tuas :
já não sou teu, já não ; sigo outra deusa ;
outra, e melhor que tu no rosto e genio.
Plumosos bandos, que adornais as selvas,
vou deixar-vos a paz ; correi sem medo,
mansos veados, do regato á borda ;
Narciso caçador já vos não segue :
vivei, gozae do amor, aves e feras ;
o impio cuja dextra ousou mil vezes
arrancar d'entre vós esposas, filhos,
que julgava triumphar quando era infame,
e ser feliz quando ereis desditosos,
agora é como vós de amor escravo.
Como tu, brando pombo, entre a floresta
suspira pela ausente companheira.
Às aves que apanhei, que prêsas guardo,
il-as-hei libertar ; de novo firme
os laços hymeneu que eu desligára ;
todo o imperio d'amor ditoso viva ;
porém eu. . . Vem, ó náíade, não posso
sem te achar junto a mim, viver ditoso.
Praza aos Ceos que esta tarde a fonte deixes,
que venhas passear n'esta frescura,
e vejas logo as expressões do amante ;
e para lhe escrever a sétta empunhes,
com que ousavas, ferindo-te, matal-o.

Adeus, filha da fonte, amavel nympha.
Se queres solidão, sahir já podes,
que eu vou deixar-te em liberdade a selva.
Imprime os labios teus sobre este lirio,
que ao pé nasceu d'este salgueiro annoso.
Beijando-o, pensa em mim, que ámanhan quero
beber teu beijo pelo niveo calix.

CARTA XX

EM NOME DA NAIADE

Ecco a Narciso

Agora que o crepusculo da tarde
em vez do sol aclara a Natureza,
pude a furto sahir da argentea fonte.
O pejo teme a luz; da tarde as sombras
mais propícias lhe são, guardam segredo,
merecem mais segura confiança.

Quiz vêr se inda te achava; e emquanto incerta
vagava aqui e ali pelo confuso
labyrinto do bosque, ao longe avisto
uma aljava a brilhar n'um torto ramo.
Lembrou-me que de Amor talvez seria,
ou de algum caçador que a ali deixasse.
Quiz fugir, apressei com susto o passo;
mas depois — «Este bosque é solitario,
digo parando; «alto silencio impera;
«ninguem respira aqui, mais do que a amante
«do encantador, do candido Narciso;
«¿ será d'elle esta aljava?» Um mago instincto
para o salgueiro conduziu meus passos.
Olhei de novo em roda, e mais segura
fui para a levantar... ; Que inesperada,
que ditosa surpresa! ; encontro as cifras,
que a mão mais terna para mim traçára!

Foge rapido o tempo; um dia inteiro
ao que dizer-te quero inda não basta.
Sabe que eu te amo, que eu te adoro ardendo;
que é fogo o sangue meu, fogo a minha alma;
que ou não durmo, ou se durmo em ti só penso;
que deliro de amor se estás presente,
se não te avisto, de saudades morro;
que o que nunca senti, sentir me fazes;

que sou outra ; que os brincos me aborrecem.
e quanto não és tu, me enfada e cança.

Desejo igual ao teu me ferve n'alma;
quero ver-te, abraçar-te, ouvir-te, quero
teus beijos acceitar: sobre teu lirio
já mil depositei; bebel-os podes.
O teu, colhi-o eu já, guardo-o no peito,
guardo-o no coração mudado em chamma.

¡Como era doce o venturoso verso
de um tal presente mensageiro amavel !

NARCISO E A BELLA NIADE SE ADORAM.

¡Oh ! ¡praza aos Ceos que m'o repitas sempre !
¡Mas ah! dos labios teus quero escutar-t'o,
e responder-te em beijos, em caricias.

Não chagues ámanhan da fonte á borda,
que eu ficarei co'a minha mãe na gruta ;
devemos evitar qualquer suspeita.
Depois que a noite desdobrar seu manto,
quando o silencio e as trevas se espalharem,
vem, não tardes, ao concavo rochedo
por cujo esquerdo lado se deslisa
d'esta fonte a matriz; junto da entrada
se abraçam, por signal, dois vastos cedros.

Adeus, Narciso, adeus: beijo o teu lirio ;
volto á fonte a velar como velaste
longa noite de amor. Suave amigo,
querido amante, e bem depressa esposo,
adeus, repoisas em paz, de mim te lembra.

A triste escuridão que já se estende
não me permite o proseguir meus versos.
Torno a ler a expressão que me enviaste :

NARCISO E A BELLA NIADE SE ADORAM.

CARTA XXI

Ecco a Narciso

Narciso, inda te escrevo: o amor de todo
no meu peito expirou por teus repudios,
mas fica em seu logar odio e vingança.

Desejar ser feliz é lei suprema;
busquei-a preencher, tu te oppozeste:
gemi sem fruto, de meus ais te riste.
Humilhei-me, abati-me aos pés de um monstro,
queimei baldado incenso a ferreo nume.
Restava-me o artificio, o engano, a fraude,
para alcançar-te; sujeitei-me a tudo.
Tomei de tua nymphá o caro nome;
sincero amor em falsos caractéres
a teus olhos expuz; para o retiro
te convidei do concavo rochedo.
Esperei-te entre colera e ternura,
pois tinha de abraçar-te, unir-te á bocca
minha bocca amorosa, mas não tinha
de abraçar, de beijar meu terno amante.
Vieste: ¡ os passos teus senti de longe!
Paraste um pouco na sombria entrada,
e em baixa voz, que te alterava o susto,
«*Náiade, estás aqui?*» — *Aqui* — respondo.
Entraste affeito; e apenas te embebestes
no horror da escuridão, corro a teus braços,
sem temer que os teus olhos me trahissem.
No primeiro transporte ardendo abraças
meu collo e minha fronte, e as faces beijas...
Mas, ¿ que deusa invejosa, ímpio, te poudes
subitamente revelar o arcano?
Mal tua dextra errante se firmára
sobre o meu seio, horrorisado sóltas
um grito de terror: «*Quem és?*» exclamas,
«*Não, não és tu.*» — Mais rapido que a frecha
me fugiste a voar pelo escarpado,
fragoso dorso de íngremes rochedos.

Quiz-te seguir, o espanto me reteve:
fiquei pasmada, fria, immovel, muda,
qual do marmore duro antiga estatua.
Mas quero compensar-te a minha affronta,
a minha extrema dor, de que és só causa.

A Náíade gentil, que terno adoras,
és tu mesmo, é teu rosto impresso n'agua!
Amas a sombra van do objecto que amo;
és de inutil amor como eu vassallo;
vive em ti mesmo o que ancioso buscas;
não o podes gozar; mas eu, perverso,
se não gozo o que busco, é porque foges,
qual de Furia infernal, da terna amante.

Eu te desprezo, eu te abomino; apenas
basta o meu coração para o meu odio,
mas odio justo, aos crimes teus devido.
Tu me roubaste a paz, a liberdade,
os risos, o prazer, a gloria, tudo,
tudo, ingrato, até mesmo o Ser de Nympha.

Pintou-me horrível sonho á turva idéia,
que eu me ia transformando em vastas rochas.
Fugia-me o calor, coava o gêlo
pelos membros já duros, já disformes.
Pretendia fugir, sentia as plantas
mudadas em montões de rijas pedras;
erguer as mãos aos céos, eis se tornavam
os braços meus alcantilados serros.
N'este estado infeliz, o sentimento
se apagava em meu corpo, e só do antigo
conservava alma e voz, qual hoje a tenho.

Narciso, os sonhos meus nunca me illudem:
roubaste me de nympha essencia e corpo;
sinto o sonhado frio ir-me abraçando;
a pouco e pouco os membros se entorpecem.
Com trabalho aqui vim para escrever-te;
a custo movo a mão, que as letras fórma.

Adeus, vou retirar-me aos ínvios bosques,
juntar-me ás serras companheiras minhas,
soffrer eternamente os meus desgostos.
! As Furias te abandono, ellas te esperam!

Já Némesis e Amor co'as mãos divinas
se apoderam de ti, da luz te arrojam
para as margens da Styge; em cujas aguas,
se os deuses justos são, deves suspenso
eternamente olhar teu proprio gesto
já murcho pela dor, já nú de encantos,
abrazado, ferido pelo ferreo
ardente açoite da feroz Megéra.

¡ Adeus ! Véste, infeliz, baldado pranto.
desespera-te, clama, exora os deuses ;
tua cabeça ás negras Fúrias voto,
¡ impio ! ¡ do teu perdão passou-se o tempo !

FIM DAS CARTAS DE ECCO E NARCISO

AS QUEIXAS DE LIRÍOPE

IDYLLIO

PARA SERVIR DE CONCLUSÃO AO ROMANCE
DE «ECCO E NARCISO»

Depois que justa Némesis mudára
o louco adorador em tenue planta,
Liríope infeliz, mal que esta nova
lhe foi rasgar o coração materno,
Liríope infeliz, a mãe do ingrato,
agora já não mãe, sahiu correndo
d'entre as vagas do Oceano a pranteal-o ;
a cobrir de seu choro as novas flores ;
a ver os sitios, que habitou Narciso ;
a encher-se mais do luto da saudade.
Em vão de compassivo o turvo Oceano
sustêl-a quiz na cristallina gruta ;
em vão ternas irmans lh'o supplicaram ;
d'entre ellas se arrancou surda aos clamores.
Por entre as ondas rapidas, que lutam
co'o fragor do trovão no mar que espuma,
foge-lhes, corre, e para as margens vòa :
demanda o bosque lugubre e funesto,
e a argentea fonte da illusão principio.

A' entrada do arvoredó as alvas filhas
do queixoso Cephiso a rodearam ;
e co'as tranças limpando o pranto amargo,
que a chover sobre as faces lhes tornava,
«Deusa, lhe gritam, foge d'este sitio ;
«não te augmentes a dôr, que já trasborda,
«vae chorar n'outra parte: joh! não funestes
«fitando a nova flor teus olhos tristes.»

Surda aos conselhos, demudado o aspecto,
correndo incerta, e perturbada a vista,

«Quero-o ver, quero-o ver, mostra-e-m'o, exclama;
 «jeu quero-o ver, e devo; ide, mostra-e-m'o!
 «Crueis, não m'o occulteis, quero beijal-o,
 «quero carpil-o em vão... meu filho é morto!»
 Disse: e affloita rompeu no denso bosque.

E' fama que gemeram, que ulularam
 á sua entrada as Driades nos troncos.
 Chega ao sitio funesto; a planta encontra,
 qual lhe pintára n'alma o horrendo annuncio.
 Pára; por longo tempo immovel fica
 attentando na flor, e emfim rasgando
 co'as alvas mãos freneticas o seio:
 «¿ És tu, és tu que eu vejo... amavel filho?
 «¿ És tu?... ¿ mas que é da face? ¿ os olhos negros?
 «¿ Que é da bocca rosada? ¿ Onde os carinhos,
 «que mostravas ao ver-me? ¿ Onde os teus passos
 «majestosos estão? ¿ Como perdeste
 «a força invicta que aterrava as feras!
 «¿ És tu meu filho, inanimada planta,
 «debil, caduca, humilde? ¿ Oh! ¿ Céos! ¿ e deve
 «qualquer vento, ou pastor, ou fraco insecto
 «atrever-se a offendel-o?... ¿ És tu, Narciso?
 «¿ És tu que eu vejo? ¿ oh! ¿ dor!... Indignos Fados,
 «Númes crueis, restitui-me o filho.»

Mal tinha dito, e as lagrimas ferventes
 da afflictta Mãe, que á terra se arrojára,
 choviam sobre a flor: quer abraçal-a,
 mas de offendel-a treme, e a beija apenas.
 Mudamente depois se poz a olhal-a;
 e alçando a voz: «O' Náíades chorosas,
 «irmãs do filho meu, correi, vos peço,
 «ide, trazei-me resinosos troncos.
 «O sol vai-se esconder: seu raio extremo
 «já fugiu d'esta flor... ¿ ah! ¿ de meu filho!
 «Não tarda a noite, ao luto a consagremos.
 «Em torno do meu filho os vossos ramos
 «para honral-o accendei; não possa a noite
 «privar-nos de inda o ver, de ver Narciso.»

¿ Co'as tedas funeraes eil-as que voltam!
 Cravam na terra os inflammados ramos,
 e entram de novo a prantear caladas.
 Baixára a noite horrendamente escura;

a lua não surgiu; só clara Venus
no ethereo Oceano scintillou vaidosa.
Pelo negrume do pasmado bosque
longos espectros pallidos correram;
nem levemente as folhas respiraram;
só môchos pelas grimpas do arvoredó
barbaramente vozear se ouviram;
e o lugubre clarão da scena infausta
redobrava o terror mostrando as sombras.
Com dor alçando a voz a Mãe começa,
com soluços, com ais trocando as queixas.

«¿ E ha piedade nos Céos?... ; elle não vive !...
«Pranteae de meu filho o fado acerbo,
«a meu devido chôro una-se o vosso.
«Narciso, meu prazer, meu bem, meu tudo,
«meu filho, que inda é mais, tu nos deixaste;
«pelo universo em vão te procurára.
«Mães desgraçadas, consolae-vos todas,
«a vossos males o meu mal excede.
«Vós, se um filho perdeis, levail-o á pyra;
«recolheis suas cinzas; sobre a urna
«vos lançais a abraçal-o; o vosso pranto
«cai sobre o que era outr'ora vosso filho;
«elle talvez do tumulo vos ouve :
«julgais que vos responde, ou que suspira.
«Entre ondas de terror vêdes phantasmas,
«que a fôrma tomam do perdido objecto ;
«e quando sois mortaes morreis com elle.
«Mas eu... Pereça o dia abominavel,
«em que o férvido amante entre seus braços
«forçada me apertou: prazer, ventura
«para as mais é ser mãe... ; Oh ! ; quatro vezes
«quatro vezes feliz a esposa esteril !
«Môchos, vós que gemeis sobre estes ramos,
«vós gemestes por certo á hora infausta,
«em que Amor lhe deu ser, que hoje lhe rouba.
«Barbaro Amor, que d'estes ais te agradas,
«ah ! fuge d'entre nós; tiranno indigno,
«não venhas gloriar-te em minhas queixas.
«Pranteae de meu filho o fado acerbo,
«a meu devido chôro una-se o vosso.

«Venus, tu que seu mal tambem causaste,
«que astro d'ouro dos céos nos estás vendo,

«se és da ternura a deusa, offusca o brilho,
 «chora commigo, ou fuge do horizonte.
 «¿ Talvez tu mesma, ó Venus, o adorasses !
 «¿ E quem podia impunemente olhal-o ?
 «Meu Narciso, o meu filho, era mais bello
 «que o teu Adonis, invejosa Cypria.
 «Era mais bello o objecto, que espertára
 «dentro em seu coração de amor as chammas :
 «o fogo de meu filho era mais vivo;
 «foi na paixão mais infeliz que Adonis.
 «A flor do meu Narciso é mais singela,
 «mais amavel que a rosa; o mundo inteiro
 «outra flor não produz, que assim me agrade.
 «A pura candidez que tinha n'alma
 «tem nas folhas; entre ellas se conserva
 «o purpureo rubor, que lhe convinha.
 «Não tem na planta, como a rosa, espinhos,
 «mais bello é seu perfume; ¡ ah ! seu perfume
 «é da sua virtude a propria imagem.
 «Teu Adonis por ti só foi carpido;
 «mas esta dor, que o coração me turva,
 «eil-a em suas irmans, eil-a entranhada
 «em quantas nymphas pelo bosque habitam !
 «Venus, se és deusa da fiel ternura,
 «respeita nossa dôr, sóme os teus raios:
 «não subas para os céos, clara Diana.
 «Morreu meu filho, o teu alumno é morto!...
 «Pranteae de meu filho o fado acerbo,
 «a meu devido chôro una-se o vosso.

«Lembra-me o tempo alegre em que meu filho
 «nutria ao seio meu: brincam me n'alma
 «inda seu riso e simplicies festejos.
 «C'o pequenina bôca um beijo pede;
 «eu lh'o dou; com ar ledô está sorrindo.
 «C'o a mão inda inexperta ora me puxa
 «para o rosto o cabello, ora meus labios
 «c'os dedinhos me aperta. ¡ Ah ! ¡ que eu deliro !
 «Sim: de tudo gozei... ¡ Mas elle é morto !
 «Pranteae de meu filho o fado acerbo,
 «a meu devido chôro, una-se o vosso.

«Terra invejosa, ¡ ah ! ¡ tu m'ô cubicaste !
 «Tão lindo objecto como foi Narciso,
 «nunca o tu possuiste ! Eis-me roubada !...

«para teu filho o filho meu quizeste ;
«os meus despojos te fizeram rica:
«restitue-m'o outra vez, Terra invejosa;
«do avaro seio teu para o meu seio
«vou transportar as adoradas flôres.
«Mas, ¿quem sabe? . ¿oh terror !talvez que sintam !
«talvez materna dextra espedaçasse,
«colhendo as flôres, de meu filho os membros.
«Se elle é sensível, se escutar me póde,
«se transformado em planta inda aqui vive,
«¡ ah! não mais d'este sitio hei-de apartar me.
«Meu filho está sem fôrça, hei-de amparal-o,
«sentirá sempre os maternas carinhos.
• Não quero que jámais supporte a sêc'e,
«nem que insectos aligei os lhe poisem.
«Morra quem lhe chegar. Se um vento agreste
«quizer prostral-o, me achará diante.
«Terra, dá-lhe á raiz copiosos succos,
«o filho nutre, que eu nutri na infancia ;
«Phébo, dá-lhe o calor que exige a vida;
«Lua, ajuda-lhe o augmento ; orvalhos frescos
«lhe envia lá do Céu, chorando, Aurora ;
«brincae com elle, ó zephyros, ó auras.
«Saudade, eu te consagro este ermo sitio.
«Nunca mais o prazer aqui se encontre.
«Driades, que habitais nos duros troncos,
«pranteae de meu filho o fado acerbo,
«a meu devido chôro una-se o vosso.

«E tu, fonte cruel, que m'o illúdiste,
«nem ave, nem pastor prove essas aguas:
«côrras no inverno túmida e medonha ;
«séques no estio : o outomno te enxovalhe
«c'oas sêcas folhas, que dispersa o vento ;
«na primave a as serpes te envenenem ;
«banhem-se em ti só fétidas harpías ;
«de acónito, e cicuta as margens enchas;
«possa a dôr maternal tocando os numes,
«fadar-te horrôres, com que a Styge excédas.
«Irmans do filho meu, Náíades ternas,
«pranteae de meu filho o fado acerbo,
«a meu devido chôro una-se o vosso.

«Narciso !... ¡mas que ideia entra em minha alma!
«¿Quem sabe se és feliz em quanto chôro !

«Teu amôr, que mortal não gozarias,
«gozando agora estás, amas-te ainda,
«reunes em ti mesmo oppostos sexos,
«fecundas-te; joh; transporte! eil-a presinto
«propagar-se no mundo a nova especie!
«Passou-se o tempo de chorar sem fruto;
«propicia a Natureza te consola;
«gozas perenne amor, que nem ciumes,
«nem te gera pezar, nem se resfria;
«os laços de Hymeneu te unem contigo.
«? Porém gózas-te d'isto? ; acaso sentes?
«; Incerteza cruel! Já na minha alma
«dôce consolação caber não póde.
«Pranteae de meu filho o fado acerbo,
«a meu devido chôro una-se o vosso.

• Meu filho, eu te consagro em monumento
«este visinho funeral cypreste.
«Eu mesma de seus ramos coroada
«n'êsta selva de lugubre sussurro,
«pallida e muda, e em negro cinto envolta,
«em torno d'elle girarei chorando,
«qual espectro saudoso em tôrno á campa.
«Se aqui passar alguém, na horrivel fonte
«não soffrerei que toque, e um cheio vaso
«aos labios lhe porei da agua mais pura,
«Dar-lhe-hei para comer silvestres frutos:
«farei que um pouco ao lado meu repoise
«á sombra d'estas arvores da morte,
«e assim lhe contarei meus infortunios:

«—Demora-te inda um pouco, hospede amigo,
adora este logar, e as alvas flôres;
«são do amavel Narciso amaveis restos.
«Foi bello como o sol, foi sempre esquivo!
«Suspiraram por elle as nymphas todas,
«nenhuma o mereceu; mas foi vencido
«pelo gesto melhor, que tinha o mundo;
«viu na proxima fonte a propria imagem,
«amou-a, delirou, teve-a por nympha.
«Conheceu a illusão, mas foi já tarde;
«entranhada afflicção cortou seus dias;
«os nunes n'esta planta o converteram.
«Aqui o Irmão as Náiades choráram;
«e eu sua mãe, sem elle inconsolavel,

«o alto cipreste lhe sagrei chorando.
«Gravei sôbre elle o nome de *Narciso*;
«e pendurei qual vês, sôbre a legenda
«o arco, a buzina, a aljava de meu filho.
«Passageiro, não mais. ergue-te á pressa,
«chora, beija esta flor, e deixa o sitio. —
«Cortae formosas Náíades as tranças,
«e o fraterno cipreste ornae com ellas;
«pranteai de meu filho o fado acerbo,
«a meu devido chôro una-se o vosso.»

Assim bradou Liríope, e de novo
a chorar começou findando as queixas.
As filhas do Cephiso a acompanharam,
de Narciso pranteando o fado acerbo,
e ao chôro maternal seu chôro uníram
Mergulhadas na dor por largas horas
ficaram soluçando entre o silencio.
Foram-se os altos ceos a pouco e pouco
de luz enchendo, e desmaiando os fachos;
foi córando o horisonte a fresca aurora;
raiou no Oriente o sol, que viu de pranto
a bella e nova flor toda orvalhada.
As nymphas pelo bosque discorrêram
todo o dia a chorar; volvendo a noite
a seu emprêgo lúgubre volveram,
e tres dias assim passáram juntas;
e diz-se, que inda agora é seu costume
ir cada anno uma vez, no proprio dia,
por seu perdido Irmão chamar no bosque,
onde a mãe consternada está velando;
e nos gritos da dor se ouve inda agora
Ecco infeliz de longe a acompanhá-las.

FIM.

DIFFERENTES PEÇAS

SOBRE O OBJECTO DE

ECCO E NARCISO

CANÇONETA

Joven Lilia, abandonada
por seu lindo ingrato amante,
solitaria, delirante
divagava em seu jardim,
e ás florinhas, que a cercavam,
a chorar dizia assim :

«Vosso fado e curta vida,
«i quanto invejo, ó minhas flores !
«Se gozais breves amores
«co'a existencia os acabais :
«eu perdi ternos affagos,
«e inda existo entre os mortaes.»

N'isto aos olhos por acaso
se lhe off'rece alvo Narciso.
Corre a Nympha, e de improviso
quer a flor aos pés calcar;
que o retrato de um perverso
não se deve conservar.

Sobre o pé da tenra planta
vingativa dextra alçára;
porém treme, hesita, e pára;
não se atreve a ser cruel:
«Vive, diz, ó linda imagem
«do meu barbaro infiel.

«Vive, ó flor, e ás inexpertas
«qual eu fui, traze á memoria
«de Ecco afflicta a escura historia,
«triste victima de amor.
«Vive, e lembrem-se os ingratos,
«qual se pune atroz rigor.»

CARTA

*Que o autor recebeu de uma senhora
pelo correio de Lisboa, logo depois da publicação
da primeira parte d'esta obra*

SENHOR

Se uma convenção, talvez bem opposta á lei da reciprocidade, prohibe ás mulheres o ingerir-se nas Sciencias elevadas, bem como nos negocios publicos, ao menos não lhes é negado o direito de pensar nas coisas que interessam particularmente o seu amor proprio. Não condemneis pois, Senhor, a justa em- preza que eu tómo: ficando certo, que não é sem tributar homenagem ao genio, sem confessar a mi- nha admiração pelos vossos raros e brilhantes talen- tos, que eu ousou proferir duas palavras ácerca das vossas CARTAS DE ECCO E NARCISO.

Sim, Senhor; a leitura d'esta obra em duplicado modo offende o bello sexo, que esperava da vossa delicada Musa mais affabilidade: aqui a mulher se escandaliza por ver barbaramente despresado o sen- timento que mais préza, o filho mimoso do seu cora- ção; e o homem perde-lhe a estima, vendo-a tão supplicante á custa do pudor. — Com effeito a vossa fabula poetica parece-me fóra da Natureza: é sem- pre da Belleza que nasce o amor; a Belleza, na lin- guagem dos poetas, é uma deusa; e a uma deusa não convém um character de humilhação. — Quando se pintam os extremos de um amante despresado por uma bella, a verosimilhança está na sua integri- dade; repete-se nos o que todos os dias se observa; e retrata-se a Natureza pelo lado por que costumâ- mos vê-la. E tanto augmenta a graça feminil uma repulsa aos reclamos amorosos do homem, quanto esta repulsa torna mais desejado, e quasi divino, o prazer que o amor prepara.

Talvez, Senhor, me digais que é do character da Fabula o ser mais livre que a Verdade; e que um poeta se permite com justiça dizer galantes mentiras a favor do seu poema: convenho; mas a penna d'oiro, que vos concedeu Apollo, só deve traçar a verdade pura como a vossa alma, brilhante como a vossa imaginação, amavel como o vosso espirito.

Espera-se ainda uma Segunda Parte da vossa Obra; Acaso continuará ella este paradoxo do sentimento? — Qualquer que seja o destino do vosso Narciso, a infeliz Ecco nunca será vingada. Mas eu folgo de esperar das riquezas do vosso genio uma completa indemnisação da offensa, que fizestes no nosso innocente pêjo.

etc.

M. C. L.

N. B. *Como estas, recebeu o autor algumas outras Cartas; e não lhe sendo possível responder a cada uma em particular, nas duas Epistolas, que se seguem, elle se dirige a todas as Senhoras Portuguezas.*

O EDITOR.

EPISTOLA I

ÁS PORTUGUEZAS FORMOSAS

Amaveis Lusitanas,
de novo aos mares volto,
concérto o roto lenho,
ao vento as vélas sólto.

Bem sei que presidido
por ástro deshumano,
me vi já naufragante
n'este fatal Oceano.

A custo d'entre as ondas
ganhando a praia então,
jurei não mais fiar-me
da cérula extensão.

! Mas que não póde o tempo !
Dos votos meus zombou ;
os p'rigos me esqueceram,
a esp'rança me voltou.

De Ecco e Narciso a historia
infaustamente urdida,
vai ser no Luso Pindo
inteira repetida.

Já sinto a fama, erguendo
a voz funesta ao vate,
e dar no clarim d'oiro
universal rebate.

O indómito capricho
voa de sala em sala ;
de affrontas, de vingança,
de guerras só vos fala.

As armas suspendidas
de novo levantai ;
! que exercitos sem conto !
! que intrépidas marchais !

! Que vistas inflammadas !
! que bellico furôr !
! que fôrças invenciveis !
! que marcial clamor !

O Macedonio invicto,
que o mundo avassallára,
ante as phalanges vossas
vencido se mostrára.

A vossos pés gemendo
poria a espada fera ;
se aos Povos deu cadeias,
de vós as recebêra.

Invictas Amazonas,
deixemos o furor ;
só militar vos cumpre
nos arraiaes de Amor.

Não sou contrario vosso ;
debalde a fama o diz ;
não fui brutal Diomédes :
deusas ferir não quiz.

Pacifica oliveira,
arvôro em vez de espada ;
voltae á encantadora
doçura costumada.

Se acaso reo me crêdes,
de vossos esquadrões
sáia uma só guerreira,
e lance-me em grilhões.

Olhae, que não é justo,
honroso, nem egual,
que exercitos de deusas
triumphem de um mortal.

Deponde um pouco as iras.
olhae o meu *Processo*,
e a decisão de Numes
não rejeiteis vos peço.

E então, se a vossa graça
de novo me outorgais,
de ser o cantor vosso
não deixarei jámais.

Baixando do Parnaso
as nove deusas bellas,
sómente hão-de inspirar-me
ternissimas *Novellas* ;

e quando da Castália
beber sacro licor,
só dictarei preceitos
do vosso toucador.

EPISTOLA II

ÀS PORTUGUEZAS FEIAS

Das nymphas seguir os vestígios
das nossas mortaes é dever ;
o' vós, Lusitanas,
que amais, sem poder
jámais agradar,
a amante de Narciso
convem-vos imitar.

Se tendes de Venus o peito,
de Venus sem ter o semblante,
deponde das Bellas
o genio arrogante,
pedi, supplicae ;
se amor cruel vos foge,
as azas lhe tomae.

Co'as ondas as rochas se gastam,
as feras o tempo amacia ;
mostrae-vos constantes,
e o que vos fugia
por fim conseguis ;
quem teima, ou tarde ou cedo
costuma ser feliz.

E se esta lição vos é nova,
vós, gratas ao vosso cantor,
seguí-o em tal guerra ;
deveil-o ao furor
das bellas roubar ;
Se *Furias* o defendem,
Não tem que recear.

PROCESSO DE CYTHÉRA

DISCURSO DE AGLAIA

A MAIS NOVA DAS GRAÇAS
REPRESENTANTE DAS SENHORAS PORTUGUEZAS

*Contra o autor das «Cartas de Ecco e Narciso»
perante o Supremo Tribunal de Cythéra*

Amavel deusa de Chypre, candidos Prazeres, festivos Jogos, invencíveis Amores, membros d'este respeitavel Tribunal, dignae-vos escutar-me com bondade. Eu exijo toda a vossa attenção, e logo reclamarei toda a vossa justiça. E' em nome das amaveis Portuguezas que eu falo, é de um crime horrivel commettido contra ellas que me venho queixar. Um escandalo público, uma perigosa innovação, a belleza insultada, o amor sacrilegamente escarnecido; eis aqui em resumo o delicto d'aquelle que eu accuso perante vós. — Mas antes de entrar n'esta exposição, seja-me licito apresentar, como base, alguns principios, em que todos vós concordareis.

A Poesia foi a primeira linguagem do amor. Os pastores da Arcadia recostados entre os seus gados á sombra das arvores floridas, nos bellos dias de uma primavera eterna; homens de costumes simples, filhos da Natureza, entregues á mais pura sensibilidade; rodeados de paz, de segurança, de amenidade; testemunhas da innocente ternura das aves, dos rebanhos, e ainda das plantas; estes primeiros cultivadores das Musas, cujo mundo estava todo nos seus campos, e cuja sciencia consistia no conhecimento do proprio coração, cantaram a belleza das amaveis pastoras, o effeito, que as suas graças produziam n'elles, o fogo dos seus desejos, a vivacidade dos seus

transportes; prometteram-lhes a sua constancia, e supplicaram os seus favores. Aquellas que, pelos seus encantos, reuniram um maior numero de adoradores, viram-se na precisão de fazer entre elles escolha: de aqui nasceram as rivalidades; das rivalidades o emprego de todos os meios imaginaveis para agradar; e d'entre elles, nenhum apparece mais efficaz do que a humilhação e a importunidade. Os primeiros cantos pois respiráram um character de dependencia; e os lindos objectos a que se dirigiam, começaram a mostrar pelas suas maneiras esquivas, e pelo desprezo das mais abatidas súplicas uma bem entendida soberania. Este procedimento classico dos dois sexos nos tempos do mundo primitivo, estendeu-se através dos seculos, formou n'esta parte o character de todos os povos da terra; e engrossado de idade em idade pelo habito, tem produzido uma torrente invencivel, que ha-de abraçar o mundo em quanto existir o amor. Esta posse não interrompida, que o meu sexo tem desde a mais alta antiguidade, lhe constitue já por si um direito muito respeitavel; mas ha ainda alguma coisa mais.

Este longo hábito não podia sempre ter existido no mesmo pé, se, para resistir ao curso impetuoso dos annos, se não achasse abraçado á Natureza, como a uma columna invencivel; porque se o capricho o tivesse feito nascer, e á arte se devesse o seu augmento, é certo que elle não duraria já, porque as obras da arte e do capricho são mortaes como os homens. Mas a soberania da mulher tem a sua razão na Natureza mesma. Encarregada de guardar um precioso depósito, o thesoiro da sua honra, a mulher se desenvolve mais cedo, e a sua razão amadurece quando a do homem está apenas em flôr: esta razão é o escudo, que ella recebe das mãos da Natureza, entrando na idade, em que é forçoso alistar-se debaixo das bandeiras de Venus. Uma voz interior a adverte, que ella na primeira victoria do amor arrisca mais que o homem; que a censura e a malignidade não lhes costuma perdoar certas fraquezas, que nos homens apenas são consideradas.

Por outra parte, os prazeres amorosos estão repartidos com egualdade pelos dois sexos; as penas

parece terem sido só reservadas para o nosso. E' a mãe quem soffre dando a vida ao filho; é a mãe quem o sustenta na sua infancia, e quem o guia nos seus primeiros passos; quem começa a formar a sua razão; é no coração materno, que todos os males de um filho reflectem com toda a sua energia. As obrigações mais duras e fastidiosas da vida doméstica, a sujeição e a obediencia, mil deveres difficeis na prática, uma constante necessidade de prevenir juizos sinistros, em que o mundo não costuma ser avaro; eis aqui em poucas palavras o quadro da vida conjugal para a mulher, vida de que o homem quasi não conhece mais do que os prazeres. E' pois ella, ou o homem quem deve supplicar?

Mas examinemos ainda de mais perto as intenções da Natureza. Foi ella quem lançou pela sua propria mão no coração do homem o germen d'essa audacia reprehendedora que o caracteriza, ao mesmo tempo que a timidez e o pudor formam o nosso genio, e circumscrevem as nossas acções dentro do mais apertado circulo, do qual nós não costumamos, não podemos, nem queremos sahir. Não seria por tanto absurdo e comicamente ridiculo, pretender que a timidez atacasse, e o atrevimento não fizesse mais que defender-se?

As mulheres couberam tambem em sorte a maior formosura, as mais bellas, as mais amaveis qualidades: teem ideias vivas, sentimentos delicados e affectuosos, expressão meiga e affavel, voz insinuante, e um talento superior para amenisar as horas, os dias, a vida mesma, aos que teem a felicidade de viver entre ellas. Estas qualidades adoraveis são frutos, que ellas não produzem para si mesmas, ou de que pelo menos se não gozam senão indirectamente. Pretender pois que as mulheres, com tantos titulos para serem amadas, se humilhem a mendigar a ternura dos homens, seria além de uma injustiça uma loucura; loucura igual á d'aquelle que exigisse da arvore carregada com o peso de frutos deliciosos, que se arrancasse ella mesma da terra, que se dirigisse a elle, que abaixasse os seus ramos até ao chão, para que o ocioso, sem se levantar da relva, onde tivesse dormido, os podesse saborear, sem ter ao menos o trabalho de alçar a mão para colhel-os.

Mas ¿precisamos nós de mais provas, ou necessita-se de alguma, para demonstrar o que é já por si mesmo evidente? A verdade não pode jámais ser disfarçada; basta apresentar-se para ser reconhecida. — *Nas guerras amorosas a defensiva pertence á mulher.* — E' uma proposição, em que só um genio calumniador, revoltoso, perfido, e de má fé, em que só o espirito de partido levado até á insolencia, poderá não convir. Examinemos porém ainda, se para taes innovações pode haver algum fundamento nos homens. Arranquemos a mascara ao traidor: veja-o ahi pallido, tremendo, e cheio de confusão! Juizes, conheci o seu crime, e logo o convencerei da baixaza das intenções com que foi perpetrado. Falto de delicadeza para com as suas compatriotas; sem respeito a costumes tão antigos como a humanidade; rasgando sacrilegamente a primeira, e a mais importante pagina do Codigo do amor; inspirado mais pelo genio do mal, que por alguma das Musas, este joven poeta, n'um accesso de delirio, criminoso entretanto, ousou desmentir publicamente a convicção íntima dos dois sexos; oppôr-se á Natureza na sua marcha imperiosa; apresentar a mulher supplicante até á baixaza, até á indignidade, e o homem tomando rigores, que lhe não conveem, e levando-os mais longe do que as mulheres, a quem elles competem de propriedade, os teem jámais levado. A letra e principalmente o espirito da sua obra são tão lisongeiros para o seu sexo, que é de temer que este exemplo seja seguido, se vós, condemnando-o sem contemplação para com as Musas, não derdes uma prova da vossa inalteravel justiça; porque, ¿que outra coisa pretendeu elle, respeitaveis Juizes, senão fazer uma revolução em o nosso imperio? E se a obra o deshonra, o motivo que a ella o levou não o deshonra menos. Esta usurpação á Natureza e ao Amor foi emprehendida unicamente para acabar de tornar os homens tirannos do Mundo.

Desprezando os sagrados direitos de um sexo, que deviam respeitar até porque lhes cedia em fôrça, os homens tomáram para si tudo quanto podia haver grande na vida. Os poderes, as artes, as sciencias, as descobertas, as navegações, as conquistas, o commercio, tudo emfim lhes pertence, porque o usurparam:

nada se deixou ás mulheres, mais que a sujeição, o recolhimento, a humildade, a ignorancia, e os trabalhos sem glória. Restou-lhes todavia ainda um bem, mas não lh'o agradecemos; elles não poderam destruir a essencia eterna das causas, e só por isso lh'o deixaram; foi-lhes forçoso, apesar da sua altivez, apesar dos loiros, que os cingiam, esquecendo os seus triumphos de todo o genero, dobrar o joelho diante da formosura timida, queimar-lhe incenso, dirigir-lhe súplicas, e reconhecer n'ella d'este modo uma Divindade, que lhes não era posivel encadear ao seu carro de triumpho. Mas ainda quando elles podessem privar-se d'esta unica indemnisação, tornando-as dependentes e supplicantes no amor; ainda quando lhes fosse dado riscar na historia da humanidade o só capitulo onde ellas fazem o primeiro papel, o só em que o seu nome póde passar com gloria á posteridade; interessariam por ventura n'esta refórma barbara? Desenganar-se hiam bem depressa da loucura da sua escolha; sentiriam que n'estes combates a defeza é mais difficil que o ataque; veriam perdido para elles o prazer da victoria; a pouca estima, que ellas lhes podem consagrar, acabaria de todo, vendendo-os completamente seus tirannos. E' no seu estado actual, que as coisas estão no seu verdadeiro pé de conveniencia para uma e outra parte. Se o homem tem, como pretende, mais fôrça sobre si mesmo, esta fôrça junta á sua caprichosa soberba, faria que elle nunca cedesse; e o amor, em vez de uma guerra ligeira, se tornaria uma guerra pertinaz e interminavel. Prevejo que alguns mais moderados, mas não menos loucos, pretenderam que não haja absolutamente guerra nos Estados de Cupido, toda a vez que o odio não estiver nos corações, o odio que devia ser o unico germen das guerras; e que nenhum dos sexos dissimule os seus sentimentos. É outro absurdo, eu o repito cem vezes; estas coisas não podem estar bem senão do modo por que estão (*). O amor, esta mistura de penas e prazeres, ainda mais agradavel que os prazeres mesmos, perdendo

(*) Croyez-moi, après qu'on a bien raisonné ou sur l'amour, ou sur telle autre matière qu'on voudra, on trouve au bout du compte que les choses sont bien comme elles sont, et que la réforme qu'on prétendrait y apporter gêterait tout.

FONTENELL. Dialog. des Morts Dial. de Saph. et L.

d'este modo o encanto de forçar obstaculos, tornar-se-hia um negocio de poucos momentos, e a humanidade se veria privada dos seus mais bellos dias. A vida do homem é um deserto selvagem e espinhoso: ¿para que iriamos destruir os bellos jardins plantados no meio d'este deserto? ¿por que os substituiriamos por uma flôr solitaria, e de uma duração ephémera? Não: o amor deve ser demorado; é portanto necessaria a guerra; não deve ser eterna, e por isso ás mulheres compete a defeza. — Depois de tudo isto ¿quem não vê a justiça com que eu reclamo castigo, e castigo memoravel, sôbre o poeta, autor das *Cartas de Ecco e Narciso*?

Juizes, eu descanso na vossa justiça, e me abandono ao vosso zelo pelo bem universal. Desafrontae a razão, a natureza e as bellas Lusitanas offendidas; as bellas Lusitanas, que teem sido em todo o tempo o nosso cuidado, e a quem devemos tantos triumphos. O seu ressentimento tem chegado ao maior ponto; e a maior parte d'ellas, nem ousou lêr este monumento da sua vergonha.

Mandae, que o temerario para exemplo seu, e público, e para expiação do seu delicto, componha um soneto aos annos de Armia, quatro quadras para um lenço, que Jonta pretende offerecer ao seu amante, e outras quatro para outro, que ella destina á sua amiga; que sustente emfim tres noites de improvisos n'uma companhia de trinta damas, que lhe deem motes sem sentido, nem medição, e conversem em quanto elle recitar.

DISCURSO

*Em resposta ao precedente pela Musa do autor
das «Cartas de Ecco e Narciso»*

Não é para tomar parte nas festas de Cythéra, como costume, que eu deixo hoje a habitação do Parnaso. Venho defender a innocencia calumniada perante vós. Mas eu não me apresento como simples procuradora: tómo sobre mim a responsabilidade de cantos que inspirei.

Juizes, duas considerações deviam bastar para, sem exame mesmo de causa, se absolver o poeta indignamente accusado: 1.^a porque eu, que o inspirei e agora o defendo, pertenço ao mesmo sexo que se nos inculca affrontado: 2.^a permitta-se-me dizer-vol-o, porque Aglaia, bem que o não confesse, só foi aqui trazida por um espirito de vingança e de odio particular, por ter sido desprezada por Narciso no Banho da Ilha (*), offensa que não costuma ser perdoada pelo nosso sexo, e muito menos pelas Graças. Mas já que eu fui provocada, não recusarei o duello; vejo a razão da minha parte e conto com o triumpho; attendei-me pois.

Eu tinha sahido uma bella tarde da minha gruta, agradavelmente situada entre os bosques do Parnaso. Dirigi o meu passeio para as risonhas margens do Cephiso, que não corre longe da nossa montanha; lancei por acaso os olhos sobre um dos antigos choupos, que abrigam com a sua sombra immensa uma grande porção do rio; vi lettras entalhadas no seu tronco, approximei-me, e li; era a primeira Carta de *Narciso a Ecco*. Da leitura d'esta foi-me

(*) Vid. *Carta XV de Narciso a Ecco*, pag. 91 a 98.

facil prever que ella tinha sido precedida por outra; não tardei em encontral-a na arvore mais proxima; a sua leitura me fez esperar que acharia ainda muitas escriptas pela mesma mão. Fiz d'isto um negocio muito importante, corri todo o arvoredor com a maior exactidão, recolhi todas as inscrições que ali se encontravam, dei-lhes a ordem em que me pareceu provavel que tivessem sido compostas pelos dois insensatos. Tempos se passaram, sem que eu apresentasse ao mundo este thesoiro, ou antes este desgraçado cofre de Pandora. Mas veio o momento marcado pelos Fados. — Era uma bella noite de estio: o meu alumno vagava sósinho no seu jardim; o céo estava desafrontado, a lua clara, o ar tepido, a folhagem mollemente inquieta por uma viração agradável; o silencio e a paz caminhavam a seu lado; os aromas da vegetação se diffundiam em roda d'elle. A sua imaginação se accendeu a pouco e pouco, e girou com azas rapidas sobre os seculos passados; foi-lhe forçoso cantar, sentou-se, e eu me sentei invisivel ao seu lado, inspirando-lhe estes versos, que não são mais que a prova de duas loucuras oppostas, mas de que hoje se pretende fazer-lhe um crime. Uma nympha desprezada insiste no seu amor; um mancebo amado, idolatrado, persiste na ingratição e na esquivaça; eis aqui em duas palavras toda a historia, e toda a culpa.

Apenas esta obra foi apresentada aos olhos do mundo, quando logo o Capricho proclamou altamente ás Bellas, que estavam insultadas, e que á sua honra importava o vingar-se. Aglaia, contando com a victoria, talvez porque não esperava adversario, encarregou-se de apresentar as suas queivas, e fazer na vossa presença reclamações inuteis, como agora fez. Em todo o seu discurso cançou-se unicamente em demonstrar principios, em que todos concordamos e que ninguem jámais havia contestado. Provou pela pratica e pela Natureza que o nosso sexo é obrigado a defender-se, enquanto os homens são destinados a atacar. Concordo: mas perguntar-lhe-hei sómente: ¿se um exemplo em contrario destroe a generalidade de uma regra, ou se sobre um facto particular é permittido fundar uma lei universal? Se

nada d'isto se pode fazer, e como se imputa ao poeta o ter comprehendido uma revolução n'esta parte dos costumes, a mais bem estabelecida, quando elle não aventura uma só vez o seu juizo sobre o procedimento das duas personagens que fez falar ?

Quando elle tivesse tratado mais longamente ainda da historia de Diana e Endymião, Phedra e Hypolito, Biblis e Cauno, Salmacis e o filho de Mercurio, Sapho e Faon, e de mil outros como estes, ainda assim mesmo não havia crime para poder ser accusado ; porque um costume, que tira a sua força da Natureza e do uso de todos os tempos, não está sujeito a revoluções, só porque uma ou outra vez alguns phenomenos espantosos o teem interrompido.

E demais : e quem eram estas duas personagens, que a boa fé e a franqueza de Aglaia tornam, para assim dizer, representantes dos dois sexos ? Ecco e Narciso. Examinemos o retrato de ambos nas suas cartas. Ecco era uma das nymphas dos primeiros tempos ; e isto só basta para pôr muita differença entre ella e as amaveis Portuguezas de hoje. Ecco vivia nos campos, na liberdade, no regaço da Natureza ; hoje vive-se nas cidades, na sujeição, debaixo do pezo de mil cadeias forjadas pela arte, e doiradas pela delicadeza. As nymphas não tinham que dar conta das suas acções senão a si mesmas ; e por isso os impulsos do seu coração constituíam a sua unica lei, e só o genio do prazer era o guia, que conduzia os seus passos por veredas sempre alcatifadas de rosas. Hoje as mortaes, achando-se em muito diversas circumstancias, teem differentes deveres : a honra as conduz pela mão por caminhos nobres sim, ; mas quantas vezes cobertos de espinhos ! Argus vigilantes não as perdem jamais de vista, e ai do seu nome se se desviam um só passo d'esta vereda. E não é grande o constraste, que resulta d'esta confrontação ? Pois o paralelo, que eu passo a fazer entre Narciso e os mancebos de hoje, não apresentará uma opposição menos sensível. Narciso na idade de dezasseis annos só conhecia do mundo os bosques e as feras ; punha as suas occupações e os seus recreios na caça,

e não amava mais que os seus cães: e agora o Amor parece brincar já com o menino ao sahir do berço; os annos da innocencia acabam antes dos da infancia; a arte de agradar é o primeiro conhecimento, que se adquire; todas as theorias do amor se aprendem bem depressa, porque a pratica é geral, e por toda a parte sem mysterios, nem reserva. O desejo de agradar vem antes da precisão; e esta precisão mesma vem prematura; graças aos cuidados da arte sempre vigilante, que tem sabido augmentar cem vezes a seducção da belleza feminil!—Narciso vivia só pelas florestas; os mancebos d'hoje vagam de assemblea em assemblea, de theatro em theatro. Narciso tinha feito um voto de cingir-se ao culto, e ás leis de Diana; os mancebos d'hoje fazem um muito mais solemne de não abandonar jámais as leis d'amor, e o altar de Venus. Narciso ouvia Tírésias, que lhe aconselhava de fugir á ternura; os mancebos d'hoje nada querem ouvir, e desgraçado o Tirésias, que ousasse aconselhal-os de igual maneira.

Pelo que acabo de expôr-vos, deveis convencer-vos de que as damas deveriam antes agradecer ao poeta, que para apresentar um exemplo em que o meu sexo apparecesse como supplicante ao seu. lançou mão da historia de Ecco e Narciso; Ecco, a mais terna, a mais constante de todas as nymphas; Narciso, além do mais bello, o mais duro e o mais ingrato de todos os homens.

Isto era já mais que bastante; a minha adversaria está desarmada; mas é necessario vibrar-lhe o ultimo golpe. Eu lhe concedo liberalmente que Ecco e Narciso fossem réos de lesa-Natureza; mas viu-se por ventura que o poeta dissimulasse o castigo de um e outro? Não perdeu Ecco a essencia de nympha, transformada em montanha? Não findou Narciso os seus dias convertido na flôr, que ainda conserva o seu nome? Calou o poeta a apparição e a fala de Némesis, que tinha annuciado esta pena? E ultimamente, não se apresentou o ingrato perdido d'amores pela Náíade? Que ousará Aglaia responder-me depois de tudo isto?

¡ Juizes, nós estamos innocentes! Vós acabais de o vêr. E' sobre ella que deve recahir todo o pêso da vossa justiça, não só como calumniadora, mas porque é ella quem verdadeiramente offende o meu sexo, suppondo-o tão fraco, que podesse mudar de proceder, suppondo-o tão fraco, que bastasse a antiga historia dos delirios amorosos de uma nympha, para fazer a sonhada revolução, com que tanta bulha se vos fez.

SENTENÇA

O Supremo Tribunal de Cythéra, depois de ter attentamente ouvido o discurso da accusação recitado por Aglaia, contra o poeta autor das *Cartas de Ecco e Narciso*, assim como a sua defesa apresentada pela sua Musa, declara que o accusado está innocente; e como tal, determina que o crédito publico lhe seja restituído por todo o imperio do amor, ordenando egualmente, que a accusadora, convencida, como o foi da calúnia, seja por tres dias privada de tomar parte nas festas de Cythéra, e nunca mais seja vista por mancebo algum durante a sua estada no banho.

Cythéra 1 de abril.

Venus. — Os Prazeres. — Os Jogos. — Os Amores.

DESCRIÇÃO E CULTURA

DO GENERO

NARCISO

E EM PARTICULAR DA ESPECIE NARCISO DOS POETAS

(Artigo communicado ao autor por um seu amigo)

DESCRIÇÃO DO GENERO — O *Narciso* é uma planta bolbosa, pertence ao grande grupo das *monocotyledoneas*. A sua raiz (assim chamada impropriamente) é uma cebola (o *bolbo* dos Botânicos, isto é, um gomo floral, empacotado pelas folhas radicaes, que ficaram da vegetação passada, assente sobre um pequeno prato de mais forte consistencia, e de onde sahem diversas capillares, para receberem alimentos ao vegetal). Não tem tronco propriamente tal, mas apenas se eleva sobre a cebola um pedunculo, sustentando uma ou mais flôres, ordinariamente da altura de um a dois palmos, conhecido debaixo do nome de haste (*scapus*). Suas folhas estão dispostas em volta da parte inferior da haste, sem comtudo fazerem parte da mesma; ellas são oblongadas e chatas, em fôrma de uma espada (*ensiformes*). As flôres são incompletas, e teem por caractéres um perianthio simples branco (*corolla*, seg. LINN.); em uma só peça, cylindrico, com seis rachadellas até ao meio na parte superior, que apresenta a configuração de uma campainha; tem seis órgãos sexuaes masculinos (*estames*) insertos no tubo do perianthio, mais curtos que o perianthio; tem um só órgão sexual feminino (*pistillo*), mais comprido que os masculinos, com a parte superior (*stigma*) dividida em tres partes, e a inferior (ou *ovario*), arredondada, e tendo o perianthio sobre a mesma. As flôres são envolvidas no tempo do seu abotoamento por uma pe-

quena folha de consistencia palleacea (*spatha*), que por todo o tempo acompanha as flôres durante a florescencia.

As flôres do Narciso são grandes, bellas e de um aspecto deleitoso; e pela maior parte dotadas de um aroma muito agradável. Elle floresce na primavera, e torna-se dobrado por meio da cultura com muita facilidade, razão por que é habitualmente cultivado em quasi todos os nossos jardins. As flôres variam, tanto na côr, como ainda mesmo na figura: na côr, mudando de brancas para amarellas; e na figura, tornando-se os órgãos masculinos, por meio da cultura, em *pétalas* (ou folhas da flôr), o que constitue então os Narcisos dobrados, os mais frequentes nos jardins de recreio.

E' posto o Narciso por LINNEO, na classe 6.^a (*hexandria*) do seu *Systema sexual*, e na 1.^a ordem (*monoginia*) da mesma classe: e pelo nosso BRÜTERO, na *Flora Lusitana*, na classe *hexantheria* e ordem *monostilia*. — Os Botânicos não se conformam bem no numero das especies; uns contam 30, outros 20; e alguns 16; e d'estas, confôrme a *Flora Lusitana*, apenas 8 são indigenas de Portugal. Pela cultura são susceptíveis de produzirem muitas variedades: o seu numero augmenta todos os dias, e os catalogos Hollandezes apresentavam já, ha alguns annos, mais de 120 variedades, cada uma com seu nome differente.

SUA CULTURA. — Em geral a cultura dos Narcisos, é assaz facil e simples: querem uma terra ligeira, fôfa, e substancial: elles carecem de humidade. A sua cebola deve ser enterrada pouco profundamente (3 até 5 pollegadas), inclinando-se um pouco sobre o lado, para que não haja o inconveniente de se enterrar muito, rompendo a terra, o que faria com que ella não arrebentasse. A época em que se deve plantar, é indicada ao jardineiro em todos os paizes pela mesma cebola, pois que ella então principia a rebentar. Não é preciso regal-os logo depois da plantação, dado mesmo que o terreno tenha pouca humidade; porém passada a primeira época da vegetação, quando apresentando já folhas se dispõem á florescencia, deve então haver summo cuidado em

lhes sub-ministrar sufficiente agua: pelo que, frequentes vezes se regue, devendo ser menos as regas logo que desabotoa a flôr; de maneira que ao tempo em que se tirarem da terra as cebollas, ellas conservem pouca humidade.

No nosso clima, costumam-se tirar da terra as cebolas, operação que só deverá ser feita quando se houverem já dessecado as folhas, a fim de n'ellas se achar já reconcentrada uma porção de succos nutritivos, capazes de poderem alimentar o vegetal na primeira época da vegetação seguinte, e mesmo dar impulso á vegetação; póde comtudo deixar-se na terra conforme a natureza do terreno e clima.

Os amadores de novas variedades, devem ter o cuidado de approximar no alegrete, ou canteiro, as cebolas d'aquellas variedades de que elles pretendem as intermediarias, para que, por meio da fecundação reciproca, possam apparecer. A occasião propria para se apanharem as sementes, é indicada pela abertura da capsula, que as contém; as quaes, semeadas logo, produzem flôres singelas, e, pelo contrario, retardando-se as sementeiras, obtem-se então flôres dobradas.

Os Narcisos propagam-se de duas maneiras: por sementes, e pelos bolbilhos, que produz a cebola na sua circumferencia, os quaes sendo enterrados todos os annos successivamente, no fim de quatro ou cinco produzem flôres.

Os Narcisos vegetam, e florescem igualmente, sendo posta a cebola no bocal de um vidro cheio de agua; e havendo o cuidado, logo que acaba o tempo da florescencia, de enterrar as cebolas, ellas se conservam e florescem passados annos.

NARCISO DOS POETAS, SUA DESCRIÇÃO. — Entre as varias especies, é sem duvida a mais célebre pela sua antiguidade a especie *Narciso dos poetas* (*Narcissus poeticus* de Linn.) Ella foi conhecida dos antigos; e poetas mui célebres teem feito menção d'ella. E' a esta especie, que se faz attribuir a fabula de *Narciso*. Ella se encontra na Italia, e nas provincias meridio-

naes da França, onde cresce espontaneamente nos prados, e floresce em Maio.

A sua cebola é mais pequena, e mais arredondada que a de quasi todas as outras especies; as folhas mais alongadas, mais estreitas e chatas; a sua haste se eleva de entre as folhas até á altura, pouco mais ou menos, de um pé, e sobre ella apparece uma linda flôr de uma brancura de leite, bem aberta, e cujo limbo inferior fórma um anel mui curto, e de uma côr purpurea em suas bordas. Eis aqui as palavras, de que Ovidio se serve descrevendo esta flôr, METAM. L. 3.

..... *croccum*..... *florem*
Inveniunt, foliis medium cingentibus albis.

Esta flôr exhala um cheiro mui forte e agradável, que se sente em distancia; ha-a simples e dobrada, porém cada haste não dá mais que uma flôr.

SUA CULTURA. — Não differe da cultura geral, e apenas deve haver mais cuidado, em sendo a primavera sêcca, de amiudar as régas, pois que sem esta precaução difficilmente floresce. Póde-se deixar a cebola muitos annos na terra; mas quando se quizer desenterrar, convém escolher um tempo sêcco, como o de Julho, e pôl-a a seccar á sombra. Replanta-se no outomno. Sendo esta talvez de todas as especies a mais agradável e odorifera, é com muita especialidade que os floristas a conservam e cultivam em seus jardins.

NARCISO E ECCO

FABULA

NARCISO E ECCO

FABULA

EXTRAHIDA DO LIVRO 3º DA MINHA TRADUÇÃO
DAS METAMORPHOSES DE OVIDIO

Já Tyresias tem nome em toda a Grecia,
e os povos como Oraculo o consultam.

A primeira que amarga experiencia
fez dos agoiros seus, foi a formosa
filha do mar. Liríope. A innocente
deixára se enredar pelo Cephiso;
desvairada co'os giros da torrente
cahira-lhe nas maos, e em sua gruta
ás violencias de amor cedeu forçada.
; Bélla mãe, bello filho! O d'ella nasce
tal, que accender paixão já póde ás Nymphas;
chama-o Narciso. O Vate consultado
se o menino encheria idade annosa,
— *Se não se conhecer* — á mãe responde.
Van pareceu grão tempo a prophesia:
o successo, a estranheza da loucura,
e o genero da morte a comprovaram.

Conta um anno o Cephisio após tres lustros,
e é nas graças gentis infante e joven.
Mancebos mil, mil bellas o requestam,
mas tal vai de altivez co'a formosura,
que nenhum, que nenhuma obtem gosál o.
Ecco. a nympha loquaz o viu no monte
caçando á rede os trépidos veados;
Ecco, a nympha loquaz, a que não pode
falar primeiro, nem calar-se ouvindo,
inda então era corpo, e não como hoje
simples, aerea voz; da voz, comtudo,
tinha, qual tem, restricta faculdade,

só de expressões finaes compondo as suas.
 Castigo foi de Juno, que podendo
 apanhar co'o seu Jupiter mil vezes
 outras nymphas no monte, esta em conversas
 a entretinha, a dar tempo que fugissem.
 Apenas deu na astucia, a deusa em raiva,
 — «Pouco, lhe diz, te servirás da lingua
 com que ousaste enganar-me» — Um prompto effeito
 a ameaça confirmou. Ecco entretanto,
 sempre á caça dos sons, repete-os logo,
 e impaciente no fim redobra as phrases.

Esta pois, desde o instante em que nos campos
 viu a Narciso, e se inflammou por elle,
 os vestigios lhe segue occultamente;
 e qual o enxofre attrai visinha chamma,
 mais fogo assume, quanto mais o segue.
 ; Que de vezes não quiz saudal-o meiga,
 meiga implorar mercê ! ; Mas como ? ; ai triste !
 Resta-lhe um só prazer que anciosa espera,
 escutar, repetir do amado as vozes,
 juntando á phrase alheia o tom do affecto.

Dos socios seus na caça extraviado
 Narciso, os chama : «; *Ólá, ninguém me escuta?*»
 «*Escuta*» lhe responde a amante nympha.
 Elle pasma; em redor passeia os olhos,
 e não vendo ninguém «*Vem cá*» lhe grita;
 ; convite igual ao seu da parte d'ella !
 Volta-se, ; nada vê ! «*Porque me foges?*»
 brada; «; *Porque me foges?*» lhe respondem.
 Da mutua voz deluso, insiste ainda:
 «*Juntemo-nos aqui*». Phrase mais doce
 nem lh'a espera, nem quer; delira, e logo
 «*Juntemo-nos aqui*» repete a nympha:
 repete-o, e já rompendo do arvoredo
 vem de braços abertos, persuadida
 de emfim colher o suspirado objecto.
 Elle foge, fugindo illude o abraço,
 E «*Antes, di, morrerei que amor nos una.*»
 Ella immovel, co'a vista o vai seguindo,
 e ao que ouviu só responde «; *Amor nos una!*»

Corrida do despreso, entre as florestas
 a amavel solitaria se homisia,

escondendo o rubor entre as ramadas,
e desde então só vive em grutas ermas.
Inda comtudo lá lhe está lavrando
o amor, e mais acceso co'a repulsa.
Cuidados veladores a attenuam,
mirra-se mais e mais, de dia em dia,
todo o corpóreo humor se lhe evapora,
restam-lhe ossos e voz; a voz conserva-a;
os ossos, diz-se, em pedras se mudaram.
Por isso está nos bosques invisível,
em nenhum monte a vêem, ouvem-n-a em todos;
de viva, além do som, não tem mais nada.

Assim já d'esta nympha, e d'outras muitas
Oréadas e Driades, não menos
que de amores viris, zombado havia.
Mas houve d'essas victimas alguma,
que pondo as mãos, bradou: «¡ Qual amo, ó deuses,
ame, e os premios que dá seus premios sejam!»
As justas preces annuiu Rhamnusia. (*)

Sem limos, toda esplendida manava
uma fonte escondida, a cuja veia
nunca pastor chegou, nunca desceram
fartas do monte as cabras e os rebanhos;
cujo crystal nem passaros perturbam,
nem fera, nem caduca arbórea rama.
Com seu frescor em torno se lhe alastra
molle tapete hervoso, e a cingem bosques,
do lago contra os soes perenne escudo.
Da belleza do sitio e do saudoso
murmurio captivado, aqui chegava
da calma e de caçar oppresso o joven.
Deitou-se; e onde cuidou matar a sede,
outra, e mais forte achou. Como bebia,
viu-se na agua, enlevou-se em tantas graças:
julga corpo o que é sombra, a sombra adora.
Immovel, fito como Páριο busto,
pela pasmada sombra está pasmado.
Debruçado contempla aquelles olhos
astros seus, alvas mãos dignas de Baccho,
madeixas que ás de Apollo em nada invejam,

(*) Nemesis, deusa da Justiça, que humilha a prosperidade insolente e exalta o merecimento humilde.

imberbe face, eburneo collo, estreita
 linda bocca, no lyrio a côr das rosas:
 ¡admira tudo émfim que admiram n'elle !
 Louco por si recebe os seus louvores,
 arde, inflamma, requesta, é requestado.
 ¡ Que beijos vão nas aguas mentirosas !
 ¡ Que abraços dentro n'ellas mallogrados !
 Não sabe o que está vendo, e o que está vendo
 o consome de amor; produz o engano,
 e n'este engano os olhos seus fascina.
 ¡ Nescio ! deixa essa imagem fugitiva,
 nenhuma parte encerra o que procuras,
 sa, perderás n'um ponto o objecto que amas :
 nada tem de seu proprio, é teu reflexo,
 contigo vem, contigo está, contigo,
 se te podesse ir, também se iria.

Em vão nem do dormir, nem do alimento
 se lembra já: deitado sobre a relva
 não se farta de olhar seu falso enlevo,
 e pelos olhos seus de amor se fina.

evantando-se um pouco, e alçando os braços
 aos bosques do arredor: — «Ai, disse, ó bosques,
 «¿houve jámais tão barbaros amôres ?
 «Vós sabeis de bastantes, vós lhes destes,
 «n'esta tacita sombra amigo amparo;
 «vós contaes longos seculos ; jah! ¡bosques !
 «¿vistes nunca infeliz que assim morresse ?
 «Vejo, am , e não encontro o que amo e vejo !
 «Por cumulo de dôr, quem nos sépara
 «nao sao profundo mar, caminhos longos,
 «ou fechada muralha, ou crespas serras,
 «mas pobre fonte apenas. Elle mesmo
 «quer vir, quer dar-se a mim, surge a beijar-me
 «todas as vezes que a beijal-o eu desço;
 «quasi, quasi que os labios se nos tocam,
 «um nada nos estorva. ¡ Oh ! Sae da fonte
 «quem quer que sejas, singular menino,
 «nao zombes d'este ardor mais longo tempo.
 «Tu ¿por que has-de fugir-me ? A edade minha,
 «minhas feições, não cuido que o mereçam ;
 «sim, já fui procurado até das nymphas.
 «Nao sei que esp'rança meiga me estás dando
 «n'esse rosto amoroso ! Quando os braços
 «te lanço, tu m'os lanças; ris, se rio,

«se choro, estás em lagrimas; teus olhos
«sempre á phrase dos meus fieis respondem.
«E a crer da linda bôcca os movimentos,
«diriges-me expressões que ouvir não posso.

«¡Deuses! ¡que horrivel luz! . . . ¡sou elle eu mesmo!
«Este o semblante meu ! por mim me abraço,
«e o fogo em que me abraço eu proprio accendo.
«¿Serei rogado, ou rogarei ? ¡mas como,
«e o quê, se o que desejo está commigo ?
«¡Por muito possuir, nada possuo !
«¡Não poder eu soltar-me de mim mesmo ! . .
«¡Oh ! de um extranho amor desejo extranho:
«amar, e quèrer longe o objecto amado !
«Já, já sinto que a dôr me exhaure as forças.
«Já toco a meta, em minha aurora expiro.
«Não me custa por mim, que evito angustias;
«quizera. sim, mais vida ao bem que adoro;
«assim n'uma só alma os dois morremos.» —

Diz, e volta em delirio ao seu retrato.
Eis que ferventes lagrimas perturbam
do lago o espelho, e em circulos desfeita,
a formosa visão lhe vai fugindo.
Então elle:— «Onde vais ? detem-te, fica ;
«de amor não fujas, barbaro, consente
«que ao menos veja o que abraçar não posso;
«á funesta paixão dá pasto ao menos.—

N'estas queixas, as vestes despedaça,
e fere o peito nu co' as mãos de neve;
no peito assim ferido um tenue roxo
se accendeu ; tal costuma apresentar-se
pomo candido em parte, em parte rubro;
taes em cacho immaturo purpureia
alvos bagos o sol. Mas vendo n'agua
novamente espelhada o mesmo damno,
não pôde mais: bem como as loiras cêras
brando fogo derrete, e um sol temp'rado
de geôsa manhan desfaz o aljofar,
do terno, occulto incendio devorado
Narciso se desgasta e se attenúa.
a mixta côr de purpura e de neve
já se esvahiui: sumiram-se com ella
forças, vigor, encanto, o proprio corpo,

de Ecco inda ha pouco enleio. Está comtudo
de amor vendo a catastrophe, carpiu-a,
bem que não lhe esquecesse a injuria acerba;
e tantas vezes quantas o mancebo
soltára um ai, com um ai lhe respondêra;
quantas vezes com as mãos feria os braços.
dera eguaes sons de lá. Foi de Narciso
a derradeira phrase olhando o lago :
«*Ai moço amado em vão!*» Foi da floresta
queixume egual a phrase derradeira :
«*Adeus*» disse o mancebo. «*Adeus*» a Nympha.

Apoz isto, entre a gramma a lassa fronte
o misero sumiu, cerrando a morte
olhos não fartos de gozar seu dono,
e que inda o fôram remirar na Estyge.
Suas Irmans, as Naias, o choraram ;
e cortando as madeixas, lh'as pozéram
em tributo de dôr ; choraram Drías,
e Ecco seus chóros repetiu chorando.
Já fachos. pyra e feretro dispunham,
quando, em logar do corpo, acham no sitio,
uma flôr, cróceo o meio, as folhas brancas.

FIM





